

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA BAIANO
IF BAIANO – CAMPUS CATU
PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA**

ROSEMARY MAGALHÃES LIMA

***BULLYING* NA ESCOLA: A CARTILHA COMO RECURSO
EDUCATIVO DE CONSCIENTIZAÇÃO E COMBATE AO FENÔMENO**

ROSEMARY MAGALHÃES LIMA

***BULLYING* NA ESCOLA: A CARTILHA COMO RECURSO
EDUCATIVO DE CONSCIENTIZAÇÃO E COMBATE AO FENÔMENO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica - PROFEPT, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano, Campus Catu, como requisito parcial para obtenção do título Mestre em Educação Profissional e Tecnológica.

Orientadora: Profa. Dra. Patrícia de Oliveira.

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano – Campus Catu
Setor de Biblioteca

L732 Lima, Rosemary Magalhães

Bullying na escola: a cartilha como recurso educativo de conscientização e combate ao fenômeno / Rosemary Magalhães Lima. – 2021.

117 f. il.:

Orientador(a): Prof^a. Dr^a. Patrícia de Oliveira.

Inclui a cartilha “Chega de bullying! Por uma cultura de paz”, ilustrada por Victor Ernesto Silveira Silva.

Dissertação (mestrado), Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano, Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), Catu, 2021.

1. Assédio nas escolas. 2. Bullying. 3. Relação aluno-colegas. 4. Violência. 5. Ensino médio. I. Oliveira, Patrícia. II. Título.

CDU: 37:316.47



Ministério da Educação
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano
Campus Catu

Declaração 8/2021 - CAT-CCTAGRI/CAT-CGE/CAT-DDE/CAT-DG/RET/IFBAIANO

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM EDUCAÇÃO
PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA - ProfEPT**

Ata da Banca Examinadora de Defesa da Dissertação Intitulada

**BULLYING NA ESCOLA: A CARTILHA COMO RECURSO EDUCATIVO DE CONSCIENTIZAÇÃO E COMBATE AO
FENÔMENO**

No dia 20 de julho de 2021, às 14:00h, no campus Catu do IF Baiano/ através da plataforma de Webconferência da Rede Nacional de Ensino e Pesquisa, deu-se início a defesa da dissertação pela discente ROSEMARY MAGALHÃES LIMA, como requisito para conclusão do curso de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica - ProfEPT, sediado no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano - campus Catu. A Banca Examinadora foi presidida pela Profa Dra. Patricia de Oliveira e também contou com a participação da Profa. Dra. Ana Paula Cunha dos Santos Fernandes (UEPA), Profa Dra Eliane Mahl (IF Baiano - campus Alagoinhas), e Profa Dra Maria Nazaré Guimarães Marchi (IF Baiano - campus Catu/ ProfEPT). Após a abertura da sessão de defesa, a discente fez a exposição oral e, em seguida, foi arguida pela banca. Após reunião reservada, a banca aprovou a discente. A concessão do título está condicionada ao cumprimento das demais exigências previstas no Regimento do Programa.

Assinam os membros da banca:

Documento assinado eletronicamente por:

- ANA PAULA CUNHA DOS SANTOS FERNANDES ANA PAULA CUNHA DOS SANTOS FERNANDES - Outros - Universidade do Estado do Pará (34860833000144), em 30/08/2021 20:59:03.
- Maria Nazare Guimaraes Marchi, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO em 20/08/2021 13:08:38.
- Eliane Mahl, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO em 18/08/2021 20:42:27.
- Patricia de Oliveira, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO em 18/08/2021 20:28:59.

Este documento foi emitido pelo SUAP em 18/08/2021. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifbaiano.edu.br/autenticar-documento/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 226125

Código de Autenticação: bd08c8b2ee



Rua Barão de Camaçari, 118, Centro, CATU / BA, CEP 48110-000

Fone: (71) 3641-7901

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que participaram direta ou indiretamente na minha trajetória neste mestrado, em especial:

A Deus, por seu amor incondicional, que me sustentou em todos os momentos. Sua paz inundou o meu ser e foi possível prosseguir.

À minha mãe Margarida e meus irmãos Marcos e Rosilene, pelo amor, pelas orações, pelo apoio e incentivo.

Aos pequenos príncipes, Natan, meu sobrinho, e Benjamin, filho da colega Uilma, que inebriaram minha vida com sorrisos e uma imensa alegria.

À minha orientadora professora Dra. Patrícia de Oliveira, pela confiança, amizade, seriedade e lições pessoais e profissionais.

Aos meus colegas de turma e aos professores do programa por todas as trocas e experiências.

Brincadeiras são naturais e importantes para crianças e adolescentes. É por meio delas que as pessoas se desenvolvem, experimentam o mundo e aprendem a se relacionar. Mas essas brincadeiras e piadas nem sempre são saudáveis e às vezes podem ser usadas de maneira cruel para agredir e ridicularizar o outro. É o que conhecemos como bullying e que se tornou um problema endêmico nas escolas de todo o mundo. E se pararmos para pensar, todos nós já fomos vítima de hostilidade repetitiva e intencional em algum momento da nossa vida.”

Ana Beatriz Barbosa Silva
(*Bullying*: mentes perigosas nas escolas)

RESUMO

O *bullying* é um dos tipos de violência que mais se faz presente nas escolas. Apresenta-se quando ocorre violência física ou psicológica, continuamente, numa relação de desigualdade de poder, suscitando atitudes de intimidação, humilhação ou discriminação. Pode ocasionar impactos bastante negativos em todos os envolvidos (vítimas, agressores e testemunhas), sucedendo desde casos de depressão a práticas de suicídio. Este estudo teve como objetivo analisar as contribuições de teses e dissertações do repositório da CAPES sobre o *bullying* envolvendo adolescentes no contexto do ensino médio, entre os anos de 2016 a 2020. A pesquisa foi conduzida pela abordagem de natureza qualitativa e quantitativa. Com base nos objetivos levantados, se caracteriza como pesquisa exploratória. Quanto aos procedimentos, como pesquisa bibliográfica. A coleta de dados foi realizada na plataforma virtual da CAPES. Os dados foram analisados por meio da análise de conteúdo proposta por Bardin (2016). Os resultados do estudo revelaram que os trabalhos acadêmicos analisados são relevantes fontes de informações sobre o *bullying*. As consequências das práticas de *bullying* são preocupantes e podem ser agravadas. Nestas pesquisas predominam estudos relacionados à percepção sobre o *bullying* no contexto escolar e à prevenção e intervenção de conflitos, pouco se investiga sobre as consequências do fenômeno. A perspectiva epistemológica mais utilizada foi a crítico-dialética. O produto educacional elaborado foi uma cartilha direcionada aos adolescentes, com a finalidade de proporcionar informações sobre o *bullying*. Os trabalhos acadêmicos analisados contribuem para o conhecimento/conscientização sobre o *bullying*, mostram que o fenômeno é perigoso, traz consequências nocivas para os adolescentes e interfere no seu desenvolvimento. E que também a prevenção e intervenção são fundamentais para o combate ao *bullying*.

Palavras-chave: *Bullying*; Violência; Adolescente; Ensino Médio.

RESUMEN

El *bullying* es uno de los tipos de violencia más presente en las escuelas. Se presenta cuando ocurre violencia física o psicológica, con frecuencia, en una relación de desigualdad de poder, causando actitudes de intimidación, humillación o discriminación. Puede tener impactos muy negativos en todos los involucrados (víctimas, agresores y testigos), que van desde casos de depresión hasta prácticas suicidas. El presente estudio tuvo como objetivo analizar los aportes de las tesis y disertaciones del repositorio de la CAPES sobre el acoso escolar que involucra a adolescentes en el contexto de la enseñanza media, entre los años 2016 a 2020. La investigación se realizó con un enfoque cualitativo y cuantitativo. Basados en los objetivos planteados, se caracteriza como investigación exploratoria. En cuanto a los procedimientos, como investigación bibliográfica. La recogida de datos se realizó en la plataforma virtual de la CAPES. Los datos se analizaron mediante el análisis de contenido propuesto por Bardin (2016). Los resultados del estudio revelaron que los trabajos académicos analizados son fuentes de información relevantes sobre el *bullying*. Las consecuencias de las prácticas de acoso escolar son preocupantes y pueden agravarse. En estas investigaciones predominan los estudios relacionados con la percepción del acoso escolar en el contexto escolar y la prevención e intervención de conflictos, poco se investiga sobre las consecuencias del fenómeno. La perspectiva epistemológica más utilizada fue la dialéctico-crítica. El producto educativo elaborado fue una cartilla dirigida a los adolescentes, con el propósito de brindar informaciones sobre el *bullying*. Los trabajos académicos analizados contribuyen para el conocimiento y concienciación sobre el acoso escolar, muestran que el fenómeno es peligroso, tiene consecuencias nocivas para los adolescentes e interfiere en su desarrollo. Y esa prevención e intervención también son fundamentales para combatir el acoso escolar.

Palabras-clave: *Bullying*; Violencia; Adolescente; Enseñanza Media.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Teses/Dissertações classificadas por ano de defesa	66
Gráfico 2 - Categorização após análise dos objetivos	73
Gráfico 3 - Categorização dos métodos aplicados nas pesquisas analisadas	77
Gráfico 4 - Categorização após análise dos resultados alcançados pelas pesquisas analisadas	83

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Processo de categorização	64
Quadro 2 - Pesquisas selecionadas para compor o estudo	65
Quadro 3 - Apresentação dos trabalhos segundo Data defesa, Título, Tipo, Instituição e Objetivo	72
Quadro 4 - Apresentação dos trabalhos segundo Data defesa, Título, Tipo, Instituição e Método	74
Quadro 5 - Apresentação dos trabalhos segundo Data defesa, Título, Tipo, Instituição e Resultados	79

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Descritores usados no repositório CAPES e respectivos resultados

62

LISTA DE ABREVIATURAS OU SIGLAS

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
EMI	Ensino Médio Integrado
EPT	Educação Profissional e Tecnológica
EUA	Estados Unidos da América
GEPSS	Grupo de Estudo e Pesquisa Sons no Silêncio
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IF Baiano	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano
IFBA	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia
IFES	Instituto Federal do Espírito Santo
IFMT	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
IFPR	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
IFSP	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
IFTM	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro
MEC	Ministério da Educação
PcD	Pessoa com deficiência
PE	Produto Educacional
PENSE	Pesquisa Nacional de Saúde Escolar
PROFEPT	Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica
PUC-GO	Pontifícia Universidade Católica de Goiás
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFRPE	Universidade Federal Rural de Pernambuco
UFS	Universidade Federal de Sergipe
UNEB	Universidade do Estado da Bahia
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNICEF	Fundo Internacional de Emergência das Nações Unidas para a Infância
UniCesumar	Centro Universitário de Maringá
UNIOESTE	Universidade Estadual do Oeste do Paraná
UPE	Universidade de Pernambuco
UPF	Universidade de Passo Fundo
URCA	Universidade Regional do Cariri
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	13
INTRODUÇÃO	18
CAPÍTULO I	
1 O FENÔMENO <i>BULLYING</i>	21
1.1 O QUE É <i>BULLYING</i> ?	21
1.2 TIPOS DE <i>BULLYING</i>	24
1.3 CULTURA DO CANCELAMENTO	26
1.4 ENVOLVIDOS NAS PRÁTICAS DE <i>BULLYING</i>	30
1.4.1 Vítimas	30
1.4.2 Agressores	33
1.4.3 Testemunhas	33
1.5 CONSEQUÊNCIAS DO <i>BULLYING</i>	34
CAPÍTULO II	
2 VIOLÊNCIA NA ESCOLA	39
2.1 CENÁRIO GERAL DA VIOLÊNCIA	39
2.2 VIOLÊNCIA ESCOLAR E <i>BULLYING</i>	44
2.3 CASOS ENVOLVENDO O <i>BULLYING</i>	52
CAPÍTULO III	
3 METODOLOGIA	61
CAPÍTULO IV	
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	65
CONSIDERAÇÕES FINAIS	86
REFERÊNCIAS	88
ANEXO – Produto Educacional	100
APÊNDICE – Cartilha	106

APRESENTAÇÃO

Minha trajetória escolar/acadêmica começou aos seis anos, quando estava na pré-escola, numa escola particular. A partir da primeira série comecei a estudar numa escola pública e não senti muitas dificuldades nessa mudança. Neste período fui uma estudante dedicada. Apesar de minha mãe não possuir formação superior, ela sempre valorizou os estudos e nos incentivava - o fato de estar neste curso de mestrado é uma prova de seus esforços e se prossigo nele também é por causa dela.

Foi na infância que, infelizmente, tive minhas primeiras experiências com o *bullying*. Eu nem sabia da existência deste fenômeno, mas ele estava presente na minha vizinhança e nas escolas que frequentei, particularmente, no fundamental II, quando fui vítima de *bullying* e também testemunha.

A fase mais difícil da minha vida foi durante a adolescência. Período extremamente complexo e marcado por muitas metamorfoses, tais como a escolha de uma profissão, dificuldades na família, falta de recursos financeiros, um mar de coisas na cabeça, muitas decisões para tomar e era muito imatura. Nesta época o *bullying* ainda se fazia presente na minha realidade. Percebi que sofria *bullying* por parte de familiares; entretanto, continuei observando e também pratiquei o fenômeno. As sequelas que tenho do *bullying* são mínimas comparadas aos casos de outras pessoas que levam até hoje as marcas desta violência.

Continuando a apresentação do meu percurso de vida escolar, no segundo grau, fiz dois cursos. Para fugir do Magistério, cursei Técnico em Contabilidade, no Colégio Estadual Ypiranga - embora eu quisesse mesmo era estudar no Teixeira de Freitas. Era um bom colégio e amei este curso apesar de não ser uma exímia estudante de matemática. As atividades desenvolvidas no curso me interessavam bastante. Hoje não sei se consigo fazer um balanço, porém faço uso dos conhecimentos adquiridos para administrar/controlar meus recursos financeiros. Depois que terminei este curso não conseguia emprego e nem passei no vestibular para Ciências Contábeis ou Administração. Por isso, cursei Técnico em Secretariado, desta vez no Colégio Teixeira de Freitas. Amei muito este curso. Era a minha cara, pois a organização era o foco e eu gosto muito de práticas que envolvam este tipo de atividade. Fiz um estágio nesta área e fui contratada.

Trabalhei em uma empresa que vendia embalagens para alimentos durante nove anos. Aprendi e sofri bastante nesta empresa. Mas é a vida. Sempre tento tirar o melhor de todas as situações, inclusive das péssimas. Nesta etapa da vida já conhecia o *bullying*, mas ainda não compreendia o fenômeno. Fazia algumas brincadeiras que, com certeza, poderiam ser interpretadas como *bullying*, pois feriam e machucavam as pessoas.

Numa nova fase da vida, precisava e desejava fazer um curso superior e por isso fiz várias pesquisas e alguns testes para saber qual área seguir na universidade. A indecisão era grande. Minha única certeza era que eu poderia seguir para algumas áreas como financeira e administrativa. Teria êxito, pois sempre fui muito esforçada. Decidi fazer Letras Português/Inglês numa universidade privada. Durante este curso continuei fazendo vestibular para entrar numa universidade pública. Em 2006, quase fui aprovada no vestibular da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) para o curso de Letras Espanhol. Em 2007, passei na UNEB para cursar Letras Espanhol e também na Universidade Federal da Bahia (UFBA) para Letras Vernáculas. A indecisão agora era enorme. Como a UNEB era próxima da minha casa, poderia ir a pé, logo esta foi minha escolha. E foi a escolha mais acertada e sensata de minha vida. O curso de Letras Espanhol me proporcionou não apenas conhecimento ou o caminho para encontrá-lo, mas tive a oportunidade de fazer grandes amizades.

No final do ano de 2011, surgiu o concurso para o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA). E desde agosto de 2012 atuo como professora de Espanhol do IFBA - Campus Porto Seguro.

Percebi que quando atuamos nos Institutos Federais (IF) há uma necessidade constante para a formação no nível de pós-graduação, pois tal formação pode proporcionar novas conquistas acadêmicas/profissionais, novos saberes e conhecimento de novos horizontes da educação. Assim, em 2013, fiz o curso de especialização *Lato-Sensu* em Atendimento Educacional Especializado - Educação Especial e Inclusiva, modalidade à distância, no Centro Universitário de Maringá (UniCesumar). Foi um ótimo curso. Conheci um pouco da educação para a pessoa com deficiência (PcD), além de compreender como somos tão singulares.

Depois desta especialização, iniciei a procura por curso de mestrado. Então, após várias pesquisas tentando encontrar programas de mestrado que tivessem relação com a minha formação ou área de trabalho, conheci o Programa de Pós-

Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT). Em 2017, comecei os estudos para a prova de seleção e participei do processo seletivo de 2018. Na inscrição optei pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano (IF Baiano) - Campus Catu, porque não tinha aulas às sextas-feiras a noite e nem no sábado. As aulas eram ótimas, mas o percurso para chegar até Catu era bastante cansativo. Foi um período bastante complicado, exaustivo e estressante, pois viajava de Porto Seguro para Salvador e depois de Salvador para Catu. Foram quase dois anos nesta jornada.

O PROFEPT é um programa de pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica (EPT), com um mestrado profissional em rede nacional, na esfera do ensino, reconhecido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) do Ministério da Educação (MEC). Possui duas linhas de pesquisa: Práticas Educativas em EPT e Gestão e Organização do Espaço Pedagógico em EPT. Este programa de mestrado tem a finalidade de promover a formação em educação profissional e tecnológica, almejando o desenvolvimento do conhecimento e a elaboração de produtos educacionais. É oferecido na modalidade semipresencial pela Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, a qual faz parte os Institutos Federais de Educação e Tecnologia, os Centros Federais de Educação Tecnológica e o Colégio Pedro II. O Instituto Federal do Espírito Santo (IFES) é responsável pela coordenação nacional do PROFEPT (IFES, 2020).

O processo seletivo do PROFEPT do ano de 2018 foi constituído de um exame composto de provas de caráter eliminatório (prova objetiva com 30 questões) e classificatório (prova discursiva). Diferente dos outros processos seletivos para mestrado, no PROFEPT elaboramos o projeto de pesquisa quando estudantes do programa. No mestrado acadêmico, geralmente, o processo de seleção é constituído de análise do currículo *Lattes*, exames de conhecimentos gerais e/ou específicos, teste de proficiência em língua estrangeira, entrevista e apresentação/defesa do projeto de pesquisa. Dessa forma o mestrando já tem sua área de investigação científica definida e o desenvolvimento do projeto, apesar das complexidades, ocorre sem maiores complicações. Este processo de construção do projeto de pesquisa durante o curso é bastante complexo, em especial, num programa de mestrado que contempla várias áreas do conhecimento.

A elaboração do projeto de pesquisa durante o curso do mestrado foi um ponto bastante complicado e desafiador, uma vez que não possuía um campo de estudo delimitado para o projeto de pesquisa. Queria desenvolver um projeto de pesquisa que agregasse a minha área de formação em Letras Espanhol com minha especialização em educação para a PcD. No entanto, não consegui fazer este elo. Meu projeto de pesquisa nasceu a partir da participação, como ouvinte, de um seminário na UFBA. O evento denominado V Seminário da AESOS¹ - Educação das mulheres surdas: lutas e trajetórias, que ocorreu nos dias 15 e 16 de agosto de 2019, foi promovido e coordenado pelo Grupo de Estudo e Pesquisa Sons no Silêncio (GEPSS) em parceria com a UFBA, com a finalidade de discutir, refletir e aprofundar a temática central, visando a construção de políticas públicas e intercâmbio de ações para a expansão e melhoria no atendimento da mulher surda.

Neste seminário a maioria dos temas tratados nas palestras e apresentação de trabalhos não tinham relação com a minha área de formação. No entanto, a apresentação de um trabalho sobre *bullying* e surdez no contexto escolar me chamou muito a atenção. Naquele momento, como um *insight*, surgiu o desejo de me enveredar na temática do *bullying*, mas na EPT. Além disso, queria compreender melhor este fenômeno, visto que convivi com ele durante minha infância e adolescência. Então, enviei mensagem para minha orientadora com várias ideias. Fiz diversas pesquisas e leituras sobre a temática do *bullying*. Encontrei uma literatura considerável sobre o tema, porém na EPT, na época, havia poucos estudos.

Ademais discorrer sobre *bullying* é revisitar a infância e a adolescência. Situações nas quais fui vítima, testemunhei e pratiquei o *bullying*. O meu penteado, ser baixinha, usar óculos, minha forma de comportamento, quase tudo em mim poderia ser motivo para chacotas de familiares, vizinhos e colegas. Não me lembro de revidar estes ataques fisicamente, mas lembro-me de ter agredido verbalmente muitas pessoas. São recordações lastimáveis, que mostram que qualquer pessoa, em qualquer lugar do mundo pode apresentar comportamentos que caracterizam o *bullying*. Infelizmente, é um fenômeno que pode ter início na infância, perdurar até o final da adolescência e ter impactos na vida adulta.

¹ Associação Educacional Sons no Silêncio

Então, conhecer como o *bullying* se manifestava e seus impactos na realidade dos estudantes da EPT seria uma pesquisa bastante relevante e implicaria em uma produção que poderia contribuir para o conhecimento e a sensibilização sobre o fenômeno.

INTRODUÇÃO

O *bullying* é uma das formas de violência característica do espaço escolar e sua ocorrência tem se intensificado nos últimos anos. Segundo a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) (2019), o fenômeno também pode ocorrer em outros lugares, como no lar, na comunidade, no ciberespaço² etc.

O *bullying* evidencia-se quando sucede violência física ou psicológica, regularmente, sem motivação aparente, numa relação de desigualdade de poder, acarretando ações de intimidação, humilhação ou discriminação, assim como ataques físicos, insultos pessoais, comentários ofensivos, apelidos pejorativos, uso de vocabulário e expressões preconceituosas, exclusão social etc. (FANTE, 2005).

Os envolvidos no *bullying* podem exercer, basicamente, três papéis: vítimas (são alvos), agressores (os que praticam) e testemunhas (os que observam). Estes papéis podem ser alterados segundo as circunstâncias.

As vítimas de *bullying* podem apresentar em seu comportamento vários aspectos, como vergonha, isolamento, depressão e até suicídio. Qualquer aspecto diferente de uma pessoa, seja no comportamento e/ou características físicas, é um motivo para ser alvo de *bullying*. Os agressores usam de sua força física ou assédio psicológico para hostilizar e perseguir as vítimas. As testemunhas são espectadores passivos, que podem contribuir para perpetuar o *bullying* (SILVA, 2015).

O fenômeno do *bullying* afeta um número expressivo de adolescentes em diferentes estágios de seu desenvolvimento e, frequentemente, prejudica gravemente sua saúde, bem-estar emocional e desempenho escolar. As vítimas, os agressores e as testemunhas são igualmente afetados, podendo ser acometidos por distúrbios do sono, dores de cabeça e de estômago, falta de apetite, fadiga, ansiedade, depressão, baixa autoestima e pensamentos suicidas. Trata-se de cicatrizes emocionais e psicológicas que podem permanecer até a fase adulta.

Diante do exposto, é relevante estudar o fenômeno nos ambientes escolares a fim de compreender e reconhecer que o *bullying* é um problema grave, que pode de alguma forma comprometer o desenvolvimento, o rendimento e a segurança de

² Espaço de comunicação virtual promovido pela Internet.

estudantes e deixar marcas para o resto de suas vidas e propor soluções/ações para seu enfrentamento e combate.

Esta dissertação foi fruto de duas versões de projeto de pesquisa. Visto que a primeira versão do projeto pretendia analisar as causas e os impactos do *bullying* na realidade escolar de estudantes do Ensino Médio Integrado (EMI) no IF Baiano - *Campus* Catu. É relevante tratar desta temática na EPT, pois os trabalhos nesta área são limitados, também há uma equipe multidisciplinar em saúde nos IF's que pode se beneficiar de pesquisas e produtos educacionais na área. Mas devido à pandemia da Covid-19 não foi possível fazer a pesquisa de campo, na qual os dados seriam coletados junto àqueles que têm participado e/ou presenciado situações de práticas de *bullying*.

À vista disto fez-se a segunda versão do projeto, tendo em conta o contexto atual e com as adaptações e mudanças necessárias para que o estudo ainda continuasse com a temática do *bullying* envolvendo estudantes adolescentes no ensino médio, todavia analisando teses e dissertações do repositório da CAPES no período de 2016 a 2020, conforme especificado na metodologia.

Isto posto, e levando-se em consideração as particularidades do fenômeno *bullying*, chegou-se ao seguinte questionamento: Quais são as teses e dissertações da CAPES que abordam a temática do *bullying* envolvendo adolescentes no ensino médio? Propondo-se responder este questionamento, o presente estudo teve como objetivo geral analisar teses e dissertações do repositório da CAPES sobre o *bullying* envolvendo adolescentes no contexto do ensino médio, entre os anos de 2016 a 2020. E os seguintes objetivos específicos:

1. Conhecer os objetivos, métodos e resultados presentes nas teses e dissertações encontradas;
2. Analisar os dados destes estudos sobre o *bullying* no ensino médio envolvendo adolescentes para a produção de uma cartilha de sensibilização e combate ao *bullying*.

Com relação à estruturação da dissertação, esta foi dividida em quatro capítulos, além da apresentação, da presente introdução, considerações finais, anexo e apêndice. No Capítulo I – O Fenômeno *Bullying* – apresenta-se o embasamento teórico com autores que mais influenciaram e deram suporte teórico à temática do *bullying*, como Olweus, Fante, Ristum, Silva, dentre outros. No Capítulo

II – Violência na Escola – pondera-se sobre o cenário geral sobre a violência, culminando com a violência na escola e o *bullying*.

No Capítulo III – Metodologia – descreve-se os caminhos metodológicos delineados. No Capítulo IV – Resultados e Discussões – apresentam-se os resultados e discussões sobre os achados. Nas Considerações Finais fez-se retomada de pontos relevantes do estudo e dos resultados das análises dos trabalhos acadêmicos. E no final do trabalho apresenta-se a construção e o Produto Educacional (PE), o qual foi desenvolvido uma cartilha, que teve o intuito de ser um recurso para informar sobre o *bullying* para o público adolescente e uma forma de conscientização e oposição à prática do fenômeno.

CAPÍTULO I

1 O FENÔMENO *BULLYING*

1.1 O QUE É *BULLYING*?

O *bullying* é uma das formas de violência que mais se faz presente nas escolas como pode ser observado nas ocorrências em Realengo-RJ (2011), Medianeira-PR (2018), Suzano-SP (2019), Saudades-SC (2021), dentre outras. Porém tornou-se temática de estudos científicos nos princípios de 1970 (SILVA, 2015). Dan Olweus, docente da Universidade da Noruega, foi o primeiro a associar o termo *bullying* a um fenômeno. Olweus, quando pesquisava sobre as tendências suicidas de adolescentes, descobriu que a maioria sofreu *bullying* na escola (OLWEUS, 2004).

As pesquisas de Olweus, relacionadas ao *bullying*, tiveram início no final do século XX e foram intensificadas com uma campanha contra o *bullying* implementada pelo Ministério de Educação da Noruega nas escolas de educação primária e secundária, a partir de 1983, motivada pela tensão e intranquilidade dos meios de comunicação e da sociedade pela notícia do suicídio de três adolescentes do norte da Noruega, com idades compreendidas entre 10 e 14 anos, em consequência do *bullying* que sofriam na escola.

Nesta campanha, Olweus realizou um programa de intervenção denominado “O que podemos fazer com o *bullying* e a intimidação entre escolares” e teve como objetivos: reduzir ou eliminar tanto o *bullying* direto (ataques físicos ou verbais evidentes) como o indireto (isolamento social, diminuição da confiança); melhorar as relações entre os estudantes; e criar condições que permitissem que vítimas e agressores restabelecessem o contato social dentro e fora da escola. Esta pesquisa destacou a importância de valores de conduta comuns, da visão consistente da escola, de conjunto de princípios, da realização de programas de intervenção e da implicação dos pais na vida escolar de seus filhos.

Todas as escolas de educação primária e secundária da Noruega foram convidadas para aplicar o “Questionário sobre Agressores e Vítimas”, que verificava as ocorrências e as formas pelas quais o *bullying* se manifestava na vida dos estudantes. Neste estudo, participaram cerca de 84 mil estudantes, quase 400 docentes e aproximadamente mil pais de estudantes. Este questionário, proposto por Olweus, consistia em um total de 25 questões com respostas de múltipla escolha, nas quais se observava os tipos de agressão, a frequência, os locais que aconteciam, as percepções individuais quanto ao número de autores de *bullying*. Os estudantes responderam de forma anônima ao questionário. Tal questionário se diferenciava de outros questionários anteriores por causa de uma série de aspectos, como: definição de *bullying*, de modo que o estudante compreendesse claramente aquilo que precisava responder; se referia a um período determinado de tempo (um “período de referência”); algumas respostas eram mais concretas, por exemplo, “em torno de uma vez na semana” ou “várias vezes na semana”, em oposição a outras como “frequentemente” ou “muito frequentemente”, que conduziam a uma interpretação mais subjetiva; também incluía perguntas sobre as reações e as atitudes dos colegas, dos professores e dos pais (OLWEUS, 2004).

Olweus (2004), para fazer uma análise mais detalhada, fez seleção de amostras representativas de 830 escolas e obteve dados válidos de 715 delas, que presumia uns 130.000 estudantes de todas as zonas da Noruega. Dessa análise, resultou que aproximadamente 52.000 estudantes eram vítimas, 41.000 agressores e 9.000 vítimas e agressores. E concluiu que o *bullying* era um problema de relevância considerável nas escolas da Noruega e que afetava um grande número de estudantes.

O termo *bullying* tem origem na palavra inglesa “bully”, que pode ser traduzida como intimidador, valentão, quem pratica o *bullying*. E também como coagir, intimidar, maltratar etc. O *bullying* faz referência a uma ação agressiva sistemática, que envolve ameaça, intimidação e coação, perpetrado contra alguém, por uma pessoa ou um grupo de pessoas. Acontece em geral nas escolas, em lugares como ambientes recreativos, corredores, quadra de esportes, salas de aula, sanitários e vestiários (UNESCO, 2019). No entanto, pode ser realizado em outros locais, como “a caminho da escola, em casa, na comunidade e no ciberespaço” (UNESCO, 2019, p. 19). Refere-se ao ato verbal que pode, em circunstâncias extremas, converter-se em agressão física. Tem como sinônimos: agressão, ameaça, assédio, bolinação,

coação, humilhação, implicância, importunação, intimidação, molestação, opressão, perseguição, provocação, violência, zombaria.

A palavra *bullying* é utilizada em várias partes do mundo. Fante (2005) salienta que há países que usam outros nomes ou expressões para o fenômeno: “agressionen unter shütern” (Alemanha); “mobbing” (Dinamarca e Noruega); “mobbning” (Finlândia e Suécia); “acoso/amenaza entre escolares” (Espanha); “harcèlement quotidien” (França); “bullismo”, “prepotenza” (Itália); “yjime” (Japão); “maus-tratos entre pares” (Portugal). Contudo, tais expressões e palavras, do ponto de vista linguístico, não seriam as mais adequadas. Visto que não conseguem exprimir/descrever os aspectos que englobam o fenômeno do *bullying*. Por exemplo, a palavra “acoso”, em espanhol significa assédio e faz referência a vários tipos de assédio, como o escolar, o moral, o sexual, de trabalho e o psicológico. Não retratando, dessa forma, a carga de significado que a palavra *bullying* representa. Na literatura, o termo mais utilizado é *bullying*. E, nesta pesquisa, optou-se pelo uso desta palavra (*bullying*).

O conceito de *bullying* tem aspectos que descrevem e caracterizam o fenômeno e o diferencia de outras formas de violência. Olweus (2004) define o fenômeno como agressão que um estudante sofre quando está exposto, de forma repetida e durante um tempo, a ações negativas ou condutas agressivas praticadas por um ou vários colegas de escola. Estas ações negativas são intencionais, causam dano, ferem e incomodam.

Este pesquisador reitera que quando estudantes de idade e força (física e psicológica) semelhantes discutem ou brigam não é possível caracterizar estas atitudes como *bullying*. Para ocorrer o fenômeno deve existir um desequilíbrio de forças (uma relação de poder assimétrica), no qual o estudante exposto às condutas agressivas tem dificuldade em defender-se e, de certa forma, se encontra inerte diante de seu(s) agressor(es).

O *bullying* não pode ser considerado como uma brincadeira, pois diferente desta apresenta aspectos marcantes tais como a intencionalidade, o desequilíbrio de força e a impossibilidade de defesa. A escola é o ambiente mais propício para acontecer o *bullying*, mas é certo que a ocorrência do fenômeno ultrapassou os muros da escola e adentrou a vida dos envolvidos (OLWEUS, 2004; FANTE, 2005).

Constitui-se numa forma de violência, que apesar de ser um problema entre as relações interpessoais, os intentos ou as razões são de ordem intrapessoal. Está

relacionado com a composição de “quem eu sou” ou inclusive de “quem eu desejo ser”, conforme afirma Tognetta (2005).

1.2 TIPOS DE *BULLYING*

Alem de compreender o que é o fenômeno do *bullying*, é relevante conhecer as formas como ele se manifesta. De acordo com as ações praticadas, o *bullying* pode ser especificado como (BRASIL, 2015):

- *Físico*: causa danos físicos à vítima, compreende ações de bater, chutar, empurrar, puxar, socar.
- *Material*: consiste em danificar ou destruir pertences da vítima, e também furtar, roubar.
- *Moral*: atinge o lado emocional da vítima, consiste em caluniar, difamar, disseminar rumores, fuxicar.
- *Psicológico*: ocorre de forma sutil, envolve ações de ameaçar, amedrontar, aterrorizar, chantagear, dominar, gritar, infernizar, intimidar, manipular, perseguir, pirraçar.
- *Sexual*: mais frequente ocorrer com meninas, consiste em abusar, assediar, induzir.
- *Social*: consiste em excluir, ignorar ou isolar a vítima das atividades e do convívio diário.
- *Verbal*: modalidade mais comum e de difícil reconhecimento, consiste em apelidar depreciativamente, insultar, xingar.
- *Virtual*: também conhecido como *cyberbullying*, usa os recursos da internet para adulterar fotos e dados pessoais, depreciar, incitar à violência.

A prática do *bullying* pode ultrapassar o muro das escolas através do uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs)³, fazendo do mundo virtual um campo hostil e perigoso, no qual é praticamente impossível descobrir o autor das intimidações. Esta forma de *bullying*, denominada de *cyberbullying*, ocasiona mais

³ Conjunto de recursos tecnológicos que facilita a disseminação e manipulação de conteúdos.

prejuízos e “é imensurável o efeito multiplicador do sofrimento das vítimas” (SILVA, 2015, p. 133).

De acordo com a UNESCO (2019, p. 15):

O *bullying* também inclui o *cyberbullying*, que representa uma dimensão a mais de risco e dor. O *cyberbullying* envolve a postagem e envio de mensagens eletrônicas, incluindo textos, fotos ou vídeos, com o objetivo de assediar, ameaçar ou atingir outra pessoa por meio de uma variedade de mídias e plataformas sociais, como redes sociais, salas de bate-papo, *blogs*, mensagens instantâneas e mensagens de texto. O *cyberbullying* pode incluir a difamação, postagens contendo informações falsas, mensagens ofensivas, comentários ou fotos constrangedoras, ou a exclusão de alguém das redes sociais ou outro sistema de comunicação. O *cyberbullying* permite que os agressores permaneçam anônimos, podendo atingir a vítima a qualquer hora e em qualquer dia com mensagens e imagens que podem ser rapidamente visualizadas por uma vasta audiência.

Pesquisa realizada pela IPSOS⁴ (2018), que participaram 20.793 pessoas com idades entre 16 e 64 anos em 28 países⁵, revelou que três quartos destas pessoas estão cientes da prática de *cyberbullying* e um em cada três pais relataram conhecer uma criança em sua comunidade que sofreu este tipo de *bullying*. 65% acreditam que as redes sociais são a plataforma mais comum para o *bullying* virtual e 51% mencionou que esta prática é executada pelos colegas de classe. Três quartos acreditam que o *cyberbullying* requer cuidado especial e que suas práticas não podem ser resolvidas com as medidas *antibullying* existentes.

O *cyberbullying* é uma prática contínua, sem limite de espaço físico e tem uma propagação e repercussão maior que o *bullying* convencional, pois uma única postagem pode ser compartilhada milhares de vezes alcançando diversas partes do mundo de forma anônima.

Rondina, Moura e Carvalho (2016) afirmam que alguns estudos, devido ao “desequilíbrio de poder e do prejuízo”, em especial na área psicológica, “dividem o *cyberbullying* em subcategorias”: o *cyberbullying eletrônico* (parte técnica da agressão, que compreende o envio de e-mails infectados, invasão de websites e captura de senhas) e o *cyberbullying e-comunicação* (parte psicológica da agressão, que consiste no uso de difamações, nomes pejorativos, provocações nas redes sociais).

⁴ Instituto mundial de pesquisa de mercado e de análise de dados.

⁵ África do Sul, Alemanha, Arábia Saudita, Argentina, Austrália, Bélgica, Brasil, Canadá, Chile, China, Coréia do Sul, Espanha, Estados Unidos, França, Grã-Bretanha, Hungria, Índia, Itália, Japão, Malásia, México, Peru, Polônia, Romênia, Rússia, Sérvia, Suécia e Turquia.

1.3 CULTURA DO CANCELAMENTO

Além do *cyberbullying*, há um novo fenômeno virtual, típico das redes sociais, que consiste em uma forma de *bullying*: a “cultura do cancelamento”. Não se sabe ao certo sua origem, porém foi a partir de 2017, durante as denúncias de assédio sexual em Hollywood e do surgimento do movimento *#MeToo*⁶, que começou sua disseminação (IZEL, 2020).

Para Sanches (2020), as ações conhecidas como “cancelamento” surgiram como uma maneira de despertar a atenção para causas como justiça social e preservação do meio ambiente, e seriam uma forma de fortalecer a voz de comunidades oprimidas e pressionar atitudes políticas.

A cultura do cancelamento propõe cancelar ou eliminar pessoas das redes sociais que se expressam inadequadamente, propagam ideias e opiniões contrárias a determinados grupos, têm certas atitudes ou mesmo omitem o posicionamento sobre algum assunto. Famosos ou desconhecidos podem ser cancelados. Este cancelamento pode trazer sérias complicações para a vida pessoal e profissional destas pessoas.

Pereira (2021) expõe que o termo “cancelar” no mundo virtual representa deixar de acompanhar marcas, pessoas públicas, artistas do meio musical, *digital influencers*⁷ ou qualquer personalidade pública, como reação/protesto, geralmente, a algum ponto de vista, alguma atitude compreendida como reprovável, agressiva ou intolerante.

Segundo Sanches (2020), a cultura do cancelamento acontece da seguinte forma: um usuário das redes sociais, como Facebook e Twitter, observa uma ação que acredita ser equivocada, tira uma foto ou faz um vídeo do ocorrido e publica em seu perfil, também marca o estabelecimento empregador do autor e entes públicos ou *digital influencers*, que colaboram para ampliar a abrangência desta postagem. Em pouco tempo, é possível que esta publicação seja disseminada para muitos internautas. Como resultado, a pessoa cancelada pode perder o emprego, ter

⁶ Movimento contra o abuso sexual que incentivou pessoas a denunciarem a violência que sofreram.

⁷ Pessoas que utilizam as mídias sociais (Facebook, Instagram, Twitter etc.) para influenciar comportamentos, criar tendências e servir como fonte de informação.

problemas de saúde, ter sua imagem totalmente desfigurada nas redes sociais, perder seguidores etc.

O norte-americano Emmanuel Cafferty sofreu/sofre com os prejuízos e excessos da cultura do cancelamento. No dia 3 de junho de 2020, quando Cafferty retornava do trabalho, na caminhoneta da empresa, com o braço para fora da janela fez o sinal de “OK”, que foi interpretado como um gesto racista. Cafferty relata que, quando parado no semáforo, um homem de outro carro buzina e dizia vários insultos. Perguntou se ele continuaria fazendo o gesto. Depois tirou algumas fotos com o celular. Passadas duas horas do ocorrido, Cafferty foi suspenso do trabalho, pois foi acusado de racismo nas mídias sociais. E cinco dias depois foi demitido (SANCHES, 2020).

A cultura do cancelamento parece um fenômeno atual e exclusivo das redes sociais. No entanto, Pondé (2021) manifesta que ao longo da história já havia casos de cancelamento. Salienta que o ser humano, no decorrer da história, tem prazer em eliminar pessoas. Relata que, no século XV, na região dos Países Baixos, indivíduos que, por serem considerados hereges, eram queimados em fogueiras. Na Espanha, este evento era conhecido como “auto de fé”. O condenado era totalmente humilhado pela população, que desferia xingamentos, cuspiam, zombava etc. O povo da época entendia o episódio como um “programa de domingo” ou “programa de final de semana”. A cultura do cancelamento mostra uma peculiaridade do indivíduo, que é o fato de apontar o erro do outro e condená-lo. Este escritor considera a cultura do cancelamento como uma “transposição do gosto do linchamento para o âmbito das redes sociais” e que quem comete este linchamento o faz devido a uma causa altruísta.

De acordo com Oliveira e Honório (2020, p. 6), a cultura do cancelamento é “apenas um novo envelopamento” de algo conhecido e vivenciado ao longo de muitos anos: “o linchamento, o boicote, o ódio e a humilhação”, que pode ser percebida em comunidades nas quais o Estado não tem atuação legítima, por isso os cidadãos se constituem como “júri, juiz e o executor”.

Willians (2021) considera a cultura do cancelamento como uma arma de repulsão pública e de censura que atinge qualquer pessoa. Nada mais é do que o “linchamento virtual”, oriundo do linchamento ou linchagem, que consistia na eliminação de um ou mais indivíduos efetuada por um aglomerado de pessoas com o intuito de castigar um provável infrator.

A cultura do cancelamento pode representar uma forma de protesto, manifestação de opinião, instrumento de mudança etc. Mas também pode se converter num tribunal público virtual, no qual o acusado é sentenciado em segundos, sem direito a defesa. Segundo Izel (2020), a cultura do cancelamento é positiva, porque expõe a indignação das pessoas em relação a situações de preconceito, machismo, racismo, dentre outras. E também negativa, pois anula completamente uma pessoa no mundo virtual. Não há direito de defesa. Não há empatia. Não há direito de resposta ou retratação.

Do ponto de vista jurídico, Chiari et al. (2020) evidenciam que a cultura do cancelamento se converteu em um “tribunal da internet”, que não permite a defesa nem mesmo a “apresentação do contraditório” àqueles que são incriminados. Tal tribunal não tem regras e tampouco fundamentos predeterminados. Dessa forma, pode provocar arbitrariedades, infringir a legislação pertinente e perturbar a convivência social democrática.

Oliveira e Honório (2020) afirmam que os cancelados são bastante prejudicados através da boicotagem, da redução de seguidores, da perda do emprego, dos ataques, coações e agressões, sem poderem se defender ou serem amparados legalmente. Também apontam a influência que “grandes figuras públicas” ou *influencers* exercem nas redes sociais com o propósito de desacreditar, injuriar ou difamar “pessoas comuns”, fazendo com que o “linchamento virtual” tenha grandes proporções a ponto de afetar a saúde mental e física dos cancelados. É relevante adicionar que o sofrimento e infortúnios trazidos por esta cultura igualmente alcançam familiares e amigos das pessoas canceladas. Além disso, os danos advindos da cultura do cancelamento desestruturam os relacionamentos das pessoas canceladas e podem conduzir a atitudes extremas como o suicídio (G1 SP, 2020).

O suicídio de Hana Kimura, aos 22 anos, pode demonstrar a trágica realidade das consequências da cultura do cancelamento. Hana era lutadora profissional e estava participando do programa *Terrace House*, que era exibido pelo canal Fuji no Japão e também pela Netflix. Neste *reality show*, seis jovens, com idades entre 18 e 30 anos, vivem juntos numa casa por um período de um ano. Segundo Matos (2018), os participantes entram no programa com uma finalidade clara para suas vidas e podem sair antes de completar um ano. O programa é dividido em dois momentos: uma parte dedicada à exibição do cotidiano dos participantes e a outra

parte na qual os comentaristas do programa interagem com o público. Em um desses episódios do programa, Hana tratou de forma inadequada um dos colegas da casa, que estava enfrentando dificuldades e apresentando traços de depressão. Apesar de Hana não ter conhecimento da situação do companheiro, sua atitude teve repercussões negativas, culminando em comentários repulsivos por partes dos espectadores e diversas mensagens odiosas nas redes sociais. Além de ter sido assediada moralmente por um jovem de 20 anos, da cidade Osaka. Acredita-se que por isso, em maio de 2020, ela tirou a própria vida. A polícia japonesa, na época, investigava o caso como *cyberbullying*. Todavia Leão (2020) afirma que Hana foi cancelada, não suportando esta violência, cometeu suicídio. Também expõe que as violências cibernéticas são vivenciadas como acontecimentos verdadeiros e insuperáveis. Seus resultados são reais, pois os cancelados não fazem distinção entre o mundo virtual e o real, estes são uma e a mesma coisa.

É preciso lembrar que este fenômeno pode ocorrer com qualquer usuário das redes sociais, inclusive com adolescentes, que são exímios internautas. Os cancelados são agredidos virtualmente por pessoas conhecidas e especialmente pelos desconhecidos. Os comentários são de uma hostilidade tamanha que as vítimas não suportam esta violência e podem tirar a própria vida, como ocorreu com Hana Kimura.

A literatura sobre a cultura do cancelamento ainda não é expressiva, pois é um fenômeno novo no ambiente virtual. No Google Acadêmico, levando-se em consideração o descritor “cultura do cancelamento”, do período de 2017 a 2021, com páginas apenas em língua portuguesa por relevância, sem incluir citações, são listados 95 trabalhos, em sua maioria artigos. Nos anos de 2017 (ano do surgimento do fenômeno) e 2018, foram elencados 2 resultados cada um e 2019, seis, mas não abordavam a temática da cultura do cancelamento. No ano de 2020, 55 resultados e 2021, 32, porém a maioria destes trabalhos apenas cita o descritor “cultura do cancelamento”. Há poucos estudos aprofundados sobre o tema. No entanto, é possível ter acesso a algumas notícias em sites como o da BBC News, Correio Braziliense, G1 etc., bem como é possível conhecer dados da cultura do cancelamento nas redes sociais (Youtube, Facebook, Instagram etc.) de psicólogos, filósofos e estudiosos que vem tecendo comentários e discussões sobre a temática. Estes também podem ser alvos desta cultura, em especial, por expor seus pontos de vista.

Como foi o caso de Dunker (2020) que afirma que foi cancelado por uma de suas seguidoras, por causa do *post* no Instagram “Marielle Presente”⁸. Esta seguidora disse que ele tinha um olhar “reduzido, parcial e segmentado” para o mundo, porque a foto postada apenas fazia referência à Marielle, esquecendo-se de muitos outros que também são vítimas de violência mais terríveis.

A cultura do cancelamento ainda é um fenômeno para ser desbravado. Mas é fato que é uma forma de violência, que já era praticada desde o século XV, da Idade Média, e que traz sérias consequências para os cancelados, afetando suas vidas de diferentes formas, podendo mostrar sua rápida ascensão nas redes sociais e da mesma maneira seu vertiginoso declínio.

1.4 ENVOLVIDOS NAS PRÁTICAS DE *BULLYING*

Nas práticas de *bullying* no ambiente escolar, observa-se que os envolvidos podem exercer os seguintes papéis: vítimas, agressores e testemunhas. É certo que estes papéis podem ser modificados conforme as circunstâncias.

1.4.1 Vítimas

As vítimas são os alvos de *bullying*. Apresentam em seu comportamento vários aspectos, como vergonha, isolamento e depressão. Podem ser divididas em: *vítimas típicas*, *vítimas provocadoras* e *vítimas agressoras*.

As vítimas típicas são estudantes mais ansiosos e inseguros. Costumam ser sensíveis e tranquilas. Quando agredidas se distanciam do grupo. Têm uma baixa autoestima e uma opinião negativa sobre si mesmas. Podem se considerar fracassadas, obtusas, envergonhadas e sem atrativos. Estão sempre sozinhas. Possuem poucos amigos ou colegas próximos. Apesar de sofrer intimidações, não apresentam nenhum comportamento agressivo (OLWEUS, 2004).

Fante (2005, p. 72) afirma que as vítimas típicas são consideradas “bode expiatório” para seus agressores e reitera que:

⁸ Expressão usada em manifestações que denunciavam e pediam justiça para o caso de assassinato de Marielle Franco, cuja imagem está relacionada à luta contra as injustiças sociais.

Suas características mais comuns são: aspecto físico mais frágil que o de seus companheiros; medo de que lhe causem danos ou de ser fisicamente ineficaz nos esportes e nas brigas, sobretudo, no caso dos meninos; coordenação motora deficiente, especialmente entre os meninos; extrema sensibilidade, timidez, passividade, submissão, insegurança, baixa autoestima, alguma dificuldade de aprendizado, ansiedade e aspectos depressivos. Em muitos casos, relaciona-se melhor com pessoas adultas do que com seus companheiros. [...] sente dificuldades de impor-se ao grupo, tanto física como verbalmente, e tem uma conduta habitual não-agressiva, motivo pelo qual parece denunciar ao agressor que não irá revidar se atacada e que é “presa fácil” para os seus abusos.

Silva (2015) para exemplificar o comportamento de uma vítima típica, relata o caso de uma adolescente que recebia nomes depreciativos por causa de sua aparência. Com a autoestima debilitada por causa dos insultos, aos 14 anos, esta adolescente iniciou regimes severos, sem consultar um profissional competente, tentando adequar-se ao modelo imposto pelo grupo. Aos 16 anos, padeceu de anorexia. A autora conclui dizendo que “seu estado físico e mental exigia um tratamento clínico, com acompanhamento psiquiátrico, psicológico e nutricional” (SILVA, 2015, p. 37).

Já as vítimas provocadoras são os que, com ou sem objetivo, motivam a raiva de outros. Combinam ansiedade e reação agressiva. Apresentam problemas de concentração e seu comportamento causa irritação e tensão no ambiente. Podem ser caracterizadas como hiperativas (OLWEUS, 2004). Estas vítimas não conseguem controlar suas emoções e nem tampouco suas ações. Ao serem afrontadas têm atitudes ofensivas e manifestações descontroladas de irritações. “Provocam e atraem reações agressivas contra as quais não conseguem lidar com eficiência” (FANTE, 2005, p. 72).

Segundo Olweus (2004), as vítimas provocadoras podem apresentar, em grau diferente, uma mistura de modelos de reação ansiosa e de reação passiva. Quando se trata de uma vítima provocadora, os problemas de agressores e de vítimas costumam ser caracterizados pelo fato de que muitos estudantes, talvez toda a turma, participam no *bullying*. Assim como as vítimas passivas, as provocadoras podem ser mais fracas fisicamente que seus pares (se forem meninos) e têm “ansiedade corporal”. Geralmente, as vítimas provocadoras são ansiosas, inseguras, infelizes e depressivas, com uma opinião negativa sobre si mesmas. Além disso, as vítimas provocadoras, que costuma ser meninos, mais que meninas: podem apresentar um mal temperamento e tentar brigar ou responder quando agredidas ou

insultadas, mas normalmente de forma ineficaz; podem ser hiperativas, inquietas, dispersas e ofensivas ou causadoras de tensão em geral, desajeitadas e imaturas, com hábitos irritantes; podem provocar antipatia nos adultos, incluindo professores; e podem tentar agredir outros estudantes mais frágeis.

Silva (2015) narra a situação de um garoto de 11 anos, com transtorno do déficit de atenção com hiperatividade (TDAH), que era considerado inquieto e perturbado pelos seus colegas. Muitas vezes gerava situações desagradáveis e conflitos. Constantemente agia de forma indisciplinada e agredia seus companheiros de turma. Mas por trás de suas atitudes malcriadas estavam alguns instigadores, que o atacavam, aproveitando-se de sua vulnerabilidade. Levava a culpa por qualquer tipo de contenda ou conduta violenta na sala de aula. Sua autoestima estava bastante quebrantada, quando seus pais resolveram buscar apoio de um especialista.

E as vítimas agressoras são aquelas que sofrem e praticam o *bullying*. Têm a propensão de revidar as agressões e apresentar condutas violentas.

De acordo com Silva (2015, p. 40), estas vítimas imitam

[...] os maus-tratos sofridos como forma de compensação. Ou seja, ela procura outra vítima, ainda mais frágil e vulnerável, com o propósito de descontar todas as agressões sofridas. Isso aciona um efeito cascata ou de círculo vicioso, que transforma o *bullying* em um problema de difícil controle e que ganha proporções infelizes de epidemia mundial de ameaça à saúde pública.

Silva (2015), como exemplo deste tipo de vítima, cita o caso de um adolescente de 17 anos, que teve o percurso de sua vida alterado por causa de sua experiência com o *bullying*. Este adolescente possuía uma bolsa de estudos numa determinada instituição privada. Por causa de sua condição social desfavorecida, seus colegas abastados começaram a agredi-lo verbalmente, também através de gesticulações indecorosas e disseminando ilustrações de moradores de rua com seu nome. Além de excluí-lo. Como não suportava mais a situação passou a agredir colegas de outras turmas, numa tentativa de compensar os ataques. A ponto de cometer uma atitude que poderia machucar muitas pessoas na escola ao implantar uma bomba caseira no sanitário masculino. Como consequência foi expulso do colégio e seus planos de ser engenheiro foram adiados.

1.4.2 Agressores

Os agressores são os que praticam o *bullying*. Apresentam comportamentos impulsivos e uma necessidade imperativa de dominar os outros. Têm uma opinião positiva sobre si mesmos. Geralmente, são mais fortes fisicamente que os demais. Quando do sexo masculino, combinam força física e agressividade. Podem mostrar atitudes ofensivas com os adultos, tanto com seus professores como com seus pais (OLWEUS, 2004).

Silva (2015) afirma que os agressores são de ambos os sexos. Em sua personalidade apresentam ausência de respeito e crueldade, que podem estar relacionadas a uma poderosa capacidade de liderança, que, geralmente, é conquistada e ratificada através do uso da “força física” ou excessivo “assédio psicológico”. Podem apresentar dificuldades em seguir regras, não gostam de ser questionados ou desapontados, frequentemente se envolvem em infrações leves. Em torno de cinco ou seis anos, é possível observar nestes agressores demonstrações de falta de respeito, inexistência de culpa ou arrependimento pelas atitudes ofensivas perpetradas contra outras pessoas.

Ainda com relação aos agressores, Fante (2005, p. 73) salienta que:

[...] costuma ser um indivíduo que manifesta pouca empatia. Frequentemente, é membro de família desestruturada, em que há pouco ou nenhum relacionamento afetivo. [...] sente uma necessidade imperiosa de dominar e subjugar os outros, de se impor mediante o poder e a ameaça e de conseguir aquilo a que se propõe. É [...] impulsivo, irrita-se facilmente e tem baixa resistência às frustrações. Custa a adaptar-se às normas; não aceita ser contrariado, não tolera os atrasos e pode tentar beneficiar-se de artimanhas na hora das avaliações. [...] Adota condutas anti-sociais, incluindo o roubo, o vandalismo e o uso de álcool, além de se sentir atraído por más companhias.

1.4.3 Testemunhas

As testemunhas são espectadores das práticas de *bullying*. Nem sofrem e nem praticam este fenômeno, no entanto, estão em espaços nos quais isso acontece. Representam a maior parte dos estudantes.

De acordo com Ristum (2010), estes observadores não se envolvem diretamente com o *bullying*, porém desempenham uma parte relevante, como testemunhas passivas ou ativas. As testemunhas passivas ficam em silêncio e não

se manifestam quando presenciam práticas de *bullying*, por receio de se converterem nas próximas vítimas ou por acreditarem que estas ações não afetam/afetarão seu cotidiano. No caso das testemunhas ativas podem atuar de duas formas: como aprovadores dos que praticam o *bullying*, constituindo-se em apoiadores que reforçam o fenômeno; ou como auxiliadores das vítimas.

Silva (2015) traz outro tipo de classificação para as testemunhas: espectadores passivos, espectadores ativos e espectadores neutros. Os passivos, por medo de ser o próximo alvo de *bullying*, não defendem as vítimas. Estes ao observar situações que envolvem violência estão inclinados a ter problemas psicológicos, já que apresentam uma estrutura psíquica delicada, vulnerável. Os ativos apoiam incondicionalmente os agressores, sem se envolver diretamente. E os neutros somente observam, sem esboçar qualquer tipo de reação, como se estivessem acometidos com uma “anestesia emocional”, são provenientes de famílias nas quais a violência é habitual.

É fato que as implicações no *bullying* trazem consequências de vários graus para cada envolvido a ponto de moldar seu comportamento frente a este fenômeno. Não apenas as vítimas são alvos da violência que diariamente se faz presente nas escolas, mas também os agressores e as testemunhas. De certa forma todos são vítimas de uma sociedade que ainda precisa aprender a lidar com a violência que invadem o ambiente escolar.

1.5 CONSEQUÊNCIAS DO *BULLYING*

O *bullying* é um tipo violência que pode agredir física e, principalmente, psicologicamente as pessoas. Crianças e adolescentes sofrem, praticam ou testemunham o *bullying* na e fora da escola. O fenômeno está presente em todo o mundo, fazendo parte do cotidiano, em especial, dos adolescentes.

A adolescência é uma fase de extremas mudanças. Há o desenvolvimento não apenas do corpo, mas também da mente. E todos os acontecimentos exteriores podem interferir neste desenvolvimento.

Oliveira et al. (2010, p. 20) definem a adolescência:

como uma etapa da evolução da vida do homem, caracterizada pela transição da fase da infância para a adultícia. [...] adolescência não como crise, mas sim como uma importante fase de transição entre duas etapas da vida, na qual o indivíduo moldará a sua identidade, fará suas escolhas e se preparará para o ingresso no mundo adulto. É uma etapa em que o ser humano está deixando de ser criança, sem ainda ser adulto.

No Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) é considerada adolescente a pessoa entre 12 e 18 anos de idade, esta desfruta de todos os direitos essenciais. Além da garantia do direito à proteção de sua vida e saúde, seu desenvolvimento sadio e harmonioso, em conjunturas adequadas de subsistência (BRASIL, 1990).

Oliveira et al. (2010) revelam que existe outra faixa etária para adolescência (de 10 a 20 anos) e que esta pode ser dividida em três períodos: o período inicial, dos 10 aos 13 anos, caracterizado pelo crescimento e pela puberdade; o período médio, dos 14 aos 16 anos, no qual ocorrem o desenvolvimento intelectual e a identificação com outros adolescentes; e o período final, dos 17 aos 20 anos, no qual acontece a consolidação do intelecto e da identidade e pela iminência e entrada na vida adulta.

Em todos estes períodos acontecem mudanças físicas, sociais e mentais. Destacando que na puberdade ocorrem as transformações biológicas e físicas, que repercutem na vida de cada adolescente, provocando reações e atitudes que não podem ser facilmente controladas. Esta fase pode perdurar até o final da adolescência.

O IBGE (2015) reitera que a adolescência, considerada como uma fase de transição da puerícia para a vida adulta, ocasiona relevantes alterações biológicas, cognitivas, emocionais e sociais.

Oliveira et al. (2010) expõem que cada adolescente se comporta de modo diferente frente às mudanças ocorridas durante a puberdade: muitos se espantam; outros se rebelam, pelas coisas não acontecerem da maneira e no instante que desejariam; não gostam de sua estrutura física; outros se agradam com o corpo adulto. Enfim, são reações características desta fase e mostram como cada um é singular.

As transformações ocorridas na adolescência podem interferir na vida como um todo. Por consequência, os adolescentes são mais vulneráveis e se convertem em um público suscetível para ocorrências do fenômeno *bullying*.

Pigozi e Machado (2015, p. 3509) revelam que estudos sobre *bullying* mostraram que existe

[...] significativa incidência de bullying entre os adolescentes brasileiros, a relação com comportamentos de risco, as graves consequências à saúde mental dos jovens, a falta de compreensão desta faixa etária sobre o que é o bullying e a escassez de estratégias de manejo deste tipo de agressão. Indica-se a importância de estudos preventivos, interventivos e restaurativos que envolvam a comunidade e que façam parte do cotidiano escolar.

O *bullying* e o *cyberbullying* afetam uma grande porcentagem de adolescentes em distintas etapas de seu desenvolvimento e, frequentemente, prejudicam gravemente seu bem-estar emocional, sua saúde e aproveitamento escolar (UNICEF, 2016).

Tognetta (2005) revela que quem é vítima de *bullying* apresenta modificações na autoestima. E que a vivência e o envolvimento constante com o fenômeno aumentam o sentimento de angústia, que pode levar a uma tentativa ou a cometer suicídio. A situação para o adolescente é tão grave que este não consegue suportar e sucumbe. Por isso, o suicídio pode ser uma forma de libertação da dor provocada pelo *bullying*.

Lopes Neto (2005) adverte em relação ao aumento da frequência das práticas de *bullying*, visto que o fenômeno causa prejuízos à saúde e ao desenvolvimento de adolescentes. Ressalta que a violência se converteu em um problema de saúde pública, que vem se agravando e afeta pessoas no mundo inteiro. Expõe que cerca de 20% dos estudantes agressores já sofreram *bullying* e podem ter depressão, pensar em suicídio, desenvolver transtornos psiquiátricos. Quando adultos tendem a continuar com a depressão e ter baixa autoestima.

Para Fante (2018), os resultados do *bullying* são diversos e cada pessoa apresenta reações singulares. O fenômeno pode acarretar consequências prolongadas. A vítima pode ter perda da resistência imunológica, baixa autoestima, dificuldade de aprendizado, depreciação de si mesma e de outros, perda de interesse pela escola, evasão escolar etc. Também podem apresentar sintomas psicossomáticos, como diarreia, dores de cabeça, febre, sudorese, taquicardia, vômito, dentre outros sintomas, impossibilitando sua ida ou permanência na escola. Há casos em que são necessários recursos terapêuticos, tratamento hospitalar, psicológico e, ocasionalmente, psiquiátrico.

Souza (2019) pondera que o *bullying* reforça situações traumáticas passadas, comprometendo a estabilidade psíquica de uma pessoa e sua interação com seu entorno. Toda a violência sofrida fica memorizada no inconsciente, podendo suscitar enfermidades, neuropatias, transtornos e outras disfunções da mente. Alerta que os adultos podem não perceber situações que envolvam o *bullying*. E também que as vítimas não informam sobre o fenômeno, porque são ameaçadas, sentem vergonha e/ou medo. As situações de *bullying* podem provocar ansiedade, acentuar problemas psicológicos, conduzir a uma fobia escolar, comprometer o aprendizado e a autoestima e produzir quadros de depressão.

Segundo a UNESCO (2019), o *bullying* provoca reações físicas, como dores de estômago e de cabeça, problemas para comer e dormir. Aqueles que são alvos do *bullying* estão mais inclinados a apresentarem dificuldades interpessoais, ansiedade, solidão, depressão, baixa autoestima, pensamentos suicidas ou tentar o suicídio.

O *bullying* vem sendo associado a comportamentos agressivos posteriores, como tiroteios em escolas, ao porte de armas, à depressão e pensamentos suicidas, aos transtornos de somatização, à morbidade de certas doenças e ao desenvolvimento de problemas de comportamento de longo prazo (GERBAKA; BOUMITRI; HABER, 2016).

Fante (2005) sinaliza que as práticas de *bullying* podem provocar o aparecimento da Síndrome de Maus-Tratos Repetitivos (SMAR), que é uma enfermidade psicossocial, caracterizada por uma sucessão de indicadores e sintomas, como abalo emocional, ansiedade, depressão, distúrbios psicossomáticos, estresse, fúria contida, hostilidade, impaciência, intenções suicidas, irascibilidade, nervosismo, oscilação no humor etc. Esta síndrome é proveniente de referências educativas estabelecidas na pessoa quando criança, a qual assimila involuntariamente atitudes violentas que foram sujeitas ou presenciadas, reprimindo-as ou reproduzindo-as posteriormente. E, dessa forma, implica o desenvolvimento de sua sociabilização.

O *bullying*, independentemente, do papel (autor, vítima e/ou testemunha) e da faixa etária dos envolvidos neste fenômeno, o ambiente em que ocorre e outros fatores, traz resultados e consequências que interferem em qualquer fase da vida. Pode afetar as relações interpessoais, prejudicar o desempenho escolar, estimular o

aumento da violência escolar, desenvolver/desencadear patologias físicas e psicológicas, comprometendo, assim, o desenvolvimento pleno de cada pessoa.

CAPÍTULO II

2 VIOLÊNCIA NA ESCOLA

2.1 CENÁRIO GERAL DA VIOLÊNCIA

A violência faz parte do cotidiano das pessoas. Os meios de comunicação diariamente relatam casos nos quais a violência usurpou a vida de vários indivíduos. São relatos que descrevem formas de violência cada vez mais complexas e de tamanha atrocidade.

A palavra violência tem origem no termo latim *violentia* e significa coação, impetuosidade, opressão, tirania. Para Paviani (2016, p. 8), “expressa o ato de violar outrem ou de se violar”. A violência é uma ação que ocasiona, de modo proposital, dano ou intimidação moral a outra pessoa ou ser vivo. Pode acarretar um trauma, problema psicológico ou óbito.

Segundo Chauí (1998, p. 2) a violência é:

1) tudo o que age usando a força para ir contra a natureza de algum ser (é desnaturar); 2) todo ato de força contra a espontaneidade, a vontade e a liberdade de alguém (é coagir, constranger, torturar, brutalizar); 3) todo ato de violação da natureza de alguém ou de alguma coisa valorizada positivamente por uma sociedade (é violar); 4) todo ato de transgressão contra aquelas coisas e ações que alguém ou uma sociedade define como justas e como um direito; 5) conseqüentemente, violência é um ato de brutalidade, sevícia e abuso físico e/ou psíquico contra alguém e caracteriza relações intersubjetivas e sociais definidas pela opressão, intimidação, pelo medo e pelo terror.

Para Adorno (2017), a violência é encarada como algo comum no convívio social. Ela separa os indivíduos e, por isso, intensifica as desigualdades sociais. Sua definição é muito problemática, pois engloba muitos sentidos. Não existe um conceito universal que seja capaz de descrever todas as ações compreendidas socialmente como violentas.

Cruz (2016) expõe que a violência é de origem desconhecida, que afeta a todos implacavelmente. Ela aparece da recusa de outrem. É gerada pela ausência de reconhecimento de outrem.

Segundo Marchetti (2019), a violência é um fenômeno existente na sociedade e que afeta os relacionamentos entre as pessoas. Esta violência é concebida de diferentes modos conforme cada comunidade, levando em consideração costumes, crenças, história, legislação, princípios, regras etc. Ressalta que a violência é provocada pelo aumento da delinquência, criminalização da pobreza, desigualdade social, discriminação, exclusão social, precariedade no sistema prisional etc.

Assis e Marriel (2010) comentam que a violência é um fenômeno humano e social, que utiliza a força, a autoridade e vantagens para domar, sujeitar e acarretar infortúnios a outras pessoas. Engloba todos os indivíduos, comunidades, sociedades e nações, bem como é praticada por todos. É também histórica, visto que se apresenta de maneiras específicas e singulares em determinados períodos da história. Saliendam que o contexto social no qual está inserida cada pessoa pode contribuir para o desenvolvimento da violência.

De acordo com Niskier (2012), o conceito de violência leva em consideração a cultura, a história de cada comunidade social e a interferência das mídias. A violência é uma transgressão aos direitos humanos essenciais. Apresenta-se de variadas maneiras, em todas as camadas sociais, abalando a saúde e a qualidade de vida dos indivíduos. Dessa forma, é um problema de saúde pública. Cabe enfatizar que as principais vítimas da violência são crianças e adolescentes, pois constituem um público de maior vulnerabilidade, dado que estão em fase de desenvolvimento. Além disso, a adolescência é um período assinalado por muitas experiências, inconstâncias no aspecto emotivo e consolidação da personalidade.

Há variados tipos de violência: doméstica, econômica, estrutural, física, moral, patrimonial, psicológica, sexual, simbólica, social, *bullying* etc. Dahlberg e Krug (2002, p. 6) mencionam que a Organização Mundial da Saúde (OMS) classifica os tipos de violência em três grupos, de acordo com traços característicos de quem pratica a violência: “violência dirigida a si mesmo” (autoprovocada, que são de duas espécies conduta suicida e autoabuso), “violência interpessoal” (que são de dois tipos violência familiar e violência comunitária, que acontece entre indivíduos sem vínculos familiares) e “violência coletiva” (que é dividida em violência econômica, política e social).

Paviani (2016, p. 11) acrescenta outras formas de violência, como “a guerra, a revolução, o terrorismo, o genocídio, o vandalismo [...]” até a corrupção. Adorno (2017) cita as violências do mundo do crime (assassinatos, agressões envolvendo a integridade física, moral, psíquica, também a identidade) e modos imperceptíveis de violência (como as violências simbólicas, aquelas que acontecem no seio da família, no âmbito laboral etc.). Destaca que a violência contra mulheres e crianças era tratada de forma velada. No entanto, na atualidade, tornou-se do âmbito público. Cruz (2016) questiona se a passividade diante de situações violentas também não seria uma forma de violência.

Para Minayo (1994), a violência é um fenômeno complexo e está presente em toda sociedade. Desde sempre foi uma inquietação do indivíduo compreender sua essência, sua gênese e maneiras adequadas de atenuação, prevenção e eliminação deste fenômeno no convívio social. A senda da violência é o oposto da civilidade, do diálogo e da tolerância. Acrescenta que a violência impacta cada dia mais a vida das pessoas e traz prejuízos para sua saúde. Especifica três formas de violência: a violência estrutural (na qual uma organização, como a família, órgãos culturais, econômicos e políticos, prejudicam pessoas, dificultando o atendimento de suas necessidades fundamentais e intensificando ainda mais sua vulnerabilidade), a violência de resistência (forma de reagir/responder à violência estrutural) e a violência da delinquência (consiste em atitudes contrárias às leis, como assassinatos, brigas entre quadrilhas, furtos, roubos etc.). Apesar de desafiar a sociedade, afirma que a violência também pode ser um elemento transformador.

Já Marx atrela a violência a uma forma de garantir a reprodução ampliada do capital. Por isso assevera que “a violência é a parteira de toda a sociedade velha que está prenhe de uma sociedade nova” (MARX, 2013. p. 821 *apud* RIBEIRO, 2017, p. 1). A violência é reflexo da luta de classes em distintas épocas.

Ao longo dos anos o quadro da violência no planeta muda constantemente e toma proporções impensáveis. Neste ano de 2021, a população mundial se concentra nos confrontos entre israelenses e palestinos, no Oriente Médio, nos quais milhares de vidas já foram dizimadas. No Brasil, 25 pessoas perderam a vida num tiroteio durante uma operação policial no Jacarezinho, na zona norte do Rio de Janeiro, no dia 06 de maio de 2021⁹. Neste estado, o confronto entre policiais e

⁹ <https://www.youtube.com/watch?v=fxXSiCEthV8>

traficantes vem se tornando algo habitual, causando medo e desespero na população. Em Ponta Porã (MS), marido foi considerado suspeito de matar a mulher com 17 tiros e depois tirou a própria vida, na noite do dia 24 de janeiro de 2021¹⁰. Em Itapipoca (CE), no dia 02 de fevereiro de 2021, mulher de 28 anos foi detida como suspeita de torturar e assassinar o filho de oito anos de idade¹¹. Na manhã do dia 04 de maio de 2021, jovem de 18 anos invadiu o Centro de Educação Infantil Pró-Infância Aquarela, em Saudades (SC), matou três crianças e duas professoras e depois tentou se suicidar com golpes de facão contra o próprio corpo. Não foi divulgado o que motivou o ataque, mas há suspeita que o jovem sofria *bullying*¹².

Frequentemente notícias como estas são disseminadas no Brasil e não é diferente no resto do mundo. Desavenças, brigas, agressões, guerras, assassinatos, enfim todo o tipo de violência que tem impactos na sociedade. Os números da violência vêm aumentando consideravelmente. No Brasil, em 2016, foram registradas 30,3 mortes violentas a cada 100 mil habitantes (FARIA; AMÂNCIO, 2019).

Dahlberg e Krug (2002, p. 12) expõem que não existe um único aspecto que esclareça por que razão alguns indivíduos têm comportamentos violentos ou o motivo que a violência tem mais ocorrência em determinada população do que em outras. A violência é consequência da complexa relação de elementos “individuais, de relacionamento, sociais, culturais e ambientais”. Propõem um “modelo ecológico” para entender a essência plurifacetada da violência. Este modelo analisa a associação entre aspectos pessoais e contextuais e leva em consideração que a violência resulta de diversos níveis (individual, relacional, comunitário e social) que influenciam o comportamento, demonstrando a probabilidade de uma pessoa ser alvo ou praticante da violência. O nível individual identifica elementos históricos e biológicos, bem como outros aspectos como a impulsividade, desempenho escolar insuficiente, uso exagerado de drogas, histórico de agressividade etc. O nível relacional investiga os vínculos sociais íntimos com familiares, amigos e companheiros. O nível comunitário examina as realidades nas quais os relacionamentos estão inseridos (ambiente escolar, profissional e vizinhança). E, por

¹⁰ <https://www.youtube.com/watch?v=BJSiUqGm2Q4>

¹¹ <https://www.youtube.com/watch?v=QQhm38AcuLY>

¹² https://www.youtube.com/watch?v=Z5Fw2_ZfDcQ

fim, o nível social explora aspectos sociais mais abrangentes que influem nos números da violência.

A questão da violência é bastante inquietante e tem se intensificado a cada dia. A desigualdade social e os discursos de ódio são fatores que acentuam e disseminam a violência. Souza (2008) destaca que a violência está relacionada às políticas e ao desenvolvimento da sociedade. Uma vez que dificulta a obtenção de recursos indispensáveis para sobreviver, acarretando privações, insatisfações, colaborando para a manutenção e exacerbação da violência. Também ratifica que de modo geral a desigualdade social contribui para o agravamento e avanço da violência em virtude da carência de alimentos, esgotamento e a falta de emprego que acomete uma enorme parcela da sociedade.

Os discursos de ódio contribuem para o processo de banalização da violência. No Brasil, nos últimos anos, a naturalização da violência é fomentada através de discursos de defesa ao uso indiscriminado de armas, de depoimentos agressivos em referência a pessoas que morreram e desapareceram durante a ditadura militar, de exaltação de torturadores, de insultos a distintos grupos sociais etc.

Teixeira (2019) evidencia que estes discursos empreendidos por pessoas influenciadoras, como políticos, podem legitimar a violência. O histórico violento do Brasil, que vem desde a época da escravidão, mostra como a violência é observada de forma muito natural por uma parcela da sociedade, chegando a ser considerada uma necessidade, sem levar em consideração os direitos humanos.

Rabelo (2019) expõe que estes discursos de ódio também podem ser observados na escola, quando os estudantes expressam, comodamente, seus pontos de vista através de ideias preconceituosas, muitas vezes defendendo ações agressivas a determinados grupos, como a pessoas que vivem nas ruas. Lembra o papel que a família e a mídia têm na formação de opinião destes estudantes. Os quais podem propagar discursos de ódio que foram assimilados de familiares ou de formadores de opinião que estão constantemente na mídia, contribuindo de forma significativa para a banalização da violência. Enfatiza que é fundamental e imprescindível desconstruir este processo de naturalização da violência.

A violência igualmente adentra o âmbito das escolas e apresenta elementos singulares, por causa de seu formato, a exemplo do *bullying*.

2.2 VIOLÊNCIA ESCOLAR E *BULLYING*

A escola é ambiente natural da educação formal, espaço de compartilhar conhecimentos historicamente construídos e da produção de novos conhecimentos. O termo “escola” advém da palavra grega *scholé*, que tem o sentido de lugar de ócio, lazer. Pois, quando do seu surgimento, a escola era o local em que as pessoas frequentavam em seu tempo livre para “aprender a pensar”. A escola também pode ser um âmbito para viver, socializar, coletivizar, integrar-se. Assim, a escola é lugar de aprendizado e também de convívio.

Segundo Pimentel (2002), para as sociedades modernas a escola é um ambiente de prerrogativa para o gerenciamento e construção dos saberes. A escola participa de um processo social de grandes dimensões que é a “gestão da vida”. Assim, é compreendida como um fenômeno de desenvolvimento do ser humano em seu relacionamento consigo mesmo e com os outros. A escola também é concebida como produto da cultura humana. É ambiente de permutas intersubjetivas, de festejar a existência, da circulação de distintas práxis e conhecimentos, da edificação de relações sociais e das dubiedades que diversificam o significado do que é ensinado e aprendido.

Bueno e Pereira (2013) expõem que a escola foi sendo modificada e amoldada conforme as mudanças e exigências da sociedade de cada época. A escola moderna tinha o objetivo de corrigir, instruir para a moralidade, utilizando de observação contínua e punições corporais. Já a escola contemporânea tem a finalidade de prover a instrução, educação.

Pombo (2010) revela que a escola é uma organização abarrotada de atribuições, inundada de atividades, frequentemente olvidada de seu propósito fundamental – espaço de compartilhar e construir conhecimento. Hoje também tem a tarefa de cuidar e guardar as crianças e adolescentes, por longas horas, enquanto seus responsáveis trabalham. Assim, a escola está abarcando outras responsabilidades além das que são de sua alçada.

Para Marques e Castanho (2011, p. 24), “a escola, nas sociedades letradas [...] ocupa lugar por excelência para que se cumpram as funções da educação e da aprendizagem dos conhecimentos, das artes, das ciências e da tecnologia”. Estes estudiosos revelam que, estudantes de 10 a 13 anos, entendem a escola como

fundamental, e contribui para a pessoa “aprender, se promover, conseguir emprego e ser alguém na vida”.

A violência que adentra a escola pode também ser um fator que desvirtua seu papel como ambiente de aprendizado, de convívio e também lugar que acolhe, protege, dá sensação de segurança ou escape de uma realidade muito dura para alguns estudantes, que encontram na escola um espaço de sonhar.

Ristum (2010) apresenta três tipos diferentes de violência escolar: a “violência contra a escola”, que está relacionada às condições de salário e de trabalho dos docentes; a “violência da escola”, trata-se da violência institucional ou simbólica, na qual há o domínio e a reprodução das desigualdades sociais; e a “violência na escola”, que consiste em agressões envolvendo distintos entes escolares, como violência entre estudantes, a violência de estudante contra docente, do estudante contra o patrimônio escolar etc. Todas estas espécies de violência no ambiente escolar merecem atenção, estudo e formas de combate.

Dentre os tipos de violência escolar, a violência na escola entre estudantes tem tomado grandes dimensões. De acordo com a UNESCO (2019), esta espécie de violência acontece em todo o planeta e atinge uma porcentagem considerável de crianças e adolescentes, cerca de 246 milhões.

Cardia (2006) expõe que, a despeito da escola exercer relevante papel na formação cidadã dos estudantes, a violência que ocorre no espaço escolar é vista sob dois aspectos: o primeiro como ambiente violento, que precisa ter intervenção policial; e o segundo, lugar que não é possível identificar/perceber a violência, ela é negada, desdenhada. A violência na escola está relacionada às formas de compreensão/tratamento de ideias, pensamentos, às convicções sobre agressividade, à influência de amigos e ao insucesso escolar. Agentes que também podem interferir no desenvolvimento salutar dos estudantes.

Segundo Assis e Marriel (2010), há vários elementos internos, oriundos da própria escola, que propiciam o aparecimento da violência, a saber: a preocupação excessiva com o desempenho escolar em detrimento da pessoa de cada estudante; divergência de convicções de determinadas etnia ou religião e as da escola; distanciamento entre docente e estudante, prejudicando o diálogo; a grande quantidade de estudantes, que dificulta a formação de laços afetivos entre os discentes e profissionais da escola; problemas nos modos de divisão dos ambientes, ordenação do tempo e assuntos condizentes com a realidade da aula e do contexto

de vida dos estudantes; fragilidade nas relações intrapessoal e interpessoais. Também salientam a necessidade de compreender como a violência se apresenta no contexto escolar, em conformidade com as realidades culturais, regionais e socioeconômicas.

Para Cubas (2006) a violência na escola não é uma temática atual, contudo as formas como a violência se apresenta pode ser considerada como recente. O papel fundamental da escola pode ser comprometido por causa da violência. Enfatiza que no ambiente escolar a violência apresenta vários sentidos, que se diversifica conforme a realidade na qual acontece e as pessoas envolvidas. Concebe o *bullying* como assédio moral que ocorre na escola. Também destaca que a violência presente na escola está relacionada com o contexto no qual esta está inserida. A violência do bairro, da família e de outros ambientes que pode ser reproduzida na escola.

Para Marchetti (2019), a violência escolar está relacionada com o conflito e a indisciplina. O conflito pode ser consequência de diferentes pontos de vista, condutas e desavenças entre as pessoas que formam parte da comunidade escolar. No tocante à indisciplina, depende da compreensão de cada indivíduo. O fato de a escola exagerar na disciplina, entendida como cumprimento de regras e padrões de conduta, pode gerar a indisciplina. E tal indisciplina está diretamente relacionada com a violência, em particular, o *bullying*. A violência compromete todo o andamento da escola.

A UNESCO (2019) ressalta que, num contexto mundial, as formas de violência mais frequentes nas escolas é o *bullying*, a violência física e a violência sexual. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2015), os tipos de violências regularmente investidas contra os estudantes no ambiente da família e escola são: o *bullying*, as rixas, a agressão física em lugares públicos, utilizando armas brancas (facas, machados, martelos etc.) ou de fogo, os traumatismos, o sentimento de insegurança no percurso residência-colégio e vice-versa, a violência no trânsito e a violência sexual.

A violência escolar, particularmente o *bullying*, pode ocorrer dentro e fora da escola. Segundo a UNESCO (2019), no espaço escolar é possível deparar-se com situações que envolvam o *bullying* em banheiros, corredores, pátios, quadras de esporte, refeitórios, vestiários, salas de aula etc. Ocorrem em lugares nos quais os estudantes não podem ser monitorados tão facilmente pelos docentes e demais

funcionários. Mas também em locais sob a supervisão destas pessoas. Existe também a possibilidade dos educadores não conseguirem identificar atitudes violentas, por causa das formas como podem ser praticadas.

Souza (2008) destaca que, seja qual for a espécie de violência, há comprometimento nos relacionamentos sociais e, especialmente, afeta o andamento emocional e psicológico, o rendimento escolar e o cotidiano de crianças e adolescentes. Expõe ainda que a violência presente fora da escola reflete dentro do espaço escolar. Acrescenta que as causas da violência escolar estão associadas a elementos externos, como grupo familiar desordenado, tráfico de narcóticos, divergências sociais, dentre outros. E também a ausência de afeto, princípios, exemplos adequados de conduta, falta de cuidado e atenção dos responsáveis. Estes aspectos podem colaborar para que crianças e adolescentes tenham atitudes violentas.

De acordo com a UNESCO (2019), a violência escolar pode ser provocada por vários motivos, como deficiência, gênero, pobreza, diferenças étnicas, linguísticas ou culturais, aparência física e/ou orientação sexual, expressão e identidade de gênero.

A violência presente no ambiente escolar mostra como este espaço de interação e conhecimento se converteu em lugar perigoso e como é necessário implementar políticas públicas como forma de enfrentamento e combate à esta violência. Sendo assim, os governos no mundo todo criaram leis, políticas, regulamentos, projetos, sites para divulgação de informações e conscientização etc., visando combater e prevenir a violência na escola, em especial o *bullying*.

Nos Estados Unidos da América (EUA), por exemplo, cada estado aborda o *bullying* de maneira diferente, levando em consideração sua realidade, por isso possuem leis, políticas e/ou regulamentos específicos para lidar com este fenômeno. O governo norte-americano também criou uma página virtual, chamada de *stopbullying*¹³, que significa “parar/pare o *bullying*”, que é administrada pelo Departamento de Saúde e Serviços Humanos em parceria com representantes dos Departamentos de Agricultura, Defesa, Educação, Interior e Justiça. Este site tem a missão de dar informações de diversas agências governamentais sobre o que é *bullying/cyberbullying*, formas de identificar e prevenir, como obter ajuda etc. Além

¹³ <https://www.stopbullying.gov/>

do inglês, a página apresenta a opção de outros idiomas, como português, alemão, chinês, espanhol, francês, italiano, polonês, russo, tagalo etc. Todo o conteúdo do site é de domínio público, em vista disso podem ser baixados e disseminados.

Na Finlândia, em 2006, o governo apoiou a elaboração de um programa de prevenção e combate ao *bullying* e sua aplicação em larga escala nas escolas finlandesas. Este programa foi o KiVa, desenvolvido pela Universidade de Turku, na Finlândia. Segundo Herkama e Salmivalli (2016), a palavra “KiVa” é um acrônimo da expressão *Kiusaamista Vastaan*, que significa “contra o *bullying*”. O programa foi implementado em 90% das escolas de educação básica finlandesa, devido ao fato das alterações da legislação não terem sido suficientes para combater o *bullying* e também por estas escolas apresentarem problemas graves relacionados ao fenômeno. O programa KiVa abrange toda a escola e cada membro da comunidade escolar assume um papel para lutar contra o *bullying*. Há dois tipos de ações que são empreendidas para combater o *bullying*: ações universais (reuniões; atividades inaugurais; boletins informativos, guias e atividades noturnas de retorno à escola para os pais; lições e temas para estudantes; jogos on-line; enquetes etc.) e ações indicadas ou específicas (equipes promovem debates com a vítima e agressor(es); professor oferece apoio etc.). A eficácia do programa depende basicamente da participação de toda a comunidade escolar. A ideia que sustenta o KiVa é a de criar uma cultura escolar na qual não seja tolerada nenhuma ação que envolva o *bullying*. O programa conseguiu a redução/eliminação do *bullying* nas escolas finlandesas. Por isso, em 2009, recebeu o Prêmio Europeu de Prevenção da Criminalidade.

Na Espanha, o processo de enfrentamento e combate ao *bullying* visa intervenções que impactam nos relacionamentos interpessoais, na autoestima, no desenvolvimento emocional, social e moral, na qualificação de professores e orientação para as famílias (FLICK, 2016). O trabalho desenvolvido pela Associação Espanhola para a Prevenção do *Bullying* Escolar¹⁴ (AEPAE), é um exemplo de como a sociedade pode contribuir neste processo. A AEPAE é uma entidade não governamental, sem fins lucrativos, que fundou e impulsiona um plano nacional contra o *bullying* nas escolas espanholas, cuja implantação já ocorreu em mais de 40 instituições de ensino. Esta associação mantém uma página na internet¹⁵ com diversas orientações e informações sobre o *bullying* e o Plano Nacional de

¹⁴ Nome original em espanhol: Asociación Española para la Prevención del Acoso Escolar.

¹⁵ <https://aepae.es/>

Prevenção do *Bullying* Escolar, que já é referência nacional e internacional. Tem como objetivo desenvolver em crianças e adolescentes um comportamento preventivo, orientado à resolução de conflitos no ambiente escolar. Para tanto, promove formação especializada de técnicas psicológicas, físicas e sociais para lidar com o *bullying* e o *cyberbullying*, trabalhando conjuntamente com crianças/adolescentes, seus familiares e a comunidade escolar. A AEPAE para empreender suas ações conta com a participação ativa de seus parceiros, voluntários e colaboradores, que são profissionais de diversas áreas ligadas à infância/adolescência: arte-terapia, artes marciais, criminologia, direito, educação social, pedagogia, psicologia, psiquiatria, teatro etc. Segundo dados do site da AEPAE mais de 20.000 crianças e adolescentes em toda a Espanha foram beneficiadas com o Plano Nacional de Prevenção do *Bullying* Escolar, com redução das práticas de *bullying* em 50% no primeiro ano de sua implementação.

No Brasil, antes da criação da lei federal de combate ao *bullying*, os estados e municípios se anteciparam e foram adotando legislação sobre o fenômeno. No Rio de Janeiro, foram criadas as leis estaduais nº 6.084/2011 e 6.401/2013, e também a lei municipal nº 5.089/2009. A Lei Municipal nº 5.089/2009 (RIO DE JANEIRO, 2009) versa sobre a inclusão de medidas de conscientização, prevenção e combate ao *bullying* escolar no projeto pedagógico das escolas públicas do Município do Rio de Janeiro. Esta lei prevê finalidades a serem alcançadas, o envolvimento de toda comunidade escolar, em especial, da família para o combate e resolução do fenômeno, também o desenvolvimento de ações para a conscientização e prevenção.

A Lei Estadual nº 6.084/2011 (RIO DE JANEIRO, 2011) criou o Programa de Conscientização e Prevenção contra o Assédio Moral, a Violência, inclusive pela rede mundial de computadores, nas escolas e universidades públicas e privadas do Estado do Rio de Janeiro. Esta lei teve nova redação dada pela Lei nº 7.253/2016, a qual adicionou o conceito de assédio moral praticado pela internet, a saber: ação que usa recursos tecnológicos digitais para apoiar comportamentos propositais, frequentes e agressivos realizados por uma pessoa ou mais a fim de depreciar outrem. Além de incluir os atos que podem identificar o fenômeno (ataques físicos, insultos pessoais, isolamento social etc.) e os três tipos existentes de assédio moral e violência (sexual, exclusão social e psicológico), também prevê objetivos do programa e a criação de uma equipe de trabalho multidisciplinar para orientação e

prevenção do fenômeno. A lei não cita os termos *bullying* e/ou *cyberbullying*, utiliza sempre a expressão “assédio moral” para referir-se a este fenômeno.

E a Lei Estadual nº 6.401/2013 (RIO DE JANEIRO, 2013) criou a Semana de Combate ao *Bullying* e ao *Cyberbullying* nas escolas públicas da rede estadual do Rio de Janeiro, também alterou a Lei Estadual nº 5.645, de 6 de janeiro de 2010, que define um calendário de datas comemorativas do Estado do Rio de Janeiro. Além de estabelecer a semana de combate ao fenômeno, esta lei também faz distinção entre o *bullying* tradicional e o *cyberbullying*, orienta quanto às atividades que serão desenvolvidas e institui a primeira semana do mês de abril para sua realização, visando homenagear as vítimas da tragédia que aconteceu na Escola Municipal Tasso da Silveira, na Cidade do Rio de Janeiro.

Em Santa Catarina a Lei Estadual nº 14.651/2009 (SANTA CATARINA, 2009) instituiu o Programa de Combate ao *Bullying*, de ação interdisciplinar e de participação comunitária nas escolas públicas e privadas do Estado de Santa Catarina. Esta lei prevê, dentre outras coisas, as finalidades do programa, a celebração de convênios e parcerias e a criação de equipe multidisciplinar, com a participação de membros da comunidade escolar, bem como de pais e voluntários, a fim de promover ações de orientação e prevenção.

Na cidade de São Paulo a Lei Municipal nº 14.957/2009 (SÃO PAULO, 2009) versa sobre a inclusão de medidas de conscientização, prevenção e combate ao *bullying* escolar no projeto pedagógico das escolas públicas de educação básica do Município de São Paulo. Esta lei também conceitua e caracteriza o *bullying*, traça finalidades a serem logradas e prevê diagnóstico, acompanhamento e orientação para os envolvidos no fenômeno. Estimula a comunidade escolar e a família a atuarem conjuntamente no processo de desenvolvimento de uma cultura de paz nos espaços escolares.

Em Pernambuco a Lei Estadual nº 13.995/2009 (PERNAMBUCO, 2009), atualizada pelas leis nº 14.376/2011 e 16.623/2019, trata sobre a inclusão de medidas de conscientização, prevenção, diagnose e combate ao *bullying* escolar no projeto pedagógico das escolas públicas e privadas de educação básica do Estado de Pernambuco. Conceitua o fenômeno e dar exemplos, como “promover e acarretar a exclusão social; subtrair coisa alheia para humilhar; perseguir; discriminar; amedrontar; destroçar pertences; instigar atos violentos”, usando recursos tecnológicos e ciberespaço (PERNAMBUCO, 2009). Esta lei recomenda como ação

de sensibilização e combate ao *bullying* disponibilizar literatura acerca da temática nas bibliotecas das escolas e o uso de cartilhas institucionais. Propõe como finalidades a serem alcançadas o envolvimento da família na elaboração da cultura de paz, orientação dos envolvidos nas práticas de *bullying*, dentre outras.

No Rio Grande do Sul a Lei Estadual nº 13.474/2010 (RIO GRANDE DO SUL, 2010) discorre sobre o combate da prática de *bullying* por instituições de ensino e de educação infantil, públicas ou privadas, com ou sem fins lucrativos. Esta lei propõe a criação de um registro de ocorrências de *bullying*, o auxílio da comunidade e de estudiosos da temática e o desenvolvimento de uma “política *antibullying*”, tendo como finalidades a redução da prática do *bullying*, propagar informações sobre o fenômeno, constatar situações que envolvam o *bullying*, nortear as vítimas de *bullying* e seus parentes, concedendo-lhes auxílios psicológico e técnico, para assegurar a reabilitação da autoestima das vítimas e a diminuição de prováveis prejuízos em seu desenvolvimento escolar etc.

No Ceará a Lei Estadual nº 14.943/2011 (CEARÁ, 2011) institui o Serviço Disque Denúncia de Combate ao *Bullying* no Estado do Ceará. De acordo com esta lei, o serviço disque denúncia, chamado de Disque-*Bullying*, tem o propósito de favorecer e estimular a denúncia de práticas de *bullying* nas escolas cearenses, almejando sua extinção. Este serviço funciona no sistema de telefonema grátis, durante 24 horas, todos os dias.

No Distrito Federal a Lei Distrital nº 4.837/2012 (DISTRITO FEDERAL, 2012) dispõe sobre a instituição da política de conscientização, prevenção e combate ao *bullying* nos estabelecimentos da rede pública e privada de ensino do Distrito Federal. Esta lei conceitua e caracteriza o *bullying*, incentiva à comunidade a denunciar as práticas de *bullying* para órgãos públicos e instituições (Direção da Escola, Secretaria de Educação do DF, Conselho Tutelar e Polícia Civil), atribui à escola, quando do recebimento de uma denúncia, a responsabilidade de instaurar procedimento administrativo para averiguação do ocorrido e medidas cabíveis no prazo máximo de 20 dias e prevê ações objetivando a redução do *bullying* nas escolas e a promoção da melhoria do rendimento escolar.

Em 2015, é sancionada a Lei Federal nº 13.185, de 6 de novembro de 2015, que institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (*Bullying*). De acordo com Carvalho, Moreira e Teles (2017), o artigo 5º, desta lei, ao mencionar que “é dever do estabelecimento de ensino, dos clubes e das agremiações recreativas

assegurar medidas de conscientização, prevenção, diagnose e combate à violência e à intimidação sistemática” (BRASIL, 2015), passa a responsabilidade para estas instituições de criar dispositivos para controlar e restringir o *bullying*. A lei não prevê penalidades para quem pratica o *bullying*, mas demanda privilegiar ações alternativas que atribua responsabilidade aos agressores e promovam a alteração do comportamento violento.

Além desta lei, também foi estabelecido o dia 7 de abril como o Dia Nacional de Combate ao *Bullying* e à Violência na Escola, pela lei nº 13.277, de 29 de abril de 2016. Cabe lembrar que existe uma data mundial, o dia 20 de outubro, o qual foi instituído como Dia Mundial de Combate ao *Bullying*. Bem como a Lei nº 13.663/2018, que modifica o artigo 12 da Lei nº 9.394/1996 – que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional – incluindo o desenvolvimento de medidas de conscientização, de prevenção e de combate a todas as formas de violência, principalmente o *bullying*, e a realização de ações que estimulem a cultura de paz nos espaços escolares.

A violência presente no ambiente escolar, em particular o *bullying*, é um fenômeno recorrente e que precisa ser tratado com bastante cautela. Seu enfrentamento é urgente. A prevenção e o combate são ações que podem ser implementadas nas escolas através dos dispositivos legais, projetos *antibullying* etc.

2.3 CASOS ENVOLVENDO O *BULLYING*

O *bullying* realmente não é uma brincadeira. E quanto mais se observa as tragédias que são propagadas pelas mídias, se percebe os impactos terríveis e as marcas que deixam nas vidas dos adolescentes e suas famílias. O sofrimento das vítimas, a falta de percepção dos autores, que parecem não entenderem que suas atitudes não apenas machucam, mas podem provocar a morte, e a impotência das testemunhas, que são tragadas pelo medo de ser a próxima vítima, demonstram que este fenômeno afeta não apenas os envolvidos, porém toda a sociedade.

Estudos e pesquisas nacionais e internacionais revelam que o *bullying*, algumas vezes encarado como um rito de passagem ou mera brincadeira entre crianças e adolescentes, representa um fator de risco, que pode dificultar

consideravelmente o desenvolvimento, o rendimento e a segurança dos estudantes e suas relações interpessoais dentro e fora do ambiente escolar.

De acordo com Silva (2015, p. 11),

[...] é necessário entendermos que brincadeiras normais e sadias são aquelas nas quais todos os participantes se divertem [...] quando as brincadeiras são realizadas repletas de segundas intenções e de perversidade, elas se tornam verdadeiros atos de violência que ultrapassam os limites suportáveis de qualquer um.

Both, Stival e Raduenz (2009) expõem que, em conclusão a uma pesquisa realizada sobre a percepção do *bullying* por estudantes numa escola pública do Paraná, os estudantes percebem as atitudes que caracterizam o *bullying*, porém não as associam com o fenômeno. Também não identificam o *bullying* como uma violência, esse fato colabora para o processo de banalização da violência na escola.

Estatísticas apresentam o crescimento das práticas de *bullying* no mundo. Este fenômeno é tão preocupante e alarmante, que já é “considerado uma importante questão de saúde pública” (IBGE, 2015, p. 70).

Sotomayor (2016) expõe que a UNICEF¹⁶, através do U-Report¹⁷, em maio de 2016, realizou uma pesquisa mundial sobre o *bullying* e obteve a participação de 100.000 adolescentes de mais de 20 países. Os resultados variaram de um país para outro, mas em geral, 86% afirmaram que o *bullying* é um problema e 67% que foram vítima de *bullying*. Um terço das vítimas decidiram não contar que sofriam *bullying*, pois acreditavam que era algo normal, uma quarta parte não sabiam a quem recorrer e quase a metade não revelavam por medo ou vergonha.

Veloso et al. (2020), em estudo realizado com 10.699 estudantes brasileiros na faixa etária de 13 aos 17 anos, baseado em dados da Pesquisa Nacional de Saúde Escolar (PENSE) de 2015, que levou em consideração variáveis como fatores sociodemográficos, condição nutricional, impressão sobre a estrutura física, fator comportamental e fatores escolares, revelam que 6,2% destes estudantes foram vítimas de *bullying* (5,9% do sexo feminino e 6,6% do sexo masculino). Destacam que estudantes de 13 anos têm maior probabilidade de serem vítimas do fenômeno que os de 17 anos, devido ao histórico de *bullying* em idades inferiores.

¹⁶ *United Nations Children's Fund* (em português Fundo das Nações Unidas para a Infância) organização que trabalha para assegurar os direitos de crianças e adolescentes no mundo.

¹⁷ Instrumento de transmissão de mensagens em grande escala, mantido pela UNICEF, que tem a finalidade de ser um canal para manifestação de opinião de crianças e adolescentes.

Os de 17 anos compreendem o fenômeno como uma brincadeira, uma diversão. O fato de serem obesos também foi identificado como um fator para a vitimização por *bullying*, por causa da não aceitação do próprio corpo e os padrões físicos que são frequentemente difundidos.

Mello et al. (2017) evidenciam que, em investigação efetivada com dados da PENSE de 2015, cuja finalidade foi de averiguar coeficientes relacionados às práticas de *bullying* entre estudantes brasileiros, 19,8% dos estudantes relataram praticar o *bullying*, incidência maior no sexo masculino 24,2%, dos 14 aos 16 anos de idade. Com relação às variáveis de saúde mental e família, os praticantes de *bullying* são solitários, sofrem com a ausência de sono e de amigos, 33,9% mencionam que são agredidos por parentes e 28,4% se ausentam nas aulas sem informar a seus familiares. No tocante à variante atitude de risco, os autores de *bullying* citam que faz utilização de fumo, bebidas alcoólicas, já provaram entorpecentes e mantiveram relação sexual precocemente. Os pesquisadores ainda revelam que a violência, em especial, o *bullying* é recorrente no espaço escolar, deixando os estudantes vulneráveis às situações violentas.

As práticas de *bullying* muitas vezes chegam ao extremo como pode ser observado nos comportamentos agressivos e nas tragédias que repercutem pelo mundo e comumente presentes no ambiente escolar.

O fato de ter sido vítima de *bullying* ou de outro tipo de violência não é justificativa para os adolescentes agirem de forma violenta e cometerem atrocidades nas escolas, como as que a imprensa relatou nos últimos anos. No entanto, pode ser um fator culminante para desencadear diversas tragédias, já que o fenômeno tem implicações psicológicas. Vários são os casos nos quais o *bullying* passou dos limites e terminou em fatalidade. O infortúnio pode ter início com uma simples brincadeira, que deixa marcas para uma vida, abalando a todos os envolvidos nas práticas de *bullying*.

Uma das tragédias envolvendo o *bullying*, que abalou o mundo e que tem reflexos na atualidade, ocorreu em 20 de abril de 1999, na *Columbine High School* (Colorado, EUA). Dois estudantes, Dylan Klebold (17 anos) e Eric Harris (18 anos), tiraram a vida de treze pessoas, deixaram mais de vinte feridas e depois se suicidaram.

De acordo com Castilho (2014), estes adolescentes eram como outros de sua idade, faziam parte da classe média alta estadunidense, seus pais possuíam

formação de nível superior, residiam em moradias aconchegantes e frequentavam uma instituição de ensino formidável. Na escola, Eric e Dylan preferiam computadores a esportes, por isso sofriam *bullying* dos desportistas. Também eram frequentemente motivo de chacotas na classe (FOLHA DE SÃO PAULO, 2006). Apesar de não serem “populares”, eram bons estudantes. Para Castilho (2014), os adolescentes acreditavam, que as terríveis recordações de seus infortúnios e tormentos físicos e psicológicos provocados pelo *bullying*, poderiam ser esquecidas com atitudes de “bravura” que entoassem nos meios de comunicação. Uma compreensão típica e patológica de indivíduos feridos em seus intensos sentimentos.

Casos como as das canadenses Amanda Todd e Rehtaeh Parsons causaram indignação e comoção, mostrando que o *bullying* faz parte do cotidiano de muitos adolescentes e é uma ameaça dentro e fora das escolas.

No dia 4 de março de 2013, a canadense Rehtaeh Parsons (17 anos), que morava em Cole Harbour (Halifax, Canadá), tentou o suicídio, ficando em coma por causa das lesões sofridas. Depois de três dias do ocorrido, a família resolveu desativar os dispositivos que preservavam sua vida.

O fenômeno do *bullying* entrou na vida de Rehtaeh, quando tinha 15 anos, após ser abusada sexualmente por quatro jovens que registraram em fotos o terrível e repugnante episódio. Tais fotos circularam em sua escola, na comunidade onde vivia e nas redes sociais. A adolescente sofria por causa dos insultos e intimidações constantes. Precisou mudar de escola. Também entrou em depressão profunda. As autoridades revelaram que o caso poderia não ter finalizado em tragédia caso a Junta Escolar de Halifax atuasse com mais severidade (CASTILHO, 2014).

O caso de Rehtaeh é parecido com o de outra canadense, Amanda Todd (15 anos), que cometeu suicídio em 10 de outubro de 2012, provocando comoção nacional e internacional. A adolescente era vítima de *cyberbullying* desde os 12 anos, depois ter fotos divulgadas na internet. Em 07 de setembro de 2012, publicou um vídeo no YouTube relatando como sofria com o *bullying*, o qual lhe fez entrar em depressão, ter fobia ao sair de sua residência e usar drogas, bebidas alcoólicas e antidepressivos para aliviar seu sofrimento (BBC BRASIL, 2012).

No Brasil, a presença do *bullying* nas escolas e suas consequências não é uma realidade diferente de outros países. Fatos violentos ocorridos em Remanso (BA), Realengo (RJ), Goiânia (GO), Medianeira (PR), Suzano (SP), dentre outros, na

maioria dos casos, terminam em tragédia e mostram que o *bullying* é uma prática nociva e seus resultados podem refletir na vida adulta. Além de ocasionar danos físicos e psicológicos e enfermidades como a depressão (SILVA, 2015).

Na cidade de Remanso (BA), em fevereiro de 2004, o adolescente Denilton (17 anos) assassinou duas pessoas e deixou três feridas. Segundo Fante (2005), Denilton, com traços de timidez e introspecção, era excluído e humilhado na escola havia muitos anos.

De acordo com Ristum (2010, p. 109), o adolescente

[...] após se deparar com a sua ex-escola e com sua escola atual fechadas (as aulas haviam sido suspensas), dirigiu-se à casa de seu principal agressor, um garoto de 13 anos, e o assassinou com um tiro na cabeça. A seguir, foi à escola de informática em que estudou e atirou contra funcionários e alunos, atingindo fatalmente uma secretária e ferindo três pessoas.

A atitude do estudante é descrita como um “ataque de fúria” (FOLHA DE SÃO PAULO, 2004, p. 1), motivado pela ânsia de externar suas emoções, por causa das agressões, humilhações e intimidações sofridas.

O “Massacre de Realengo”, como ficou conhecida a tragédia que ocorreu na cidade do Rio de Janeiro (RJ), em 7 de abril de 2011, abalou o país. O jovem Wellington Menezes de Oliveira (23 anos) entrou na Escola Municipal Tasso da Silveira, localizada no bairro de Realengo, e matou 12 estudantes e depois se suicidou.

Castilho (2014) revela que Wellington estudou nesta escola dez anos antes, e que, através de uma carta, o jovem falou sobre o *bullying* que sofria. Conseqüentemente, este fenômeno serviu de motivação para o massacre.

Segundo relatos de familiares, Wellington apenas mantinha contatos através da internet, possuía poucos amigos e não se envolvia com a família (CASTILHO, 2014). Os companheiros de escola o caracterizaram, na fase adolescente, “como muito calado, tímido e sem amigos”; na fase adulta, de acordo com relatos de irmãos e vizinhos, “esta descrição se mantinha constante: sempre isolado, sem amigos ou namoradas e quase sempre trancado em casa, fixado na *Internet*” (LOPES, 2012, p. 29).

Em 20 de outubro de 2017, no Colégio Goyases, instituição de ensino particular de Goiânia (GO), situada no Conjunto Riviera, bairro de classe média alta,

o adolescente J.C.M. (14 anos), filho de policiais militares, que estudava o 8º ano do ensino fundamental, no momento do intervalo de aulas, atirou contra seis estudantes, matando dois e ferindo outros quatro. De acordo com declaração do adolescente, ele foi motivado pelo *bullying* que estava sofrendo de seus companheiros de escola (G1 GO, 2017).

Segundo o G1 GO (2017, p. 2),

O crime ocorreu às 11h50. Testemunhas relataram ao **G1** que o adolescente, que cursa o 8º ano e é filho de policiais militares, estava dentro da sala de aula e, no intervalo, tirou da mochila a arma, uma pistola .40, que pegou da mãe em casa, e efetuou os disparos. Em seguida, quando ele se preparava para recarregar o revólver, foi convencido pela coordenadora a travar a arma.

Na época, o Governo do Estado de Goiás e a Prefeitura de Goiânia decretaram luto oficial por três dias. O presidente da República, Michel Temer, pelo Twitter, expressou desalento com o ocorrido. O caso teve repercussão internacional.

O adolescente J.C.M. foi internado no Centro de Atendimento Socioeducativo (Case) de Anápolis (GO), no qual ficaria internado por três anos. No entanto, foi liberado em 14 de maio de 2020, conforme decisão do Juizado da Infância e Juventude (MARTINS, 2020).

Em 28 de setembro de 2018, dois estudantes (15 anos), do primeiro ano do Ensino Médio do Colégio Estadual João Manoel Mondrone, no município de Medianeira (PR), entraram armados na escola e um deles disparou pelo menos seis vezes contra os colegas, ferindo dois (um deles, de 15 anos, com um tiro nas costas e o outro, 18 anos, nas pernas de raspão). Segundo Carazzai (2018), os adolescentes declararam à Polícia Civil que sofriam *bullying* e que movidos pelo sentimento de vingança resolveram realizar o ataque à escola.

Os pais do adolescente, autor dos disparos, relataram que tinham ciência que o filho sofria *bullying*, por causa do excesso de peso e por ser natural do interior, e lhe davam orientações. Não acreditaram que ele poderia revidar as agressões sofridas com violência (FERNANDES, 2018).

De acordo com Carazzai (2018), este adolescente, em vídeo, revelou que foi humilhado, ameaçado e agredido. Também afirmou que a responsabilidade de sua ação não era suscitada por algum livro, videogame ou qualquer fator desencadear do *bullying*, mas unicamente dos colegas que o agrediram.

Segundo Fernandes (2018), os adolescentes foram encaminhados para o Centro de Socioeducação (Cense) de Foz do Iguaçu (PR), no qual permaneceriam por 45 dias até definição das medidas socioeducativas. Becker (2019) afirma que estes adolescentes cumpriram as medidas socioeducativas no Cense de Cascavel (PR) e atualmente já se encontram liberados. O autor dos disparos foi liberado no dia 10 de maio de 2019, conforme decisão do juiz Fabrício Priotto Mussi. Seu colega, no dia 16 de fevereiro de 2019.

Infelizmente, a violência nas escolas não parece ter fim e um dos protagonistas para tal cenário mais uma vez é o *bullying*. No dia 13 de março de 2019, Guilherme Tauci Monteiro (17 anos) e Luiz Henrique de Castro (25 anos), entraram na Escola Estadual Professor Raul Brasil, em Suzano (SP) e mataram sete pessoas e deixaram onze feridas. Guilherme Monteiro assassinou o companheiro e em seguida se suicidou (VARGAS, 2019).

Guilherme e Luiz Henrique eram ex-alunos da Escola Raul Brasil e, segundo Vieira (2019, p. 2), o ataque foi organizado durante um ano e meio e foi motivado pelo *bullying*.

Vieira (2019) ressalta que é necessário fazer um exame detalhado da vida destes jovens para compreender o que os levaram a tamanha barbaridade. Ambos eram companheiros de infância, com frequência iam a uma *lan house* e visitavam páginas virtuais que incitavam à violência. Guilherme Monteiro era vítima de *bullying* e desistiu dos estudos antes de finalizar o ensino médio. Segundo relato de sua mãe “Não aguentava mais ser zoado por ter espinhas no rosto” (VIEIRA, 2019, p. 3).

E o caso mais recente envolvendo o *bullying*, que alarmou mais uma vez a sociedade brasileira, ocorreu no dia 4 de maio de 2021. O adolescente de 18 anos, que não teve seu nome divulgado, adentrou o Centro de Educação Infantil Pró-Infância Aquarela, no município de Saudades (SC), de posse de um facão, tirou a vida de três crianças e duas docentes e em seguida tentou cometer suicídio usando a mesma arma.

De acordo com Prudenciano (2021, p. 1), o jovem possui “perfil recluso”, vive com familiares, frequenta o ensino médio e tinha um trabalho. Também sofria *bullying* no ambiente escolar. Talvez, por isso, estava distante dos escassos amigos. Há indícios que ele maltratava animais. O adolescente não possui antecedentes criminais. Seus familiares ficaram assombrados com seu comportamento, pois não acreditavam que isso poderia ocorrer.

Estas ocorrências, nos quais o *bullying* toma protagonismo, mostram que este fenômeno é atroz, é um tema atual e recorrente e que impacta negativamente a vida de adolescentes, deixando marcas irreversíveis. Também podem estar sinalizando que estes adolescentes precisam de apoio psicológico, que os pais ou responsáveis necessitam estar atentos a qualquer mudança de comportamento, além de favorecer um ambiente familiar propício ao diálogo, que a escola precisa implementar ações para prevenção e combate à violência escolar, em especial, o *bullying*, com participação da família, também observar alterações no comportamento dos estudantes, que têm pouco ou nenhum relacionamento interpessoal. Enfim, não há soluções prontas, é preciso avaliar cada situação, já que o *bullying* apresenta características singulares a depender do contexto no qual ocorre.

Por isso, é necessário haver mais investigações sobre o fenômeno *bullying*, investimentos na saúde mental, dar melhores condições à família e à escola para cuidar dos estudantes, a fim de encontrar formas de evitar e conscientizar sobre o *bullying*, minimizando/eliminando seus efeitos danosos na vida de crianças e adolescentes.

Veloso et al. (2020) apontam que há necessidade de investigações sobre o *bullying*, que leve em consideração a complexidade do fenômeno e valores e crenças desenvolvidos cultural e socialmente.

Both, Stival e Raduenz (2009) salientam a necessidade de capacitação dos profissionais da educação para saber como lidar com o *bullying*, a fim de fazer da escola um espaço que cultive a paz, o respeito, a tolerância e a solidariedade.

É fundamental compreender que o *bullying* não é uma brincadeira. As diversas ocorrências envolvendo o fenômeno mostram que ele precisa ser encarado como um problema grave de saúde pública. Além disso, a literatura científica já comprovou a periculosidade das práticas de *bullying*. O problema é tão sério que, durante a pandemia da Covid-19, o fenômeno continua acontecendo.

O fato dos adolescentes estarem conectados por mais tempo na internet, por causa das aulas remotas, cria maiores possibilidades de ocorrências de *cyberbullying*. Segundo o Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (CETIC) (2020), que realizou a pesquisa *Tic Kids online Brasil*, entre outubro de 2019 a março de 2020, com 2.954 crianças e adolescentes, cuja finalidade era entender como as pessoas entre 9 e 17 anos de idade usa o ciberespaço e enfrenta os perigos e os benefícios consequentes desta utilização,

43% dos entrevistados relataram ter presenciado alguma pessoa ser discriminada e 7% que foi vítima desta discriminação, devido à sua cor ou raça, seu aspecto físico, opção religiosa etc. De acordo com a frequência, 61% observaram mais de uma vez por dia este tipo de violência. A pesquisa também revelou que 31% de crianças e adolescentes do sexo feminino receberam tratamento agressivo pela internet, 37% na faixa etária de 15 a 17 anos, demonstrando que são mais passíveis de sofrer alguma espécie de violência pela internet.

O *bullying* está presente em muitas realidades escolares e se manifesta em seus variados formatos. A sociedade precisa tomar consciência que o fenômeno precisa ser combatido. Investir na saúde, na formação condizente de profissionais da escola, em programas de intervenção, acompanhamento e prevenção, dentre outras ações que podem ser implementadas com o objetivo de “parar” o desenvolvimento do *bullying*.

CAPÍTULO III

3 METODOLOGIA

Este estudo foi realizado a partir do método de pesquisa de natureza qualitativa e quantitativa, visto que ambos os métodos são complementares e podem contribuir para a interpretação e compreensão de fenômenos observados em espaços escolares (SOUZA; KERBAUY, 2017). A pesquisa quantitativa é embasada na quantificação. Serve para mensurar a frequência e a intensidade dos comportamentos de um determinado grupo. Segundo Gerhardt e Silveira (2009, p. 33), a pesquisa quantitativa tem o foco na “objetividade” e “recorre à linguagem matemática para descrever as causas de um fenômeno, as relações entre variáveis etc.”. Já a pesquisa qualitativa objetiva compreender a totalidade do fenômeno, salientando a relevância de sua análise e interpretação. Para Gerhardt e Silveira (2009, p. 32) a pesquisa qualitativa “preocupa-se [...] com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais”. Ristum (2010) enfatiza que pesquisas de natureza qualitativa colaboram para contextualizar as realidades locais, que é relevante para compreender a dimensão do fenômeno do *bullying*.

Com base nos objetivos propostos, esta pesquisa também se caracteriza como exploratória. De acordo com Triviños (1987) *apud* Gerhardt e Silveira (2009), a pesquisa exploratória permite conhecer os fatos de maneira mais aprofundada, explicitando os elementos presentes no fenômeno estudado e permitindo a construção de hipóteses.

Quanto aos procedimentos que foram utilizados, se caracteriza como uma pesquisa bibliográfica, pois foi feito um levantamento no repositório de trabalhos de pós-graduação da CAPES de teses e dissertações sobre *bullying* no ensino médio envolvendo adolescentes, elaborados no período de 2016 a 2020. Tendo em vista que este tipo de pesquisa, segundo Gil (2002), é realizado através de conteúdos já produzidos, constituindo-se basicamente de livros, publicações periódicas e impressos variados.

A coleta de dados foi realizada apenas na plataforma virtual da CAPES nos meses de fevereiro a maio de 2021. Para tanto, fez-se a delimitação da coleta a partir da definição de critérios de inclusão e exclusão. De acordo com os critérios de inclusão aplicados as teses e dissertações teriam que: ser defendidas e publicadas no período de 2016 a 2020, ano posterior à publicação da Lei Federal nº 13.185/2015, que institui o programa de combate ao *bullying*; discutir a temática sobre o *bullying*; ter como participantes da pesquisa/estudo estudantes adolescentes; ser realizada em escolas do ensino médio. No tocante aos critérios de exclusão, as teses e dissertações não seriam consideradas para o estudo se: fossem defendidas/publicadas antes de 2016; tivessem o foco em outras modalidades de ensino; discutissem outros tipos de violência presentes nas escolas. Os descritores utilizados para a busca dos trabalhos foram: “*bullying* + ensino médio”, tendo como resultados 68.931 estudos; “*bullying* + adolescente”, 3.510; “*bullying* + violência na escola”, 333.333; e “*bullying* + violência entre pares”, 208.052. Abaixo segue tabela 1 com os descritores utilizados na busca dos trabalhos e seus respectivos resultados.

Tabela 1 – Descritores usados no repositório CAPES e respectivos resultados

Descritores	Resultados
<i>bullying</i> + ensino médio	68.931
<i>bullying</i> + adolescente	3.510
<i>bullying</i> + violência na escola	333.333
<i>bullying</i> + violência entre pares	208.052

Fonte: Dados obtidos do repositório da CAPES, 2021.

Ao final do levantamento foram pré-selecionados 56 trabalhos. 29 foram descartados, pois não abordavam o tema do *bullying* no ensino médio, apesar do público-alvo, em sua maioria, ser adolescente. Dos 27 trabalhos restantes, 17 dessas produções não possuíam divulgação autorizada na plataforma da CAPES. Em vista disso, buscou-se no site de pesquisa do *Google* através do título da tese e/ou dissertação. E foi possível encontrar cinco trabalhos. No total foram objetos de estudo 15 trabalhos (14 dissertações e uma tese), os quais, em sua maioria, estão concentrados nas áreas de Educação, de Ensino e de Educação Profissional e Tecnológica. Para auxiliar nas análises estes trabalhos foram organizados conforme os seguintes itens: nome do autor, título do trabalho, tipo da obra (Dissertação ou

Tese), data da defesa, instituição de pós-graduação, objetivos, métodos, resultados e palavras-chave.

Além de trabalhos sem divulgação autorizada, de elencar nos resultados das buscas diversas produções que não estavam relacionadas aos descritores, o portal da CAPES, durante o levantamento bibliográfico, apresentava erros constantes, que inviabilizava prosseguir com a busca. Exigindo bastante paciência e vários dias.

A análise dos dados foi realizada por meio da análise de conteúdo proposta por Bardin. A análise de conteúdo tem por objetivo descobrir o significado ou os significados das interações verbais ou não verbais, presentes em diários pessoais, entrevistas, fotografias, informes, jornais, livros, revistas, vídeos, dentre outros.

A análise de conteúdo, segundo Bardin (2016, p. 48, grifo da autora), é definida como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens.

Moraes (1999) expõe que a análise de conteúdo é um método de pesquisa utilizado a fim de caracterizar e elucidar diversos gêneros de textos (falados ou escritos). Tal análise descreve sistematicamente estes textos, conduzindo a uma compreensão e reinterpretação de seus conteúdos.

A análise de conteúdo apresenta três etapas: pré-análise (organização); exploração do material (codificação e categorização) e tratamento dos resultados (inferência e interpretação) (BARDIN, 2016).

Na primeira fase (pré-análise) foi realizada a leitura flutuante para conhecer os textos que foram analisados e estruturar as primeiras percepções. Bem como a seleção do *corpus* de análise, levando-se em consideração os objetivos de pesquisa, os métodos que foram utilizados e os resultados alcançados.

Na segunda fase (exploração do material) fez-se a categorização dos trabalhos, dividindo-os em eixos temáticos. Em seguida, identificou-se as unidades temáticas. Logo depois, a formação das categorias analíticas, conforme demonstrado no quadro 1.

Quadro 1 - Processo de categorização

Eixos temáticos	Unidades temáticas	Categorias analíticas
Objetivos	1. Percepção sobre fenômeno <i>bullying</i>	Percepção sobre <i>bullying</i> no contexto escolar
	2. Reflexos acerca a violência escolar especificamente a partir do fenômeno <i>cyberbullying</i>	
	3. Ocorrências de <i>bullying</i>	
	4. Relações de violência e <i>bullying</i>	
	5. Casos de <i>bullying</i> em escola	
	6. Experiências/fatores associados à violência entre adolescentes no ensino médio	
	7. Processos de violência escolar/ <i>bullying</i> entre adolescentes em escola	
	1. Comportamento suicida entre adolescentes	Consequências do <i>bullying</i>
	2. Condutas autolesivas e <i>bullying</i> em adolescentes	Prevenção e intervenção de conflitos
	1. Construção de políticas de prevenção e intervenção na gestão de conflitos escolares	
	2. Intervenção educativa na ocorrência de <i>bullying</i>	
	3. Discussão e sensibilização a respeito do <i>bullying</i>	
	4. Proposta de enfrentamento ao <i>bullying</i> escolar	
	5. Ações de combate ao <i>bullying</i> a partir do protagonismo juvenil	Empírico-analítico
	1. Estudo de corte transversal, de caráter descritivo e analítico	
Métodos	2. Estudo quase experimental	Crítico-dialético
	1. Pesquisa quantitativa e qualitativa	
	2. Observação participante	
	3. Pesquisa-ação	Fenomenológico-hermenêutico
	1. Perspectiva filosófica da fenomenologia	
2. Pesquisa qualitativa fenomenológica	Percepção sobre <i>bullying</i> no contexto escolar	
1. Percepção individual sobre o <i>bullying</i>		
2. Tipos de violência mais comuns		
3. Práticas de <i>bullying</i> a partir de xingamentos, exclusão e apelidos		
Resultados	4. <i>Bullying</i> de gênero	Consequências do <i>bullying</i>
	1. Sentimentos de tristeza e comportamento suicida	
	2. Danos psicológicos pontuais	
	3. Condutas autolesivas	
	4. Manifestações de <i>bullying</i>	
	5. <i>Bullying</i> nas relações	Prevenção e intervenção de conflitos
	1. Carência de políticas de enfrentamento	
	2. Intervenção	
	3. Carência de aplicativos para diagnóstico do <i>bullying</i>	
	4. Podcast como recurso de combate ao <i>bullying</i>	
	5. Intervenção através de oficina pedagógica	
	6. Combate ao <i>bullying</i> através de ações de protagonismo juvenil	

Fonte: Elaborado pela autora.

Na terceira fase (tratamento dos resultados, inferência e interpretação) fez-se o estudo interpretativo do *corpus*, considerando-se as categorias analíticas e a literatura concernente à temática.

O produto educacional que nasceu deste estudo foi uma cartilha direcionada aos adolescentes, com vistas a proporcionar informações sobre o *bullying*. Este material também pode ser utilizado como apoio às ações que as instituições de ensino poderão implementar para enfrentamento e combate ao fenômeno.

CAPÍTULO IV

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Após a limpeza dos dados, o escopo deste estudo foi composto por quinze pesquisas, conforme o quadro 2 a seguir:

Quadro 2 - Pesquisas selecionadas para compor o estudo

Data de Defesa	Título	Autor	Tipo ¹⁸	Instituição
17/02/2017	I-O fenômeno <i>bullying</i> no contexto escolar: estudo acerca da experiência vivida de adolescentes em uma instituição de ensino de Aracaju	Elcio Rezek Leopoldino	D	UFS
22/02/2017	II-Comportamento suicida em adolescentes que relatam sentimento de tristeza e vitimização por <i>bullying</i>	Helene Mendes de Carvalho	D	UPE
28/04/2017	III-Mutação da violência escolar na sociedade pós-moderna: a efervescência do <i>ciberbullying</i>	Jakeline Goldoni	D	UNIOESTE
12/07/2017	IV-Conduas autolesivas e <i>bullying</i> em adolescentes de Sergipe	Luana Cristina Silva Santos	D	UFS
31/08/2017	V-Jovens, violência e a cultura da paz no contexto escolar	Milene de Oliveira Machado Ramos Jubé	D	PUC-GO
19/12/2017	VI-Políticas educacionais, conflitividade e convivência escolar entre adolescentes: intervenções político-pedagógicas no IFRS-Campus Sertão	Gabriele Albuquerque Silva	D	UPF
26/03/2018	VII-Meninas empoderadas: um estudo sobre resiliência e <i>bullying</i> entre pares na escola	Flávia Maria dos Santos Vasconcelos	D	UFRPE
12/04/2018	VIII-Enfrentamento do <i>bullying</i> na escola: o teatro do Oprimido como estratégia de intervenção	Lidiane Cristina da Silva Alencastro	T	USP
14/08/2018	IX-A mulher e o ensino-aprendizagem agropecuário: violência e <i>bullying</i> nas vivências e cotidianidades escolares	Paulo Alves de Oliveira	D	IFMT
13/12/2018	X-Sistema informatizado para auxiliar na descoberta de possíveis casos de <i>bullying</i> em uma instituição de ensino na cidade de Ituverava-SP	Rodrigo Augusto dos Santos Paula	D	IFTM
22/08/2019	XI-Produção e utilização de podcasts para abordagem do tema <i>bullying</i> em uma escola de educação profissional e tecnológica	Tieko Akita	D	IFSP
06/12/2019	XII- <i>Bullying</i> escolar: desenvolvimento de estratégias de enfrentamento em cursos de ensino técnico integrado de nível médio	Ricardo Alexandre Pereira	D	IFPR
10/02/2020	XIII-Experiências e fatores associados à violência em estudantes do ensino médio	José Ronildo da Costa	D	URCA
05/11/2020	XIV-Violação dos direitos humanos e <i>bullying</i> no ensino médio	Silbene Rosa Paoliello	D	IFMT
17/12/2020	XV-Prevenção e combate ao <i>bullying</i> no contexto escolar com ações de protagonismo juvenil	Leyse Grecco	D	IFMT

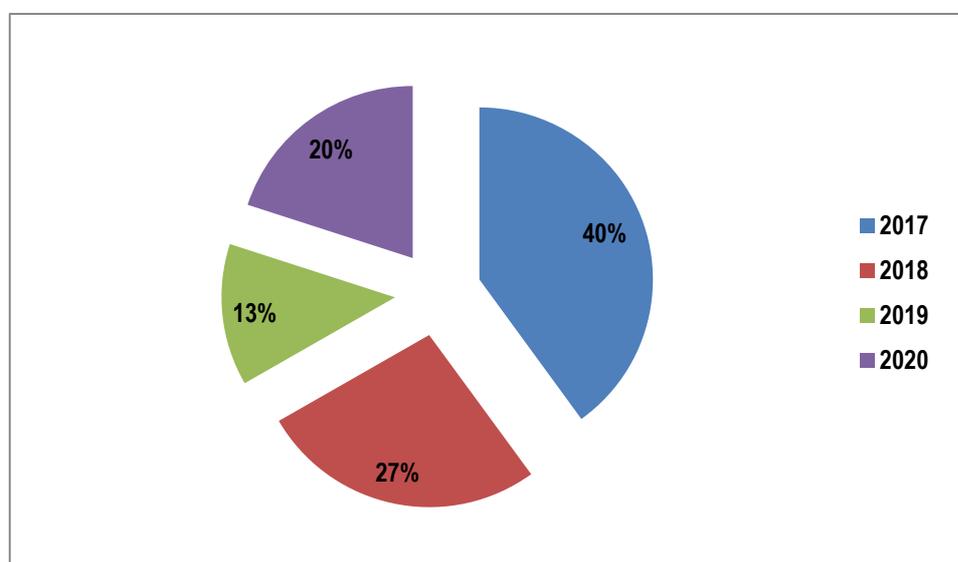
Fonte: Dados obtidos das teses e dissertações.

¹⁸ D = Dissertação e T = Tese

De acordo com o ano de defesa, os trabalhos acadêmicos estão com a seguinte distribuição: seis de 2017; quatro de 2018; dois de 2019 e três de 2020. Dos quinze trabalhos que compõem o escopo do estudo, apenas seis tratavam do *bullying* envolvendo adolescentes no ensino médio da EPT. Durante a busca dos trabalhos no repositório da CAPES foram elencados vários trabalhos realizados na EPT, mas com temas diversificados. Uma vez que a EPT abrange diversas áreas do conhecimento.

No gráfico 1 é possível observar que a maioria dos trabalhos acadêmicos com a temática do *bullying* no ensino médio envolvendo adolescentes está concentrada no ano de 2017, com 40%. Poucos trabalhos foram produzidos nos de 2018 (27%), 2019 (13%) e 2020 (20%). Este fato pode demonstrar um crescente desinteresse pelo tema, o que coincide com algumas mudanças nas políticas sociais, na ascensão de algumas figuras públicas na TV aberta que manifestam comportamento agressivo e em um aumento de conflitos baseados na diferença e desvalorização dos indivíduos (crimes de ódio, misoginia, entres outros).

Gráfico 1 - Teses/Dissertações classificadas por ano de defesa



Fonte: Elaborado pela autora.

Em relação ao conteúdo das pesquisas que compõem o escopo deste estudo, considerou-se importante uma breve apresentação para contextualização da trajetória de análise, uma vez que os dados apontados pelos pesquisadores subsidiarão o desenvolvimento do produto educacional proposto.

Assim, **Leopoldino** (2017) analisou as narrativas de adolescentes em relação ao *bullying* no ambiente escolar e suas relações intersubjetivas, percepções e intencionalidade. Constatou que o fenômeno tem ocorrência frequente entre os adolescentes e que a escola tem um importante papel no desenvolvimento de sua personalidade. Revelou que os adolescentes percebem o *bullying* como algo natural, pois já convivem com o fenômeno há muito tempo, apesar de ser um problema, que causa dor e sofrimento. Também destacou que as intervenções empreendidas pela escola não foram suficientes para cessar/amenizar as práticas de *bullying*. Enfatizando a necessidade de reconhecer a seriedade do fenômeno, a importância de realização de momentos de escuta e a criação de normas para orientar e coibir as práticas de *bullying*.

Carvalho (2017) investigou a prevalência de vítimas de *bullying* entre adolescentes, verificando a relação entre sentimento de tristeza e vitimização de *bullying* com comportamento suicida (pensamento, planejamento e tentativa de suicídio). Observou que dos adolescentes pesquisados 27,1% apresentaram sentimento de tristeza, 20,2% vitimização de *bullying* e 19,6% comportamento suicida e que estes aspectos estavam relacionados entre si. O comportamento suicida é um dos fatores de risco mais significativo nas práticas de *bullying*. Identificou que existe um elevado predomínio de adolescentes que são vítimas de *bullying* no ambiente escolar e que as variadas espécies de comportamento suicida também são frequentes. Sugere que o combate ao *bullying* na escola leve em consideração ações que envolvam estratégias de prevenção e sensibilização da comunidade escolar, prevenção ao suicídio, tratamentos de transtornos mentais, diminuição de armas de fogo e capacitação de profissionais de saúde.

Goldoni (2017) buscou compreender a utilização do espaço virtual em manifestações de violência, analisando possíveis consequências oriundas do *cyberbullying* na vida de adolescentes. Observou que o fenômeno extrapola os espaços geográficos e expõe às vítimas, evidenciando o nível de agressividade do fenômeno e acarretando danos psicológicos, como a depressão, pensamentos suicidas. Bem como a negação do fenômeno por parte da escola, fato que desestimula a procura de ajuda e a denúncia para as autoridades competentes. Destaca a relevância do apoio da família para a superação da violência do *bullying*.

Santos (2017) estudou sobre possíveis associações entre condutas autolesivas e *bullying* em adolescentes. Percebeu que a adolescência é a fase de

maior prevalência tanto para o *bullying* como para as condutas autolesivas, ambos são considerados problemas de saúde pública e precisam ser investigados, para compreender o cerne do problema. Sua pesquisa revelou que os adolescentes entre 16 e 17 e os que residem na capital têm aproximadamente duas vezes mais chances de serem vítimas nas práticas de *bullying*. E os que estudam em escola privada, quase três vezes mais chances. 35,9% cometeram autolesão, objetivando diminuir estados afetivos negativos e fugir de situações sociais indesejadas. Também pensaram em cometer suicídio. Concluiu seu estudo apontando que as condutas autolesivas podem ter relação com as práticas de *bullying*.

Jubé (2017) analisou a percepção de adolescentes sobre a violência na escola e os programas para o desenvolvimento da cultura de paz. Observou que a violência é presenciada cotidianamente pelos adolescentes pesquisados. Destes 19% sofreram alguma espécie de violência. O *bullying* foi o tipo de violência mais mencionada pelos adolescentes. As práticas violentas são realizadas dentro da sala de aula e/ou no pátio, causam medo e preocupação. Quanto aos projetos de estímulo à cultura de paz no ambiente escolar, os pesquisados desconhecem estes projetos ou ações relacionadas aos mesmos. Também sugerem projetos que envolvam rodas de conversa, leitura e música para solucionar a violência na escola. A autora destacou a relevância de implementar a cultura de paz, de investimentos em políticas públicas e realizar ações para reduzir/eliminar a violência escolar, inserindo os estudantes em todo processo.

Silva (2017) investigou a conflitividade no ambiente escolar entre adolescentes, a fim de entender suas manifestações e contribuir na discussão de políticas de prevenção e intervenção na gestão de conflitos escolares. Destacou que o *bullying* é a forma de violência mais presente na escola, a qual se caracteriza por intimidações e ofensas verbais, bem como impactos emocionais. Ressaltou que a conflitividade escolar compreende conflitos e tensões pertinentes à interação social frequente na comunidade escolar e a violência praticada na escola tem suas variadas facetas. Considerou relevante a influência da conflitividade não violenta por meio de projetos de intervenção e prevenção. Revelou que a conflitividade de disputa/rivalidade está presente na escola e que é violenta e antidemocrática. E constatou que o *bullying* é praticado de forma individualizada apesar de ocorrer também em grupos. Os adolescentes entrevistados apontaram o *bullying* como o

tipo de violência mais comum na escola. Recomendou a criação de programas mais sistematizados de intervenção que promova a gestão de conflitos.

Vasconcelos (2018) buscou compreender como adolescentes vítimas de *bullying* conseguiam, no decorrer de suas trajetórias escolares, mostrar empoderamento e superação. Observou um elevado número de adolescentes que se identificou como alvo de *bullying* (70,33%), as quais apresentaram dificuldades de procurar ajuda em suas famílias ou escolas. Das adolescentes pesquisadas 92,05% observaram práticas de *bullying* e 9,46% tomaram alguma atitude. 92,59% das participantes informaram que praticaram *bullying* através de apelidos, exclusão e xingamentos. Também comentaram que não existe nenhuma espécie de campanha de conscientização sobre o fenômeno, porém consideram relevante tal iniciativa.

Alencastro (2018) analisou os efeitos de uma intervenção educativa nas práticas de *bullying* entre adolescentes, utilizando oficinas de dramatização baseadas na metodologia do Teatro do Oprimido (TO). Esta pesquisadora definiu o TO como um método teatral inspirado na obra “Pedagogia do Oprimido” de Paulo Freire, criada por Augusto Boal na década de 1970, devido ao seu desejo de criar um teatro inclusivo. O TO pode ser usado como instrumento de orientação para intervenções *antibullying*. Observou a diminuição das práticas de *bullying* físico, mas um aumento do “*bullying* relacional”. Os adolescentes que participaram do TO apresentaram melhor enfrentamento do *bullying*.

Oliveira (2018) em sua pesquisa procurou compreender as relações cotidianas e as vivências de estudantes no processo de ensino e de aprendizagem do curso Técnico em Agropecuária do IFMT, Campus São Vicente, retratando as violências escolares e o *bullying* presentes nestas relações. Nos resultados de seu estudo 41,99% dos pesquisados relataram ter sofrido ou presenciado o *bullying* no cotidiano ou na vivência escolar, 18,66% observaram alguém sofrer alguma espécie de *bullying* e 7,33% praticaram o *bullying*. Também menciona que há ocorrências de *bullying* relacionado ao gênero, uma vez que a presença feminina tem aumentado bastante neste curso.

Paula (2018) versou sobre o desenvolvimento de uma ferramenta para auxiliar na constatação de agressores, vítimas e testemunhas de *bullying* nas escolas de ensino médio. Considerou que uma forma de prevenir o fenômeno é através de um programa virtual para implementar pesquisas on-line com os estudantes através de questionários, cujos resultados poderão ser utilizados para

diagnóstico e prevenção do *bullying*. O programa desenvolvido por este pesquisador – *Control Bullying* – diagnosticou que dos 306 estudantes respondentes 2% são considerados prováveis agressores, 8% espectadores, 1% observadores e indiferentes, 85% indiferentes, 6% vítimas e 2% vítimas indiferentes. Concluiu o estudo afirmando que o programa é eficiente para auxiliar na descoberta de possíveis casos de *bullying* na escola, mas que os resultados precisam ser devidamente analisados.

Akita (2019) promoveu a discussão e a sensibilização de adolescentes sobre o *bullying* na escola, através da produção de *podcasts*. Em seu estudo constatou que 78,8% dos estudantes se identificaram como autores de *bullying*, 84,6% foi vítima, 87,7% foi testemunha e 29,6% denunciaram situação de *bullying*, pelo menos uma vez, em pelo menos uma das ocorrências de *bullying* apresentadas (físico, material, moral, psicológico, sexual, social, verbal e virtual). Também revelou que após a exibição dos *podcasts* ocorreu diminuição das práticas de *bullying* (52,2%) e aumento na intenção de denunciar o fenômeno (66,8%). Este pesquisador considerou o *podcasts* um instrumento relevante no processo de conscientização e redução do fenômeno do *bullying*.

Pereira (2019) em sua pesquisa buscou compreender como o *bullying* se apresenta entre adolescentes do IFPR, Campus Curitiba, culminando num produto educacional direcionado aos educadores e gestores como proposta de enfrentamento do *bullying* para as turmas do EMI da EPT. Os resultados de seu estudo demonstraram que 87% dos estudantes conheciam o fenômeno, 56% presenciaram *bullying*, 25% afirmaram ter sido vítima e 9% já foram autores. A sala de aula foi o local que mais ocorreu situações de *bullying* com 54% de testemunhas. O verbal foi a forma de *bullying* mais frequente (66%), o segundo tipo de *bullying* mais citado foi o social (59%) e último o físico (3%). Como proposta de intervenção foi realizada uma oficina pedagógica, visando contribuir para a melhora do clima escolar. O autor destacou a necessidade de envolvimento da comunidade escolar nas ações de enfrentamento e combate ao *bullying*.

Costa (2020) analisou as experiências e fatores relacionados à violência entre adolescentes do ensino médio de uma escola pública. Ressaltou que as violências sofridas e perpetradas entre adolescentes podem causar prejuízos bastante graves, já que esta fase é considerada um dos períodos mais inquietantes do seu desenvolvimento. Os resultados de sua pesquisa demonstraram a

prevalência do *bullying* psicológico (71%) e sexual (80%) sofridos pelo sexo feminino. Com relação aos agressores do sexo masculino, 44,9% para o *bullying* psicológico e 90% para o sexual. O *bullying* físico é sofrido pela maioria (51% sexo feminino e 49% sexo masculino) e praticado por 45% (ambos os sexos). Revelou que existe maior prevalência do *bullying* físico no ambiente escolar, devido ao convívio diário, sendo mais propício o envolvimento em discussões que podem culminar em agressões físicas e que as práticas de *bullying* estimularam o consumo de álcool e droga.

Paoliello (2020) buscou compreender e interpretar os processos de violência escolar, o *bullying*, envolvendo adolescentes do ensino médio. Evidenciou que o *bullying* não pode ser naturalizado na escola e precisa ser considerado como um indicador de risco que pode implicar em atitudes violentas mais sérias. Os resultados de seu estudo demonstraram que 60,7% dos participantes afirmaram serem vítimas de *bullying* na escola; 67,7 dos agressores são os colegas de sala; 54,7% relataram terem maltratado algum colega motivados por provocações. Os discursos dos estudantes sobre o *bullying* indicam que este é entendido como uma brincadeira que é muito perigosa. Estes adolescentes compreendem o papel social da escola de fornecer orientações sobre o fenômeno e formas de prevenção e combate. A autora reitera que o diálogo com a comunidade colabora para a redução do *bullying*.

Grecco (2020) investigou sobre os tipos de violência presentes no ambiente escolar que acarretam a violação dos direitos humanos e a prática do *bullying* na escola envolvendo estudantes do ensino médio, identificando possíveis ações de combate ao *bullying* através do protagonismo juvenil. Foram diagnosticados os seguintes tipos de violência escolar: verbal (75%), característica física (50%), psicológico e moral (47%), os quais intensificam as práticas de *bullying* na escola e o descumprimento dos direitos humanos. Destacou que ações e projetos com participação ativa e efetiva da comunidade escolar podem ser implementados como forma de combate ao fenômeno.

Mediante o exposto, é possível afirmar que os trabalhos acadêmicos analisados apresentam relevantes considerações sobre o *bullying* e revelam que este fenômeno é uma violência recorrente nas escolas.

No que concerne aos objetivos de cada trabalho, no quadro 3 foram elencados estes objetivos, conforme apresentado a seguir:

Quadro 3 - Apresentação dos trabalhos segundo Data defesa, Título, Tipo, Instituição e Objetivo

	Data de Defesa	Título	Tipo	Instituição	Objetivo
I	17/02/2017	O fenômeno <i>bullying</i> no contexto escolar: estudo acerca da experiência vivida de adolescentes em uma instituição de ensino de Aracaju	D	UFS	Descrever as narrativas de adolescentes acerca da percepção sobre o fenômeno <i>bullying</i> no contexto escolar, suas relações intersubjetivas, suas percepções, intencionalidade e a maneira de ver de cada sujeito, e de como cada um se vê e percebe o outro.
II	22/02/2017	Comportamento suicida em adolescentes que relatam sentimento de tristeza e vitimização por <i>bullying</i>	D	UPE	Verificar se a vitimização de <i>bullying</i> e o sentimento de tristeza estão associados aos comportamentos suicidas entre adolescentes.
III	28/04/2017	Mutação da violência escolar na sociedade pós-moderna: a efervescência do <i>ciberbullying</i>	D	UNIOESTE	Compreender o uso do ciberespaço em manifestações de violência, intuindo analisar as possíveis consequências advindas do <i>ciberbullying</i> na vida de estudantes do Ensino Médio de instituições públicas da cidade de Cascavel.
IV	12/07/2017	Condutas autolesivas e <i>bullying</i> em adolescentes de Sergipe	D	UFS	Investigar as possíveis relações entre condutas autolesivas e <i>bullying</i> em adolescentes sergipanos.
V	31/08/2017	Jovens, violência e a cultura da paz no contexto escolar	D	PUC-GO	Analisar e compreender a percepção dos jovens sobre a violência no contexto escolar e os programas para a cultura da paz.
VI	19/12/2017	Políticas educacionais, conflitividade e convivência escolar entre adolescentes: intervenções político-pedagógicas no IFRS-Campus Sertão	D	UPF	Explorar a conflitividade escolar entre adolescentes a partir da investigação da ação político-pedagógica do IFRS-Campus Sertão, auxiliando na fundamentação necessária para a construção de políticas de prevenção e intervenção na gestão de conflitos escolares.
VII	26/03/2018	Meninas empoderadas: um estudo sobre resiliência e <i>bullying</i> entre pares na escola	D	UFRPE	Investigar, sob a ótica transdisciplinar, a ocorrência do fenômeno <i>bullying</i> com meninas em ambiente escolar, analisando os possíveis processos de resiliência dessas meninas e sua relação com os processos de empoderamento ocorridos.
VIII	12/04/2018	Enfrentamento do <i>bullying</i> na escola: o teatro do Oprimido como estratégia de intervenção	T	USP	Analisar os efeitos de uma intervenção educativa na ocorrência do <i>bullying</i> entre adolescentes escolares de Cuiabá-MT, por meio de oficinas de dramatização baseadas na metodologia do Teatro do Oprimido.
IX	14/08/2018	A mulher e o ensino-aprendizagem agropecuário: violência e <i>bullying</i> nas vivências e cotidianidades escolares	D	IFMT	Compreender as relações cotidianas e as vivências das alunas no processo de ensino-aprendizagem do curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Nível Médio do IFMT Campus São Vicente.
X	13/12/2018	Sistema informatizado para auxiliar na descoberta de possíveis casos de <i>bullying</i> em uma instituição de ensino na cidade de Ituverava-SP	D	IFTM	Desenvolver um programa de computador para auxiliar na descoberta de possíveis casos de <i>bullying</i> em uma escola.
XI	22/08/2019	Produção e utilização de podcasts para abordagem do tema <i>bullying</i> em uma escola de educação profissional e tecnológica	D	IFSP	Promover a discussão e a sensibilização dos estudantes a respeito do <i>bullying</i> , por meio da elaboração e aplicação de <i>podcasts</i> , pautados na concepção do EMI em uma escola de EPT.
XII	06/12/2019	<i>Bullying</i> escolar: desenvolvimento de estratégias de enfrentamento em cursos de ensino técnico integrado de nível médio	D	IFPR	Compreender como o fenômeno <i>bullying</i> se manifesta entre os estudantes do Campus Curitiba do IFPR para desenvolver um produto educacional, voltado a educadores e gestores, como proposta de enfrentamento ao <i>bullying</i> escolar em turmas de educação profissional técnica de nível médio.
XIII	10/02/2020	Experiências e fatores associados à violência em estudantes do ensino médio	D	URCA	Analisar experiências e fatores associados à violência entre adolescentes do ensino médio de uma escola pública.

XIV	05/11/2020	Violação dos direitos humanos e <i>bullying</i> no ensino médio	D	IFMT	Investigar, compreender e interpretar os processos de violência escolar, o <i>bullying</i> , envolvendo adolescentes do ensino médio de sete instituições de ensino de Mato Grosso.
XV	17/12/2020	Prevenção e combate ao <i>bullying</i> no contexto escolar com ações de protagonismo juvenil	D	IFMT	Investigar e diagnosticar as formas de violência escolar que ocasionam a violação dos Direitos Humanos e a prática do <i>Bullying</i> no contexto escolar envolvendo alunos do ensino médio, elucidando as possíveis ações ao combate do <i>bullying</i> a partir do protagonismo juvenil.

Após leitura e análise, no processo de formação das categorias a partir dos elementos presentes no quadro 3 foram extraídas três categorias analíticas:

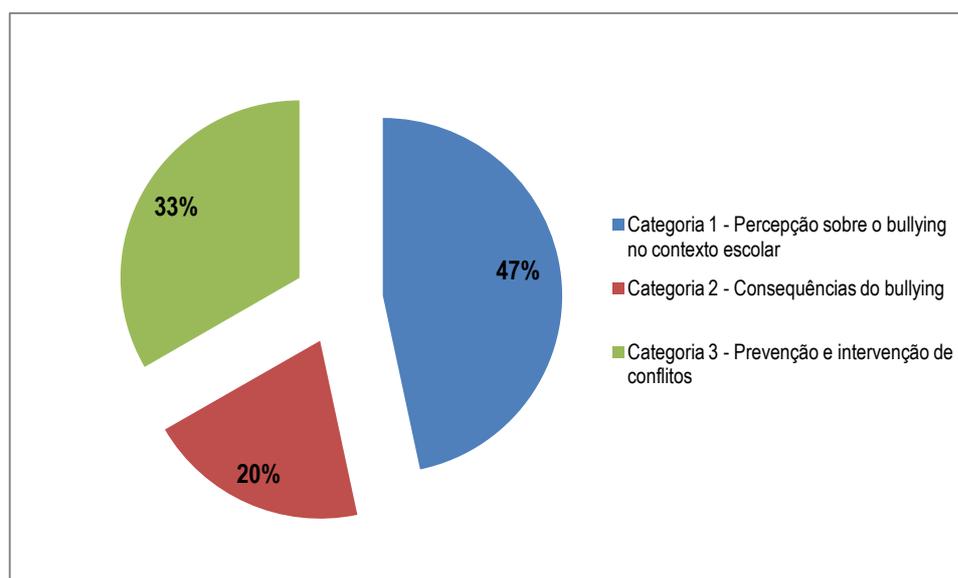
Categoria 1 – Percepção sobre o *bullying* no contexto escolar, na qual se enquadram os trabalhos I, V, VII, IX, X, XIII e XIV;

Categoria 2 – Consequências do *bullying*, trabalhos II, III e IV;

Categoria 3 – Prevenção e intervenção de conflitos, trabalhos VI, VIII, XI, XII e XV.

O gráfico 2 a seguir ilustra esta distribuição:

Gráfico 2 - Categorização após análise dos objetivos



Fonte: Elaborado pela autora.

Quanto às categorias aplicadas neste aspecto, as categorias 1 e 3 englobam, respectivamente, 47% e 33% dos trabalhos. Mostrando que os estudos, em sua maioria, se concentraram em compreender o *bullying* no contexto escolar e em mecanismos de prevenção e intervenção dos conflitos. Enquanto que a categoria 2, com 20% dos trabalhos, demonstra que os estudos sobre os resultados do *bullying* tem pouca prevalência.

A literatura sobre o *bullying* tem revelado que este fenômeno traz uma série de consequências para todos os envolvidos e entender o contexto de práticas de *bullying*, analisar as consequências do fenômeno na vida das pessoas e lançar mão de propostas de prevenção e intervenção são aspectos que estão inter-relacionados.

Gerbaka, BouMitri e Haber (2016) afirmam que as consequências do *bullying* podem ser graves e ter repercussões ao longo da vida. Não apenas afetam as vítimas, agressores e testemunhas, mas também seus familiares e amigos. Além disso, é concebido como um problema de saúde, que provoca o aparecimento de outras patologias.

Silva (2015) adverte quanto ao fato de que a comunidade escolar necessita admitir que a prática do *bullying* é uma realidade no contexto escolar, e que é preciso buscar formas de identificação para o fenômeno, entender seus resultados e propor meios para prevenção e intervenção.

Em síntese, os objetivos propostos nestes trabalhos revelam que é relevante estudar a temática do *bullying* no contexto do ensino médio, a fim de proporcionar informações mais adequadas sobre o fenômeno e propor meios de prevenção e intervenção para redução/eliminação do *bullying*. Também que há necessidade de investigações sobre as consequências do *bullying* nos espaços escolares, com a intenção de pensar em formas de intervenções pertinentes, que levem em consideração as características dos envolvidos e do contexto escolar.

No quadro 4 foram relacionados os métodos que foram utilizados na pesquisa de cada trabalho, conforme apontado a seguir.

Quadro 4 - Apresentação dos trabalhos segundo Data defesa, Título, Tipo, Instituição e Método

Data de Defesa	Título	Tipo	Instituição	Método
I 17/02/2017	O fenômeno <i>bullying</i> no contexto escolar: estudo acerca da experiência vivida de adolescentes em uma instituição de ensino de Aracaju	D	UFS	Trata-se de um estudo que procura aproximação da perspectiva filosófica da fenomenologia com o campo educacional envolvendo os conceitos de Percepção, Intencionalidade e Intersubjetividade. Para tanto, utilizou-se como base de sustentação teórica os fundamentos da perspectiva fenomenológica de Merleau-Ponty, que propõe a discutir o sujeito em sua totalidade. A averiguação foi realizada em uma Instituição de Ensino Público Federal de Sergipe. Participaram 11 alunos, 9 meninas e 2 meninos, com idade entre 15 e 17 anos matriculados no ensino médio. Foi utilizada a abordagem qualitativa de pesquisa. Pesquisa descritiva. A metodologia utilizada foi por meio de entrevistas com questões semiestruturadas tipo grupo focal, que através desta ampliação do objetivo buscou contextualizar ainda

				mais os dados coletados e estabelecer uma situação interativa próxima da vida cotidiana.	
II	22/02/2017	Comportamento suicida em adolescentes que relatam sentimento de tristeza e vitimização por <i>bullying</i>	D	UPE	Trata-se de um estudo de corte transversal, de caráter descritivo e analítico com base escolar, que representa parte de um projeto maior no qual avalia diferentes condutas de risco à saúde. A amostra foi composta por 2614 adolescentes, de ambos os sexos, com idade entre 12 e 19 anos, estudantes de escolas estaduais de Olinda-PE. Os dados foram obtidos através da aplicação de um questionário e analisados de forma descritiva e correlacional tabulados com dupla entrada. Para análise bivariada foi aplicado o teste Qui-quadrado e para a multivariada foram incluídos os fatores que tiveram significância de até 20% na análise bivariada.
III	28/04/2017	Mutação da violência escolar na sociedade pós-moderna: a efervescência do <i>ciberbullying</i>	D	UNIOESTE	A pesquisa desenvolvida pautou-se na abordagem qualitativa. Pesquisa bibliográfica. Participantes estudantes do ensino médio de instituições públicas da cidade de Cascavel. Instrumento coleta de dados entrevista semiestruturada/estruturada. Análise de conteúdo de Bardin. Método de análise na pesquisa qualitativa fenomenológica.
IV	12/07/2017	Condutas autolesivas e <i>bullying</i> em adolescentes de Sergipe	D	UFS	Dissertação formato de 3 estudos. Estudo 1-produção artigo teórico. Estudo 2-participantes 555 adolescentes entre 14 e 18 anos, de duas escolas de ensino médio. Coleta de dados através questionário. Análise de dados pela Regressão Logística. Estudo 3-participantes 513 adolescentes de 15 a 19 anos. Coleta de dados através questionário.
V	31/08/2017	Jovens, violência e a cultura da paz no contexto escolar	D	PUC-GO	Pesquisa de cunho qualitativo. Pesquisa exploratória. Pesquisa de campo. Sociologia reflexiva de Bourdieu. Pesquisa empírica. Coleta de dados através questionários e entrevistas semiestruturadas. Participantes da pesquisa estudantes do Instituto de Educação de Goiás, turno vespertino, de 14 a 20 anos.
VI	19/12/2017	Políticas educacionais, conflitividade e convivência escolar entre adolescentes: intervenções político-pedagógicas no IFRS-Campus Sertão	D	UPF	Abordagem qualitativa, por perceber que a mesma permitiria explorar elementos que dificilmente seriam captados por um estudo estatístico. Estudo de caso com 19 estudantes do ensino médio, tendo como base a observação participante, análise documental e entrevistas semiestruturadas. Análise de conteúdo de Bardin.
VII	26/03/2018	Meninas empoderadas: um estudo sobre resiliência e <i>bullying</i> entre pares na escola	D	UFRPE	Abordagem/pesquisa qualitativa. Paradigma transdisciplinar. Observação Participante. Pesquisa empírica. Participantes estudantes do ensino médio. Coleta de dados em 3 etapas: 1ª-questionário (91 meninas), 2ª-rodas de diálogo (48 meninas) e 3ª-entrevistas semiestruturadas (7 meninas).
VIII	12/04/2018	Enfrentamento do <i>bullying</i> na escola: o teatro do Oprimido como estratégia de intervenção	T	USP	Trata-se de um estudo quase experimental, em que oficinas foram realizadas com um grupo-intervenção e se estabeleceu um grupo-comparação. Participaram do estudo adolescentes que estudavam no 1º ano do Ensino Médio de 2 escolas públicas de Cuiabá-MT, selecionados a partir de resultados de pesquisa anterior. Em uma escola ocorreu a intervenção e na outra se constituiu o grupo-comparação. Os 2 grupos foram avaliados 3 vezes para obter os seguintes índices: 1) base de referência antes da intervenção, 2) medida de 1º efeito ao final da intervenção (pós-intervenção), e 3) medida após 6 meses do fim da intervenção (follow up), totalizando um acompanhamento total de 8 meses. Na intervenção, os adolescentes vivenciaram jogos grupais, propostos e criados por Augusto Boal e participaram da organização e apresentação de uma encenação de Teatro Fórum. Na coleta de dados, utilizou-se um questionário de caracterização sociodemográfica e a Escala de Agressão e Vitimização entre Pares. Para análise dos dados foi realizado teste de qui-quadrado

				para as variáveis sociodemográficas, teste t para comparação entre os grupos-intervenção e comparação, frequência e porcentagem para descrever as variáveis entre os tempos e foi considerado nível de significância de 5%.	
IX	14/08/2018	A mulher e o ensino-aprendizagem agropecuário: violência e <i>bullying</i> nas vivências e cotidianidades escolares	D	IFMT	Pesquisa qualitativa fenomenológica. Pesquisa de campo. Participantes 150 estudantes IFMT Campus São Vicente de 14 a 22 anos. Instrumentos e técnicas de coletas de dados observação em campo, questionário eletrônico e entrevista compreensiva.
X	13/12/2018	Sistema informatizado para auxiliar na descoberta de possíveis casos de <i>bullying</i> em uma instituição de ensino na cidade de Ituverava-SP	D	IFMT	Na metodologia é realizada uma descrição de como foi criado o sistema <i>Control Bullying</i> , mas analisando o texto parece que foi realizada uma pesquisa qualitativa, bibliográfica e descritiva. Participantes da pesquisa 306 estudantes ensino médio. Coletas de dados através questionários no sistema web denominado <i>Control Bullying</i> para testar sua eficácia.
XI	22/08/2019	Produção e utilização de podcasts para abordagem do tema <i>bullying</i> em uma escola de educação profissional e tecnológica	D	IFSP	Pesquisa-ação. Participantes estudantes do EMI do IFSP Campus São Carlos. Instrumentos de coleta de dados entrevistas, questionários e intervenção. Produto educacional – podcast.
XII	06/12/2019	<i>Bullying</i> escolar: desenvolvimento de estratégias de enfrentamento em cursos de ensino técnico integrado de nível médio	D	IFPR	Pesquisa-ação. Investigação colaborativa. Aplicação de projeto com participação de estudantes. Participantes estudantes do EMI. Coleta de dados através questionário e oficina. Produto educacional – guia para educadores e gestores.
XIII	10/02/2020	Experiências e fatores associados à violência em estudantes do ensino médio	D	URCA	Estudo transversal, de abordagem mista. Pesquisa quantitativa e qualitativa. Participantes 155 adolescentes de escola pública do ensino médio da rede estadual de Picos-PI. Coleta de dados em 2 etapas: questionário estruturado e grupos focais. Análise descritiva e reflexiva.
XIV	05/11/2020	Violação dos direitos humanos e <i>bullying</i> no ensino médio	D	IFMT	Pesquisa qualitativa, descritiva e interpretativa. Pesquisa desenvolvida em 5 campi do IFMT e 2 escolas estaduais, com 449 estudantes do ensino médio, de 14 a 19 anos. Coleta de dados através questionários on-line. Análise de Discurso Crítica de Fairclough.
XV	17/12/2020	Prevenção e combate ao <i>bullying</i> no contexto escolar com ações de protagonismo juvenil	D	IFMT	Pesquisa/abordagem qualitativa. Pesquisa-ação. Procedimento bibliográfico. Estudo de caso. Participantes da pesquisa 99 estudantes e 450 estudantes envolvidos nas ações do protagonismo juvenil, na Escola Estadual Liceu Cuiabano Maria de Arruda Muller, localizada em Cuiabá-MT. Instrumento de coleta de dados questionário on-line. Análise de conteúdo de Bardin.

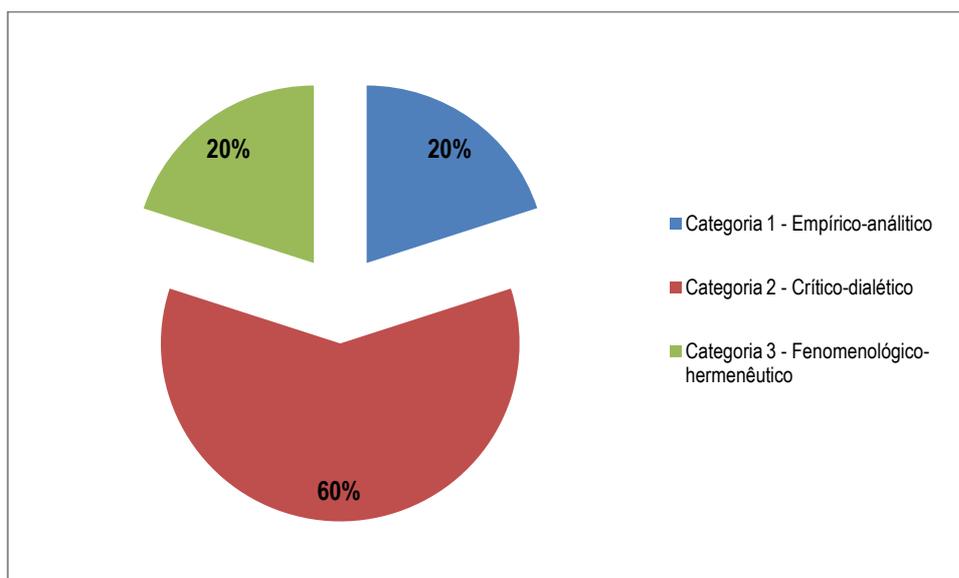
Para a análise do quadro 4 foram utilizadas três tendências epistemológicas, divididas nas seguintes categorias analíticas:

Categoria 1 – Empírico-analítico, na qual foram incluídos os trabalhos II, IV e VIII;

Categoria 2 – Crítico-dialético, os trabalhos V, VI, VII, X, XI, XII, XIII, XIV e XV;

Categoria 3 – Fenomenológico-hermenêutico, os trabalhos I, III e IX.

O gráfico 3 abaixo ilustra esta distribuição.

Gráfico 3 - Categorização dos métodos aplicados nas pesquisas analisadas

Fonte: Elaborado pela autora.

No gráfico 3 foi possível observar que 60% dos trabalhos acadêmicos utilizaram a perspectiva crítico-dialética (categoria 2) para delinear seus percursos metodológicos. Pode-se compreender que a predominância desta perspectiva revela que as pesquisas relacionadas à temática do *bullying* necessitam de dois vieses: o quantitativo e o qualitativo. O quantitativo para mensurar a dimensão em números da proporção e do alcance do fenômeno. E o qualitativo para caracterizar, descrever e interpretar as práticas de *bullying* no contexto escolar.

A perspectiva crítico-dialética advém de dois aspectos marxistas: do materialismo histórico e do materialismo dialético. De acordo com Marques et al. (2008), a perspectiva crítico-dialética tem na contradição a unidade indutora de conflito e tensão, a qual provoca a progressão e modificação da realidade. Indaga-se como ocorre certo fenômeno social e quais os elementos que o constituem.

Lüdorf (2002) expõe que a perspectiva crítico-dialética compreende a realidade como um sistema que envolve o dinamismo e a historicidade, a partir do conflito, pretendendo a tomada de consciência crítica e a modificação política e social. O indivíduo é considerado como sujeito histórico.

As perspectivas empírico-analítica (categoria 1) e fenomenológico-hermenêutica (categoria 3) predominaram em 40% dos trabalhos, 20% para cada tendência epistemológica, conforme o gráfico 3.

A perspectiva empírico-analítica é um modelo de investigação científica que tem origem nas ciências naturais e está embasada na experimentação e na lógica empírica, no pensamento positivista. Tem a intenção de explicar, prever e controlar os fenômenos. Apresenta uma visão objetiva e positivista da realidade. Esta realidade é identificada através de fenômenos naturais, que são considerados reais, determinados e externos ao sujeito. Com predominância do processo hipotético-dedutivo e procura a generalização de descobertas por meio de amostras de estudo, e é marcada pela objetividade, a evidência empírica e a quantificação (SANTOS FILHO; GAMBOA, 1997).

Segundo Marques et al. (2008), a perspectiva empírico-analítica, também conhecida como quantitativa, fundamenta-se nas conjecturas do positivismo, concentrando-se nas ciências naturais e exatas (física, matemática e química).

Para Lüdorf (2002, p. 22) a perspectiva empírico-analítica é conduzida pelas conjecturas das ciências naturais, como “neutralidade do pesquisador, identificação de variáveis, formulação de hipóteses, tratamento estatístico dos dados e relação causa-efeito. A visão do homem advém da concepção funcionalista”.

Já a perspectiva fenomenológico-hermenêutica evidencia o convívio de diferentes compreensões e interpretações da realidade. Examina o fenômeno como ele se apresenta, a fim de entender sua natureza. É denominada também como abordagem qualitativa.

Marques et al. (2008) expõem que a perspectiva fenomenológico-hermenêutica ou também qualitativa, baseada no pensamento idealista, apoia-se nas ciências sociais e humanas. A finalidade das investigações está relacionada à compreensão dos fenômenos, focando no contexto social e histórico.

Lüdorf (2002) discorre que a perspectiva fenomenológico-hermenêutica está à procura de esclarecer, entender e interpretar os fatos, examinando em profundidade o significado de atitudes, enunciados, gesticulações, vocábulos, dentre outros. É caracterizada como a “arte da hermenêutica”, na qual impera o pensamento da existência do ser humano.

A utilização da perspectiva fenomenológico-hermenêutica nos trabalhos analisados é uma tentativa de compreender o contexto do *bullying* a partir das percepções dos adolescentes, que expressam a predominância deste tipo de violência na escola e apontam intervenções ineficazes para solucionar o problema.

Em virtude dos aspectos mencionados, é relevante atentar para as singularidades de cada percurso metodológico aplicado nas pesquisas a fim de garantir sua coerência e abrangência.

No quadro 5 a seguir foram especificados os resultados alcançados na pesquisa de cada trabalho:

Quadro 5 - Apresentação dos trabalhos segundo Data defesa, Título, Tipo, Instituição e Resultados

	Data de Defesa	Título	Tipo	Instituição	Resultados
I	17/02/2017	O fenômeno <i>bullying</i> no contexto escolar: estudo acerca da experiência vivida de adolescentes em uma instituição de ensino de Aracaju	D	UFS	Compreende-se que cada indivíduo tem sua percepção sobre o <i>bullying</i> , relatam, a partir das discussões, que o sentimento sobre o problema é ruim, é algo que gera dor e sofrimento e se veem sós quando passam por essas situações, explicitam a necessidade de se formar grupos de amigos para que possam se proteger e dessa maneira criar uma rede de proteção e reação contra quem pratica tal fenômeno. As experiências vivenciadas por esses jovens mostram o predomínio desses sentimentos de humilhação e revolta, a insegurança e a incompreensão com relação a atitude dos agressores e a falta de ajuda efetiva, levando à dificuldade para reagir e a sentimentos de culpa por terem as mesmas atitudes agressivas quando o fato aconteceu.
II	22/02/2017	Comportamento suicida em adolescentes que relatam sentimento de tristeza e vitimização por <i>bullying</i>	D	UPE	Observou-se percentuais expressivos de sentimento de tristeza (27,1%), vitimização de <i>bullying</i> (20,2%) e comportamento suicida (19,6%). E ainda, 35,2% foram vítimas de <i>bullying</i> e também relataram comportamento suicida e 47,4% relataram sentimento de tristeza e comportamento suicida. Além disso, o modelo de Poisson foi aplicado e verificou que os adolescentes que informaram se sentir tristes tiveram um aumento de 336% o risco de comportamento suicida e, quando eram vítimas de <i>bullying</i> , o aumento do risco de comportamento suicida foi de 59%.
III	28/04/2017	Mutação da violência escolar na sociedade pós-moderna: a efervescência do <i>ciberbullying</i>	D	UNIOESTE	A violência sofrida via rede mundial de computadores acarretou em danos psicológicos pontuais, pois os entrevistados apresentaram a depressão como decorrência da situação vivenciada. Sentimento de vergonha associado ao pensamento de impunidade aos agressores, o que muitas vezes desestimula a busca por auxílio e registro em meios legais da violência sofrida. A ausência de conhecimento acerca do <i>ciberbullying</i> por parte de profissionais da educação, é outro fator pontual expresso nos dados coletados. Muitos adolescentes procuram apoio e auxílio em profissionais em quem depositam confiança, e diante da fragilidade vivenciada, se não receberem o correto direcionamento, acabam por não solucionarem de maneira assertiva sua questão, acumulando e exponencializando ainda mais a violência sofrida. A depressão e o agravamento de seus sintomas foram dados apresentados pelos entrevistados. O pensamento suicida foi apontado por três dos entrevistados, os quais pontuaram que não concretizaram seu intento por intermédio de seus familiares, evidenciando a importância de olhares de cuidado e acolhimento de pessoas próximas das vítimas, para auxiliarem no processo de superação dos traumas decorrentes das agressões vivenciadas.
IV	12/07/2017	Condutas autolesivas e <i>bullying</i> em adolescentes de Sergipe	D	UFS	Estudo 2- Constatou-se que em relação à idade, o risco foi amplificado: em comparação aos sujeitos de até 15 anos, os que possuem 16 e 17 anos têm aproximadamente duas

				vezes mais chances de serem vítimas de bullies. Os participantes moradores da capital exibiram quase duas vezes mais chances de serem vítimas de <i>bullying</i> quando comparados a moradores do interior. Por fim, aqueles que estudavam em escola privada tiveram quase 3 vezes mais chances de serem vítimas, isso em comparação aos alunos da rede pública. Estudo 3-Foi constatado que 35,9% dos participantes já cometeram autolesão, cujos objetivos principais foram reduzir estados afetivos negativos (reforço automático negativo) e escapar de demandas sociais indesejadas (reforço social negativo), além de possuir ideação suicida moderada. Os participantes classificados como vítimas de bullies totalizaram 24,8% da amostra. Quanto aos resultados da regressão logística para a prática da conduta autolesiva, viu-se que foram fatores de explicação significativos a ideação suicida, a alta impulsividade, a vitimização por <i>bullying</i> e a baixa religiosidade.	
V	31/08/2017	Jovens, violência e a cultura da paz no contexto escolar	D	PUC-GO	Os dados dos 51 questionários respondidos revelam que a faixa etária dos participantes está entre 14 e 19 anos, sendo 1 jovem de 20 anos. Quanto ao sexo, 28 são do gênero feminino e 23 do gênero masculino. Em relação ao estado civil, a maioria dos jovens é solteiro (48), 1 declarou estar morando junto, 1 casado e 1 disse estar namorando. Quanto ao território em que nasceram: 15 jovens são naturais de Goiânia, 2 de outros municípios do Estado de Goiás, 11 são de outros estados brasileiro e 1 é estrangeiro. 19 disseram ter sofrido violência e 29 não sofreram violência. Os tipos de violência mais comuns, por ordem decrescente, são: <i>bullying</i> , violência física, violência verbal, racismo, ameaça e punição. A maioria reportou que o local em que ocorreu a violência foi em casa e na rua, na mesma proporção, e em menor proporção na escola. 44 jovens pensam que os projetos para a cultura da paz nas escolas são importantes; 4 disseram não achá-los importantes e 3 não responderam. No segundo momento, foram entrevistados 9 jovens, 5 do sexo masculino e 4 do sexo feminino, entre 16 e 20 anos de idade. A partir dos dados, observa-se que os jovens são oriundos de classes populares que exercem atividades tanto cultural quando de lazer e esportiva conforme o habitus do seu grupo social. São atividades relacionadas ao prazer do corpo, de fácil acesso e concretas, pois estes jovens atuam no espaço social conforme as chances e oportunidades que são dadas a partir da realidade objetiva.
VI	19/12/2017	Políticas educacionais, conflitividade e convivência escolar entre adolescentes: intervenções político-pedagógicas no IFRS-Campus Sertão	D	UPF	O estudo evidenciou que há carência de políticas que enfrentem de modo mais profundo a problemática da conflitividade no IFRS-Campus Sertão. Também que há entre os adolescentes do campus manifestações de conflitividade violenta e relações de poder, bem como a existência de práticas político-pedagógicas desenvolvidas pelos educadores visando intervir nas situações violentas e desenvolvimento de relações de convivência não violentas. Além disso, que o IFRS-Campus Sertão é uma instituição que enfrenta diariamente situações de conflitividade entre os estudantes (divergências de opiniões, questões de convivência, <i>bullying</i> , quebra das normas institucionais). No entanto, verifica-se um esforço para transformar a conflitividade violenta em relações de respeito para com a diversidade, através de um trabalho interdisciplinar e pautado no diálogo.
VII	26/03/2018	Meninas empoderadas: um estudo sobre resiliência e <i>bullying</i> entre pares na escola	D	UFRPE	O alarmante percentual de meninas que viram colegas sofrendo <i>bullying</i> em ambientes escolares (92,05%) e a ínfima parcela que declarou ter tomado alguma atitude sobre a situação (9,46%) mostram que não há um canal seguro e eficaz de comunicação entre família e escola com seus jovens. Também foi percebido uma grande dificuldade em se reconhecer enquanto autora de <i>bullying</i> , visto que 69,66%

				das meninas disse nunca haver praticado. Corroborando com a literatura, 92,59% das participantes disseram que cometeram <i>bullying</i> a partir de xingamentos, exclusão e apelidos. Além disso, o alto índice de meninas que afirmou não haver na escola nenhuma campanha de conscientização sobre <i>bullying</i> , mas que considera importante esse tipo de iniciativa (64,04%) demonstra uma significativa necessidade em falar sobre o assunto. Os resultados apontam para processos de empoderamento de traços identitários como forma de enfrentamento ao <i>bullying</i> e desenvolvimento de resiliência.	
VIII	12/04/2018	Enfrentamento do <i>bullying</i> na escola: o teatro do Oprimido como estratégia de intervenção	T	USP	Os resultados apontaram que, logo após a intervenção, a vitimização física direta reduziu significativamente. No seguimento (follow up), essa redução foi identificada na agressão e vitimização físicas diretas. Destaca-se, também, que a escola-comparação apresentou aumento significativo do <i>bullying</i> , em todas suas formas de manifestação, no momento do follow up. No que diz respeito à forma de manifestação da agressão física direta, a intervenção foi mais eficaz na redução significativa do ato de xingar e provocar colegas, enquanto a vitimização física direta de ser xingado por colegas, na fase pós-intervenção, e de ser provocado por colegas, apenas revelou eficácia no período de seguimento (follow up).
IX	14/08/2018	A mulher e o ensino-aprendizagem agropecuário: violência e <i>bullying</i> nas vivências e cotidianidades escolares	D	IFMT	A partir da investigação sobre o <i>bullying</i> no IFMT Campus São Vicente, observou-se, na chegada das alunas ao curso Técnico em Agropecuária, uma nova demanda das violações dos direitos na escola, e em particular, nas questões de gênero. Ou seja, um novo perfil de alunos começou a ingressar no curso, a partir das novas cotidianidades e do aumento da taxa de ingresso das alunas no curso, surgiram outras formas de processos discriminatórios e evidenciou as violências de gênero, ou seja, <i>bullying</i> especificamente contra a presença feminina no Campus.
X	13/12/2018	Sistema informatizado para auxiliar na descoberta de possíveis casos de <i>bullying</i> em uma instituição de ensino na cidade de Ituverava-SP	D	IFTM	Pode-se concluir que existe carência de aplicativos sobre violência escolar que utiliza a língua portuguesa; sendo assim, para os jovens é um entrave, pois eles fazem uso dos smartphones constantemente, para uso das redes sociais e dos diversos tipos de aplicativos que são instalados em seus aparelhos. Os alunos podem dar preferência para lerem informações no seu idioma nativo que são apresentadas de forma mais dinâmica nos aplicativos, ao invés de lerem livros e artigos acadêmicos sobre <i>bullying</i> e violência escolar. De acordo com os resultados, a maioria dos alunos (261) são provavelmente indiferentes ao <i>bullying</i> , ou seja, podemos considerar que existe uma boa harmonia entre 85% dos alunos, podemos notar também uma proximidade entre as quantidades de prováveis agressores (7), seja equivalente as prováveis vítimas (6) e também vítimas indiferentes (6). A pesquisa não pode afirmar que estes prováveis agressores estejam fazendo <i>bullying</i> com estas prováveis vítimas, cabe a escola averiguar e analisar estes alunos, já que o <i>Control Bullying</i> disponibiliza o nome e as séries dos alunos, visando assim facilitar o processo de análise.
XI	22/08/2019	Produção e utilização de podcasts para abordagem do tema <i>bullying</i> em uma escola de educação profissional e tecnológica	D	IFSP	Os resultados apresentados foram satisfatórios, pois houve redução nos índices de intenção: de praticar o <i>bullying</i> , sofrer o <i>bullying</i> e não pedir ajuda, observar o <i>bullying</i> e não denunciar o ato, bem como o crescimento da taxa de intenção de denunciar o ato de violência. Além da sensibilização dos alunos em relação ao <i>bullying</i> , os Podcasts promoveram a autoestima, a autoconfiança e estimulou a reflexão nos alunos participantes. De um modo geral, os Podcasts foram bem aceitos, sendo que 78,3% dos estudantes classificaram entre bom e ótimo.
XII	06/12/2019	<i>Bullying</i> escolar: desenvolvimento de estratégias de enfrentamento em cursos de ensino técnico	D	IFPR	Os dados coletados, após a aplicação do Questionário Clima Escolar e <i>Bullying</i> , indicaram que o campus tem um ambiente escolar bom, apesar disso, ficou claro que há um

	integrado de nível médio			descontentamento por parte dos estudantes com o tema do gerenciamento de conflitos e as formas de aplicação de sanções no campus. A dimensão 4 do questionário, "As regras e conflitos no campus", teve a pontuação mais baixa entre as 5 dimensões avaliadas, destoando em muito das outras dimensões analisadas. A Oficina Pedagógica, instrumento elaborado para intervenção na realidade escolar foi avaliado positivamente por 90% dos respondentes. Quando perguntados sobre a contribuição dessas ações para melhorar o clima escolar, 92% responderam que concordavam que essas ações poderiam contribuir para melhoria do clima escolar.	
XIII	10/02/2020	Experiências e fatores associados à violência em estudantes do ensino médio	D	URCA	O estudo apontou associação em relação ao tipo de violência sofrida e o local de ocorrência da violência, sendo que as violências psicológicas acontecem predominantemente na escola, as físicas no domicílio e as sexuais em espaço público. Quanto ao fenômeno de perpetrar violência, o estudo mostrou associação com o local da ocorrência, sendo que tanto a violência psicológica quanto a física teve maior incidência no ambiente escolar. Revelou ainda associação entre sofrer e praticar violência com a variável idade do agressor e da vítima, sendo que, em ambos os casos, a maior prevalência se deu entre a faixa etária de 10 a 19 anos. Em relação à análise qualitativa foram processados os discursos dos adolescentes obtidos nos 4 grupos focais, com aproveitamento de 80,69% e dividido em 4 categorias. As ideias centrais presentes nestas categorias revelou o conhecimento destes(as) adolescentes quanto às motivações para ocorrência das violências, voltadas especialmente por questões de gênero, reconhecendo mulheres e homossexuais como grupos vulneráveis. Ainda, revelou que o <i>bullying</i> é um fenômeno presente nesta fase e que as violências psicológicas, físicas e sexuais são as que possuem maior prevalência. Fica evidente o impacto geracional da violência na vida dos(as) adolescentes, especialmente a partir de relatos em que se revelam violências sexuais e manifestação de atos violentos nas relações familiares. Também apontou fatores que estão diretamente relacionados para que atos violentos ocorram com maior ou menor frequência.
XIV	05/11/2020	Violação dos direitos humanos e <i>bullying</i> no ensino médio	D	IFMT	Os resultados demonstraram que o <i>bullying</i> está presente em relações entre os atores sociais das instituições pesquisadas. Em textos são materializadas maneiras individuais de ver/entender o mundo, reiterando discursos ideológicos e/ou tentando superá-los. As sugestões que são apresentadas pelos estudantes em situação de <i>bullying</i> fazem parte de um conjunto de formações discursivas de perpetuação de sistemas de oposição e de negação as diferenças, o que todos os estudantes querem é ter acesso a um ambiente agradável e propício ao desenvolvimento do conhecimento, a escola. A disputa discursiva pelo poder foi observada em dois pontos de maior instabilidade: entre a grande liderança hegemônica em termos de articulação na luta discursiva de propagação da igualdade e os discursos dominados que, ainda, contribuem com o processo de propagação da ideologia da desigualdade social e da intolerância. Grande parte das sugestões para acabar com o <i>bullying</i> abre uma porta que simboliza o diálogo dentro da escola e com toda a comunidade educativa. Ela apresenta um espaço no qual o debate, a palestra sobre a violência no contexto escolar pode ocorrer. A promoção desse diálogo está materializada nos textos como uma forma de retratar a visão de mundo e a realidade dos estudantes.
XV	17/12/2020	Prevenção e combate ao <i>bullying</i> no contexto escolar com ações de protagonismo juvenil	D	IFMT	A pesquisa evidencia que foram diagnosticadas formas de violência escolar, sendo consideradas as seguintes categorias: verbal (75% no item "dizem coisas negativas sobre mim"), característica física (50%), psicológico e moral

				(47%). Esses tipos de violência avivam a violação dos Direitos Humanos e a prática do <i>bullying</i> na Escola Estadual Liceu Cuiabano Maria Arruda Muller. Observou-se que ações empáticas na ambiência escolar como palestras, projetos e teatro foram realizadas a partir do protagonismo juvenil, enfatizando a participação dos alunos na faixa etária entre 14 a 18 anos, com atuação criativa, construtiva e solidária na solução de problemas reais na escola, na comunidade e na vida social mais ampla, provocando a metamorfose dos pensamentos e ações diante do combate da violação dos direitos humanos e ao <i>bullying</i> .
--	--	--	--	---

No processo de formação das categorias a partir dos elementos presentes no quadro 5 obteve-se as mesmas categorias analíticas para o quadro 3, mostrando que os objetivos foram alcançados:

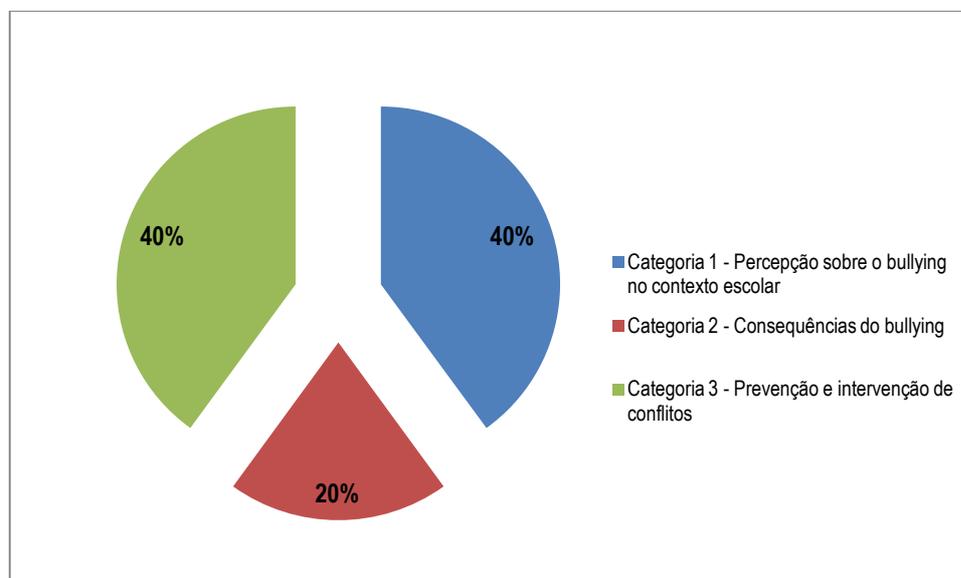
Categoria 1 – Percepção sobre o *bullying* no contexto escolar, a qual compreendem os trabalhos I, V, VII, IX, XIII e XIV;

Categoria 2 – Consequências do *bullying*, os trabalhos II, III e IV;

Categoria 3 – Prevenção e intervenção de conflitos, os trabalhos VI, VIII, X, XI, XII e XV.

O gráfico 4 a seguir apresenta esta categorização.

Gráfico 4 - Categorização após análise dos resultados alcançados pelas pesquisas analisadas



Fonte: Elaborado pela autora.

De acordo com o gráfico 4, 80% dos resultados dos trabalhos ou estão relacionados com a “percepção sobre o *bullying* no contexto escolar” (categoria 1)

ou com a “prevenção e intervenção de conflitos” (categoria 2). A categoria 2 “Consequências do *bullying*” abarcou 20% dos trabalhos.

Com relação ao item da categoria 1, os resultados destes estudos demonstram que os estudantes compreendem o *bullying*, o concebem como algo desagradável, que provoca dor e sofrimento. As formas de violência mais frequentes apontadas foram o castigo, a intimidação, o preconceito, violência verbal, violência física, violência de gênero e o *bullying*. Também consideram relevantes a implementação de uma cultura de paz na escola.

Há dois pontos que podem ser destacados desta categoria. Primeiro, que embora os estudantes entendam o que é o *bullying*, não conseguem distingui-lo de outros tipos de violência. Por isso, os estudos sobre a temática envolvem a percepção do fenômeno. Segundo, que as escolas ainda não implementaram o programa de combate ao *bullying* previsto na Lei nº 13.185/2015 ou não o promoveram de forma adequada, devido a vários fatores como falta de recursos financeiros e humanos. Impossibilitando que os estudantes compreendam o fenômeno um pouco mais a fundo e participem de ações para combatê-lo.

Em referência a categoria 3, os resultados dos trabalhos evidenciaram que há uma carência de políticas de enfrentamento para o fenômeno, apesar de serem realizadas intervenções através de trabalho interdisciplinar, diálogo, *podcast*, programa de computador, oficina, palestra, projeto, teatro etc. Com estas intervenções houve redução dos casos de *bullying*, mas em alguns contextos colaboraram para seu aumento.

É necessário que toda a comunidade escolar, pais e sociedade se envolvam nos programas de combate ao *bullying* para que as intervenções sejam mais eficazes. Além disso, os estudantes precisam fazer parte, se sentirem acolhidos e incluídos nos espaços escolares, nas famílias e nos diversos ambientes coletivos, para que o *bullying* não se faça presente nas escolas ou quando identificado possa ser banido. É preciso proporcionar lugares mais saudáveis e seguros para os adolescentes.

No tocante a categoria 2, os resultados dos trabalhos apontam que são graves as consequências relacionadas ao *bullying*, problemas que realmente são sérios e podem comprometer a vida adulta dos adolescentes, como tristeza profunda, depressão, automutilação, pensamentos suicidas. Também que a falta de apoio e auxílio profissional adequado podem agravar estas consequências.

Nesta categoria há poucos estudos sobre as consequências do *bullying*. É imprescindível ter mais investigação nesta área, já que nos últimos anos as práticas de *bullying* vêm se intensificando nas escolas. As ocorrências de práticas de *bullying* mostram que os envolvidos, em particular a vítima ou o agressor, tendem a tomar medidas extremas, que podem não apenas tirar sua própria vida, mas a vida de outras pessoas.

Em suma, os trabalhos acadêmicos analisados mostram a relevância do estudo da temática do *bullying* para conhecer as particularidades do fenômeno nas escolas, quais ações estão sendo implementadas e sua eficácia no combate do *bullying* e como este fenômeno tem influenciado as relações e o desenvolvimento dos adolescentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O *bullying* é um tipo de violência que assola o ambiente escolar. Pode ser físico, material, moral, psicológico, sexual, social, verbal e *cyberbullying*, que é considerado umas das formas mais agressivas de *bullying*, por causa do anonimato, da incapacidade da vítima de escapar do fenômeno e do tamanho do público em potencial. E, atualmente, surgiu a cultura do cancelamento, que pode ser caracterizada como uma espécie de *bullying*.

O fenômeno do *bullying* pode passar despercebido ou ser ignorado, dado que pode ser caracterizado como uma brincadeira. Porém, o *bullying*, com o decorrer do tempo, intensifica-se cada dia mais, podendo comprometer as relações intrapessoal e interpessoal de muitos adolescentes, público mais suscetível às práticas desde fenômeno, já que estão numa fase de extremas mudanças.

As situações que envolvem o *bullying* podem ou não finalizar em tragédia. Mas é possível observar que a maioria dos casos termina em morte e/ou suicídio. O fenômeno do *bullying* é elemento motivador de diversas fatalidades que ocorrem em espaços escolares no Brasil e no mundo.

Com relação ao objetivo deste estudo, a pesquisa realizada se propôs a analisar teses e dissertações do repositório da CAPES sobre o *bullying* envolvendo adolescentes no contexto do ensino médio, entre os anos de 2016 a 2020. Na busca realizada na página virtual da CAPES foram pré-selecionados 56 trabalhos acadêmicos. Após utilização de critérios de inclusão e exclusão, foram selecionadas 15 pesquisas (uma tese e 14 dissertações). Estes trabalhos acadêmicos foram analisados levando-se em consideração os objetivos de pesquisa, os métodos que foram utilizados e os resultados alcançados. Depois de aplicada a análise de conteúdo de Bardin (2016), estas pesquisas foram distribuídas em seis categorias, a saber: Percepção sobre o *bullying* no contexto escolar; Consequências do *bullying*; Prevenção e intervenção de conflitos; Empírico-analítico; Crítico-dialético e Fenomenológico-hermenêutico.

Os resultados do estudo revelaram que os trabalhos analisados abarcam importantes informações sobre o fenômeno *bullying*, evidenciando que este ainda é um tipo de violência frequente nos espaços escolares.

Estes trabalhos lançaram mão de três percursos metodológicos: o empírico-analítico (20%); o crítico-dialético (60%) e o fenomenológico-hermenêutico (20%). Podendo-se inferir que a predominância da perspectiva crítico-dialética mostra que o fenômeno do *bullying* precisa ser estudado através das abordagens quantitativa e qualitativa. Esta usada para caracterizar, descrever e interpretar as ocorrências de *bullying* nas escolas e aquela a fim de mostrar a dimensão e alcance do *bullying*.

No que concerne à percepção sobre o *bullying* no contexto escolar, nas pesquisas foi possível identificar que os estudantes entendem a concepção do *bullying*, mas têm dificuldades para diferenciá-lo de outras espécies de violência. Dessa forma, os estudos sobre o tema abrangem a percepção do *bullying*.

Em relação à prevenção e intervenção de conflitos, embora a Lei nº 13.185/2015, que criou o Programa de Combate ao *Bullying*, cite que é dever das escolas garantir o diagnóstico, ações de sensibilização, prevenção e combate ao *bullying* (BRASIL, 2015) e já sejam empreendidas ações por meios de trabalho interdisciplinar, diálogo, *podcast*, programa de computador, oficina, palestra, projeto, teatro etc., ainda não são intervenções suficientes e nem estão sendo implementadas em todas as escolas.

Quanto às consequências do *bullying*, os resultados dos estudos revelam que estas consequências são graves e podem ter reflexos na fase adulta, desencadeando sérios problemas de saúde, que podem ser agravados pela ausência de assistência apropriada.

Os trabalhos acadêmicos analisados sinalizam que é importante estudar a temática do *bullying* entre adolescentes no contexto do ensino médio, com o objetivo de proporcionar informações mais adequadas sobre o fenômeno e propor meios de prevenção e intervenção para redução/eliminação do *bullying*.

O produto educacional, que resultou da investigação das pesquisas, foi a cartilha “Chega de *Bullying!* Por uma cultura de paz”, que está destinada para adolescentes, com intenção de fornecer informações sobre o *bullying* e também pode ser usada como recurso para auxiliar em ações que as instituições de ensino poderão implementar para enfrentamento e combate ao *bullying*.

REFERÊNCIAS

- AKITA, Tieko. *Produção e utilização de podcasts para abordagem do tema bullying em uma escola de educação profissional e tecnológica*. 2019. 105 f. Dissertação (Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, Sertãozinho, 2019.
- ALENCASTRO, Lidiane Cristina da Silva. *Enfrentamento do bullying na escola: o teatro do oprimido como estratégia de intervenção*. 2018. 103 f. Tese (Doutorado em Enfermagem em Saúde Pública) – Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2018.
- ALUNO atira em colegas dentro de escola em Goiânia, mata dois e fere quatro. G1 Goiás, Goiânia, 20 out. 2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/goias/noticia/escola-tem-tiroteio-em-goiania.ghtml>>. Acesso em: 26 jun. 2020.
- ASSIS, Simone Gonçalves de; MARRIEL, Nelson de Souza Motta. Reflexões sobre violência e suas manifestações na escola. In: ASSIS, Simone Gonçalves de (org.). *Impactos da violência na escola: um diálogo com professores*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2010. p. 41-63.
- A VIOLÊNCIA no Brasil explicada por Sergio Adorno | Entrevista Completa. Nexo Jornal, 9 jan. 2017. Vídeo 33:42 min. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Gj2odAHhPA4>>. Acesso em: 13 mai. 2021.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Tradução Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BECKER, Guilherme. Jovem que realizou ataque em escola em Medianeira é solto. *Ricmais*, [S.l.], 10 mai. 2019. Disponível em: <<https://ricmais.com.br/noticias/jovem-que-realizou-ataque-em-escola-em-medianeira-e-solto/>>. Acesso em: 28 jun. 2020.
- BOTH, Laura Jane Ribeiro Garbini; STIVAL, Maria Cristina Elias Esper; RADUENZ, Edson. A percepção do bullying na escola na perspectiva dos estudantes: notas preliminares. In: EDUCERE - IX CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2009, Curitiba. *Anais...* Curitiba: EDUCERE, 2009, p. 9.559-9570. Disponível em: <https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2009/3634_2204.pdf>. Acesso em: 9 jun. 2021.
- BRASIL. Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm>. Acesso em: 28 set. 2020.
- BRASIL. Lei n. 13.185, de 6 de novembro de 2015. Institui o programa de combate à intimidação sistemática (bullying). Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13185.htm>. Acesso em: 23 ago. 2019.
- BRASIL. Lei n. 13.277, de 29 de abril de 2016. Institui o dia 7 de abril como o Dia Nacional de Combate ao Bullying e à Violência na Escola. Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/lei/L13277.htm>. Acesso em: 30 mai. 2021.

BRASIL. Lei n. 13.663, de 14 de maio de 2018. Altera o art. 12 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para incluir a promoção de medidas de conscientização, de prevenção e de combate a todos os tipos de violência e a promoção da cultura de paz entre as incumbências dos estabelecimentos de ensino. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2018/Lei/L13663.htm>. Acesso em: 19 set. 2019.

BUENO, Almerinda Martins de Oliveira; PEREIRA, Elis Karen Rodrigues Onofre. Educação, escola e didática: uma análise dos conceitos das alunas do curso de pedagogia do terceiro ano - UEL. In: II Jornada de Didática e I Seminário de Pesquisa do CEMAD - Docência na educação superior: caminhos para uma práxis transformadora, Londrina, 2013. *Anais...* Londrina: EDUEL, 2013, p. 349-462.

Disponível em:

<<https://www.uel.br/eventos/jornadadidatica/pages/arquivos/II%20Jornada%20de%20Didatica%20e%20I%20Seminario%20de%20Pesquisa%20do%20CEMAD%20-%20Docencia%20na%20educacao%20Superior%20caminhos%20para%20uma%20praxis%20transformadora/EDUCACAO%20ESCOLA%20E%20DIDATICA%20UMA%20ANALISE%20DOS.pdf>>. Acesso em: 11 jun. 2021.

CARAZZAI, Estelita Hass. Aluno atira e deixa 2 feridos em colégio no Paraná; nenhum corre risco de morte. *Folha de São Paulo*, Curitiba, 28 set. 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/09/aluno-atira-e-deixa-2-feridos-em-colegio-no-parana-nenhum-corre-risco-de-morte.shtml>>. Acesso em: 28 jun. 2020.

CARDIA, Nancy. Introdução. In: RUOTTI, Caren; ALVES, Renato; CUBAS, Viviane de Oliveira. *Violência na escola: um guia para pais e professores*. São Paulo: Andhep - Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006. p. 13-20.

CARVALHO, Heline Mendes de. *Comportamento suicida em adolescentes que relatam sentimento de tristeza e vitimização por bullying*. 2017. 128 f. Dissertação (Mestrado em Hebiatria) – Universidade de Pernambuco, Recife, 2017.

CARVALHO, Lélia Júlia; MOREIRA, Denise Bastos; TELES, Claudia Alves. Políticas públicas de combate ao bullying no âmbito escolar: estratégias de enfrentamento no Brasil, Estados Unidos, Finlândia, Espanha e Portugal. *Revista Projeção, Direito e Sociedade*, Brasília, v. 8, n. 2, p.34-45, 2017. Disponível em: <<http://revista.faculdadeprojecao.edu.br/index.php/Projecao2/article/viewFile/932/808>>. Acesso em: 30 mai. 2021.

CASTILHO, Wanderson. *Você sabe o que seu filho está fazendo na internet? - a criança e o adolescente como alvos de criminosos no mundo virtual*. 1. ed. São Paulo: Matrix, 2014. 144 p.

CEARÁ. Lei n. 14.943, de 22 de junho de 2011. Institui o Serviço Disque Denúncia de Combate ao Bullying no Estado do Ceará e dá outras providências. Disponível

em: <<https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=123268>>. Acesso em: 13 jun. 2021.

CENTRO REGIONAL DE ESTUDOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO. *Tic Kids online Brasil 2019: principais resultados*. São Paulo: CETIC, 2020. Disponível em: <https://cetic.br/media/analises/tic_kids_online_brasil_2019_coletiva_imprensa.pdf>. Acesso em 20 jun. 2021.

CHAUÍ, Marilena. Ética e violência. *Revista Teoria e Debate*, ed. 39, 1 out. 1998. Disponível em: <<https://teoriaedebate.org.br/1998/10/01/etica-e-violencia/>>. Acesso em: 5 mai. 2021.

CHIARI, Breno da Silva et al. A cultura do cancelamento, seus efeitos sociais negativos e injustiças. *ETIC - Encontro de Iniciação Científica do Centro Universitário Antonio Eufrásio de Toledo de Presidente Prudente*, v. 16, n. 16, 2020. Disponível em: <<http://intertemas.toledoprudente.edu.br/index.php/ETIC/article/view/8763>>. Acesso em: 4 abr. 2021.

COSTA, José Ronildo da. *Experiências e fatores associados à violência em estudantes do ensino médio*. 2020. 131 f. Dissertação (Mestrado em Saúde da Família) – Universidade Regional do Cariri, Crato, 2020.

CRUZ, Natalie Oliveira da. O sentido de violência a partir da hermenêutica filosófica de Gadamer. In: MODENA, MAURA Regina (org.). *Conceitos e formas de violência*. Caxias do Sul, RS: Educs, 2016. p. 66-83.

CUBAS, Viviane. Violência nas escolas: como defini-la? In: RUOTTI, Caren; ALVES, Renato; CUBAS, Viviane de Oliveira. *Violência na escola: um guia para pais e professores*. São Paulo: Andhep - Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006. p. 21-52.

DAHLBERG, Linda L.; KRUG, Etienne G. Violência - um problema global de saúde pública. In: KRUG, Etienne G. et al. *Relatório mundial sobre violência e saúde*. Genebra: OMS, 2002. p. 1-22.

DISTRITO FEDERAL. Lei n. 4.837, de 22 de maio de 2012. Dispõe sobre a instituição da política de conscientização, prevenção e combate ao bullying nos estabelecimentos da rede pública e privada de ensino do Distrito Federal e dá outras providências. Disponível em: <https://www.prattein.com.br/home/images/stories/230813/LEI_4837-2012-DF.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2021.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. “Deixar de seguir”: como post no Instagram expôs a cultura do cancelamento. Blog do Dunker, 22 mai. 2020. Disponível em: <<https://blogdodunker.blogosfera.uol.com.br/2020/05/22/como-foto-no-instagram-que-cita-marielle-expoe-a-cultura-do-cancelamento/>>. Acesso em: 24 mai. 2021.

FANTE, Cleo. *Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. 2. ed. Campinas: Verus, 2005.

FARIA, Flávia; AMÂNCIO, Thiago. Entenda os indicadores que explicam a violência e o armamento no país. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 18 jan. 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/01/entenda-os-indicadores-que-explicam-a-violencia-e-o-armamento-no-pais.shtml>>. Acesso em: 12 jun. 2021.

FERNANDES, Alexandra. Estudantes que teriam feito bullying contra adolescente em Medianeira podem receber medidas socioeducativas. *Rádio Band News*, Curitiba, 2 out. 2018. Disponível em: <<https://bandnewsfmcuritiba.com/estudantes-que-teriam-feito-bullying-contra-adolescente-em-medianeira-podem-receber-medidas-socioeducativas/>>. Acesso em: 28 jun. 2020.

FRICK, Loriane Trombini. Estratégias de prevenção e contenção do bullying nas escolas: as propostas governamentais e de pesquisa no Brasil e na Espanha. 2016, 274f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2016.

G1 SP. *Setembro amarelo*: cultura do cancelamento é o novo bullying? 1 set. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/especial-publicitario/new-saude-leader/guia-do-plano-de-saude/noticia/2020/09/01/setembro-amarelo-cultura-do-cancelamento-e-o-novo-bullying.ghtml>>. Acesso em: 4 abr. 2021.

GERBAKA, Bernard; BOUMITRI, Fares; HABER, Carla. El papel de los pediatras en la prevención del acoso y en la respuesta a las formas nuevas y crecientes de violencia contra los niños. In: FUNDO INTERNACIONAL DE EMERGÊNCIA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA. *Poner fin al tormento: enfrentando el acoso de la escuela al ciberespacio*. Nova Iorque: UNICEF, 2016. p. 58-67.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (orgs.). *Métodos de Pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOLDONI, Jakeline. *Mutação da violência escolar na sociedade pós-moderna: a efervescência do cyberbullying*. 2017. 89 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2017.

GRECCO, Leyze. *Prevenção e combate ao bullying no contexto escolar com ações de protagonismo juvenil*. 2020. 98 f. Dissertação (Mestrado em Ensino) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso, Cuiabá, 2020.

HERKAMA, Sanna; SALMIVALLI, Christina. Hacer un cambio sostenible y a gran escala: experiencias con el programa KiVa de lucha contra el acoso. In: FUNDO INTERNACIONAL DE EMERGÊNCIA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA. *Poner fin al tormento: enfrentando el acoso de la escuela al ciberespacio*. Nova Iorque: UNICEF, 2016. p. 77-83.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Pesquisa nacional de saúde do escolar 2015, Coordenação de População e Indicadores Sociais*. Rio de Janeiro: IBGE, 2016. 132 p.

INSTITUO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. *Regulamento Geral do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional*. Espírito Santo: IFES, 2020. Disponível em <<https://profept.ifes.edu.br/regulamentoprofept/regu>>. Acesso em: 9 mai. 2021.

IPSOS. *Cyberbullying is a worldwide problem*. Canadá: IPSOS, v. 1, jul. 2018. Disponível em: <<https://www.ipsos.com/sites/default/files/ct/publication/documents/2018-07/public-perspectives-cyberbullying-2018-07-v1.pdf>>. Acesso em: 26 mai. 2020.

IZEL, Adriana. Artigo: a cultura do cancelamento. *Correio Braziliense*, 17 mar. 2020. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/opiniao/2020/03/17/internas_opiniaao,834742/artigo-a-cultura-do-cancelamento.shtml>. Acesso em: 4 abr. 2021.

JUBÉ. Milene de Oliveira Machado Ramos. *Jovens, violência e a cultura da paz no contexto escolar*. 2017. 102 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2017.

LEÃO, Thiago Marques. Cultura do cancelamento e sofrimento psíquico: o perigo para adolescentes e jovens no Japão. *Todo Dia*, 23 set. 2020. Disponível em: <<https://tododia.jp/cultura-do-cancelamento-e-sofrimento-psiquico-o-perigo-para-adolescentes-e-jovens-no-japao/>>. Acesso em: 19 abr. 2021.

LEI do Bullying | Conexão. Publicado em 21 jun. 2018. Canal Futura. Vídeo 9:51 min. Cleo Fante entrevistada por Bernardo Menezes. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=CwbdeuAhCnA>>. Acesso em: 5 jul. 2020.

LEOPOLDINO, Elcio Rezek. *O fenômeno bullying no contexto escolar: estudo acerca da experiência vivida de adolescentes em uma instituição de ensino de Aracaju*. 2017. 106 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2017.

LOPES, Anchyses Jobim. Considerações sobre o massacre de Realengo. *Estudos de Psicanálise*, Belo Horizonte-MG, n. 37, p. 25-44, jul. 2012. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372012000100003>. Acesso em: 21 jun. 2020.

LOPES NETO, Aramis Antonio. Bullying - comportamento agressivo entre estudantes. In: *Jornal de Pediatria*, v. 81, n. 5 (Supl), Rio de Janeiro, 2005, p.164-172. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0021-75572005000700006>>. Acesso em: 25 ago. 2019.

LÜDORF, Sílvia Maria Agatti. Panorama da pesquisa em educação física da década de 90: análise dos resumos de dissertações e teses. *Revista da Educação Física/UEM*, Maringá, v. 13, n. 2, p. 19-25, 2 sem. 2002. Disponível em: <<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/3651>>. Acesso em: 15 jun. 2021.

MARCHETTI, Rafaela. *Violências, conflitos e indisciplinas: discursos em três escolas de educação básica*. 2019. 158 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2019.

MARQUES, Luciana Pacheco et al. Analisando as pesquisas em educação especial no Brasil. *Revista Brasileira de Educação Especial*, Marília, v. 14, n. 2, p. 251-272, mai.-ago. 2008. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbee/a/KcdBYJMmkpgvtp8yNbb5xTk/?lang=pt>>. Acesso em: 15 jun. 2021.

MARQUES, Patrícia Batista; CASTANHO, Marisa Irene Siqueira. O que é a escola a partir do sentido construído por alunos. *Revista Psicologia Escolar e Educacional*, SP, v. 15, n. 1, p. 23-33, jan./jun. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/j/pee/a/cFhY4m7NZp6Q3YCCxgtMkcb/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 25 mai. 2021.

MARTINS, Vanessa. Adolescente que atirou contra colegas no Colégio Goyases é liberado de centro de internação de Anápolis. G1 Goiás, Goiânia, 15 mai. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/go/goias/noticia/2020/05/15/adolescente-que-atirou-contra-colegas-no-colegio-goyases-e-liberado-de-centro-de-internacao-de-anapolis.ghtml>>. Acesso em: 26 jun. 2020.

MATOS, Manu. Terrace House - a subversão dos reality shows. Formiga Elétrica, 8 ago. 2018. Disponível em: <<https://formigaeletrica.com.br/seriados/terrace-house/#:~:text=Os%20participantes%20tem%20em%20m%C3%A9dia,que%20queriam%20ter%20novas%20experi%C3%AAs>>. Acesso em: 17 mai. 2021.

MELLO, Flávia Carvalho Malta et al. A prática de bullying entre escolares brasileiros e fatores associados, Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2015. *Revista Ciência e Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 22, p. 2.939-2.948, set. 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413-81232017229.12762017>>. Acesso em: 9 jun. 2021.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. A violência social sob a perspectiva da saúde pública. *Revista Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 10 (supl. 1), p. 7-18, 1994. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/csp/a/dgQ85GcNMfTCPByHzZTK6CM/?lang=pt>>. Acesso em: 25 mai. 2021.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. *Revista Educação*, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 07-32, 1999. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4125089/mod_resource/content/1/Roque-Moraes_Analise%20de%20conteudo-1999.pdf>. Acesso em: 23 jul. 2020.

NA BAHIA, adolescente mata dois, fere dois e se declara terrorista. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 06 fev. 2004. Cotidiano. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0602200416.htm>>. Acesso em: 28 mai. 2020.

NISKIER, Rachel. Prevenção da violência contra crianças e adolescentes: do conceito ao atendimento - campanha permanente da Sociedade Brasileira de

Pediatria. *Residência Pediátrica*, janeiro/abril 2012, v. 2, n. 1, p. 12-16. Disponível em: <<http://www.residenciapediatrica.com.br/detalhes/38/prevencao-da-violencia-contra-criancas-e-adolescentes--do-conceito-ao-atendimento---campanha-permanente-da-sociedade-brasileira-de-pediatria>>. Acesso em: 17 mai. 2021.

OLIVEIRA, Camilla Pereira; HONÓRIO, Bruno. Cultura do cancelamento. O que é? Do que se alimenta? Como se reproduz? In: *MUTATO*, fev. 2020. Disponível em: <http://rgbonline09.com.br/_mutato/assets/core/publica/testes-download/01-cultura-do-cancelamento.pdf>. Acesso em: 5 abr. 2021.

OLIVEIRA, Paulo Alves de. *A mulher e o ensino-aprendizagem agropecuário: violência e bullying nas vivências e cotidianidades escolares*. 2018. 100 f. Dissertação (Mestrado em Ensino, Currículo e Saberes Docentes) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso, Cuiabá, 2018.

OLIVEIRA, Thelma Alves de et al. *Compreendendo o adolescente*. Deborah Toledo Martins, Roberto Bassan Peixoto (orgs.). 2. ed. Curitiba: Secretaria de Estado da Criança e da Juventude, 2010. 72 p.

OLWEUS, Dan. *Conductas de acoso y amenaza entre escolares*. 2. ed. Madrid: Morata, 2004. Disponível em: <<https://books.google.com.co/books?id=S0wSk71uQz0C&printsec=frontcover&hl=es#v=onepage&q&f=false>>. Acesso em: 9 abr. 2020.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. *Violência escolar e bullying: relatório sobre a situação mundial*. Brasília: UNESCO, 2019. 54 p. Disponível em: <<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000368092>>. Acesso em: 1 set. 2019.

PAOLIELLO, Silbene Rosa. *Violação dos direitos humanos e bullying no ensino médio*. 2020. 90 f. Dissertação (Mestrado em Ensino) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso, Cuiabá, 2020.

PAULA, Rodrigo Augusto dos Santos. *Sistema informatizado para auxiliar na descoberta de possíveis casos de bullying em uma instituição de ensino na cidade de Ituverava-SP*. 2018. 71 f. Dissertação (Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica) – Instituto Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, 2018.

PAVIANI, Jayme. Conceitos e formas de violência. In: MODENA, Maura Regina (org.). *Conceitos e formas de violência*. Caxias do Sul, RS: Educs, 2016. p. 8-20.

PEREIRA, Maria Irenilda. *Entenda o que é cultura do cancelamento e quais suas origens*. Publicado em 16 fev. 2021. Vídeo 12:26 min. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8NQLI9T05OQ>>. Acesso em: 29 abr. 2021.

PEREIRA, Ricardo Alexandre. *Bullying escolar: desenvolvimento de estratégias de enfrentamento em cursos de ensino técnico integrado de nível médio*. 2019. 111 f. Dissertação (Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica) – Instituto Federal do Paraná, Curitiba, 2019.

PERNAMBUCO. Lei n. 13.995, de 22 de dezembro de 2009. Dispõe sobre a inclusão de medidas de conscientização, prevenção, diagnose e combate ao bullying escolar no projeto pedagógico elaborado pelas escolas públicas e privadas de educação básica do Estado de Pernambuco, e dá outras providências. Disponível em:

<<https://legis.alepe.pe.gov.br/texto.aspx?tiponorma=1&numero=13995&complemento=0&ano=2009&tipo=&url=>>. Acesso em: 27 jun. 2021.

PIGOZI, Pamela Lamarca; MACHADO, Ana Lúcia. Bullying na adolescência: visão panorâmica no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva* [online], Rio de Janeiro, v. 20, n. 11, p. 3509-3522, nov.2015. ISSN 1678-4561. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/pdf/csc/v20n11/1413-8123-csc-20-11-3509.pdf>>. Acesso em: 29 jul. 2020.

PIMENTEL, Álamo. Escola, educação e gestão da vida. *Revista Ponto de Vista*, Florianópolis, n. 3/4, p. 145-159, 2002. Disponível em:

<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/pontodevista/article/view/1413/1503>>. Acesso em: 11 jun. 2021.

POMBO, Olga. A estátua de Glauco ou afinal o que é a escola. *ResearchGate*, jan. 2010. Disponível em:

<https://www.researchgate.net/profile/Olga-Pombo/publication/286920155_A_Estatua_de_Glauco_ou_afinal_o_que_e_a_Escola_a_Glaucus'_Statue_or_What_is_School_After_All/links/5ec1cbf4299bf1c09ac4b9c2/A-Estatua-de-Glauco-ou-afinal-o-que-e-a-Escola-Glaucus-Statue-or-What-is-School-After-All.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2021.

PONDÉ, Luiz Felipe. *A cultura do cancelamento na internet*. Vídeo 5:35 min.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=_nBxXm5viQQ>. Acesso em: 4 abr. 2021.

PRUDENCIANO, Gregory. Autor dos crimes em escola primária de SC sofria bullying e maltratava animais. *CNN*, São Paulo, 04 mai. 2021. Nacional. Disponível em:

<<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/2021/05/04/autor-dos-crimes-em-escola-primaria-de-sc-sofria-bullying-e-maltratava-animais>>. Acesso em: 20 jun. 2021.

RABELO, Janaína. Banalização da violência. In: *Entrevista | Para educadora, banalização da violência e 'glamorização das armas' preocupam*. Publicado em 23 mar. 2019. Vídeo 9 min. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=O1kJUkRgAHo>>. Acesso em: 11 jun. 2021.

RIBEIRO, Marcos Vinicius. O debate marxista sobre o papel da violência na história. In: *XXIX Simpósio Nacional de História - contra os preconceitos: história e democracia*, Brasília, 2017. *Anais eletrônicos...* Disponível em:

<https://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1502664144_ARQUIVO_texto_completo.pdf>. Acesso em: 26 mai. 2021.

RIO DE JANEIRO. Lei n. 5.089, de 06 de outubro de 2009. Dispõe sobre a inclusão de medidas de conscientização, prevenção e combate ao *Bullying* escolar no projeto pedagógico elaborado pelas escolas públicas do Município do Rio de Janeiro e dá outras providências. Disponível em:

<<http://mail.camara.rj.gov.br/APL/Legislativos/contlei.nsf/50ad008247b8f030032579ea0073d588/4c9e0552c0dbfe4d032576ac00727b52?OpenDocument>>. Acesso em: 13 jun. 2021.

RIO DE JANEIRO. Lei n. 5.645, de 06 de janeiro de 2010. Consolida a legislação relativa às datas comemorativas no Estado do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://alerjln1.alerj.rj.gov.br/CONTLEI.NSF/c8aa0900025feef6032564ec0060dfff/53ff854eddeb3f4883257686005f4d70?OpenDocument>>. Acesso em: 14 jun. 2021.

RIO DE JANEIRO. Lei n. 6.084, de 22 de novembro de 2011. Institui o Programa de Conscientização e Prevenção contra o Assédio Moral, a Violência, inclusive pela rede mundial de computadores, nas escolas e universidades públicas e privadas do Estado do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://alerjln1.alerj.rj.gov.br/CONTLEI.NSF/c8aa0900025feef6032564ec0060dfff/9f6a44aadcd4d3cb4832579510063b100>>. Acesso em: 13 jun. 2021.

RIO DE JANEIRO. Lei n. 6.401, de 05 de março de 2013. Institui a “Semana de Combate ao *Bullying* e ao *Cyberbullying*” nas escolas públicas da rede estadual do Rio de Janeiro, altera a lei estadual n. 5.645, de 6 de janeiro de 2010, e dá outras providências. Disponível em: <<https://gov-rj.jusbrasil.com.br/legislacao/1034304/lei-6401-13?print=true>>. Acesso em: 13 jun. 2021.

RIO DE JANEIRO. Lei n. 7.253, de 08 de abril 2016. Altera a lei n. 6.084 de 22 de novembro de 2011, que institui o programa de prevenção e conscientização do assédio moral e violência no âmbito do Estado do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://alerjln1.alerj.rj.gov.br/CONTLEI.NSF/c8aa0900025feef6032564ec0060dfff/4f3f00af2766328f83257f93005ad309?OpenDocument>>. Acesso em: 13 jun. 2021.

RIO GRANDE DO SUL. Lei n. 13.474/2010, de 28 de junho de 2010. Dispõe sobre o combate da prática de “bullying” por instituições de ensino e de educação infantil, públicas ou privadas, com ou sem fins lucrativos. Disponível em: <<http://www.al.rs.gov.br/filerepository/repLegis/arquivos/13.474.pdf>>. Acesso em: 13 jun. 2021.

RISTUM, Marilena. *Bullying escolar*. In: ASSIS, Simone Gonçalves de (org.). *Impactos da violência na escola: um diálogo com professores*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2010. p. 95-119.

_____. *Violência na escola, da escola e contra a escola*. In: ASSIS, Simone Gonçalves de (org.). *Impactos da violência na escola: um diálogo com professores*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2010. p. 65-93.

RONDINA, João Marcelo; MOURA, Julia Lucila; CARVALHO, Mônica Domingues de. *Cyberbullying: o complexo bullying da era digital*. *Revista de Saúde Digital e Tecnologias Educacionais*, Fortaleza, CE, v. 1, n. 1, p. 20-41, jan./jul. 2016. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufc.br/resdite/article/view/4682>>. Acesso em: 27 abr. 2020.

SANCHES, Mariana. O que é a 'cultura de cancelamento'. *BBC News Brasil*, 25 jul. 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-53537542>>. Acesso em: 4 abr. 2021.

_____. O que 'sinal de OK' retratado como racista nas redes revela sobre a 'cultura de cancelamento'. *BBC News Brasil*, 21 jul. 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-53458452>>. Acesso em: 29 abr. 2021.

SANTA CATARINA. Lei n. 14.651, de 12 de janeiro de 2009. Institui o programa de combate ao *bullying*, de ação interdisciplinar e de participação comunitária nas escolas públicas e privadas do Estado de Santa Catarina. Disponível em: <<https://leisestaduais.com.br/sc/lei-ordinaria-n-14651-2009-santa-catarina->>. Acesso em: 13 jun. 2021.

SANTOS FILHO, José Camilo dos; GAMBOA, Silvio Sánchez (org.). Pesquisa educacional: quantidade-qualidade. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

SANTOS, Luana Cristina Silva. *Condutas autolesivas e bullying em adolescentes de Sergipe*. 2017. 109 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2017.

SÃO PAULO. Lei n. 14.957, de 16 de julho de 2009. Dispõe sobre a inclusão de medidas de conscientização, prevenção e combate ao *bullying* escolar no projeto pedagógico elaborado pelas escolas públicas de educação básica do Município de São Paulo. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/sp/s/sao-paulo/lei-ordinaria/2009/1496/14957/lei-ordinaria-n-14957-2009-dispoe-sobre-a-inclusao-de-medidas-de-conscientizacao-prevencao-e-combate-ao-bullying-escolar-no-projeto-pedagogico-elaborado-pelas-escolas-publicas-de-educacao-basica-do-municipio-de-sao-paulo-e-da-outras-providencias-2009-07-16-versao-original>>. Acesso em: 13 jun. 2021.

SEQUELAS podem se manter na vida adulta e prejudicar carreira. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 04 jun. 2006. Cotidiano. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0406200608.htm>>. Acesso em: 28 mai. 2020.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. *Bullying: mentes perigosas nas escolas*. 2. ed. São Paulo: Globo, 2015.

SILVA, Gabriele Albuquerque. *Políticas educacionais, conflitividade e convivência escolar entre adolescentes: intervenções político-pedagógicas no IFRS - Campus Sertão*. 2017. 150 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2017.

SOTOMAYOR, María Luisa. U-Report: los niños y los jóvenes, agentes del cambio social. In: FUNDO INTERNACIONAL DE EMERGÊNCIA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA. *Poner fin al tormento: enfrentando el acoso de la escuela al ciberespacio*. Nova Iorque: UNICEF, 2016. p. 8-15.

SOUZA, Kellcia Rezende; KERBAUY, Maria Teresa Miceli. Abordagem quanti-qualitativa: superação da dicotomia quantitativa-qualitativa na pesquisa em educação. In: *Educação e Filosofia*, Uberlândia, v. 31, n. 61, p. 21-44, jan./abr. 2017. ISSN 0102-6801. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/29099/21313>>. Acesso em: 3 set. 2020.

SOUZA, Lélia Castro de. Quando o bullying na escola afeta a vida adulta. *Revista da Associação Brasileira de Psicopedagogia* [online], [S.l.], v. 36, p. 153-162, 2019. ISSN 0103-8486. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoped/v36n110/04.pdf>>. Acesso em 29 jul. 2020.

SOUZA, Mirian Rodrigues de. Violência nas escolas: Causas e consequências. In: *Caderno Discente do Instituto Superior de Educação*, Aparecida de Goiânia, n. 2, p. 119-136, 2008. Disponível em: <<http://www.faculdadealfredonasser.edu.br/files/pesquisa/Artigo%20VIOL%C3%8ANCIA%20NAS%20ESCOLAS%20-%20CAUSAS%20E%20CONSEQU%C3%8ANCIAS.pdf>>. Acesso em: 19 mai. 2021.

SUICÍDIO abre debate sobre cyberbullying no Canadá. *BBC Brasil*, Brasília, 16 out. 2012. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2012/10/121015_amanda_todd_ru>. Acesso em: 07 jun. 2020.

TEIXEIRA, Alessandra. Banalização da violência. In: *Dallagnol admite veracidade de mensagens - Naturalização da Violência - Bom Para Todos*. Publicado em 09.08.2019. Vídeo 1h06min14seg. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=V9ApN5HA0PE>>. Acesso em: 11 jun. 2021.

TOGNETTA, Luciene Regina Paulino. Violência na escola: Os sinais de bullying e o olhar necessário aos sentimentos. In: PONTES, Aldo; LIMA, Valéria Scomparim de (org.). *Construindo saberes em educação*. Porto Alegre: Zouk, 2005. 112 p.

VARGAS, André. O massacre de Suzano. *ISTO É*, [S.l.], n. 2568, 15 mar. 2019. Comportamento. Disponível em: <<https://istoe.com.br/o-massacre-de-suzano/>>. Acesso em: 30 jun. 2020.

VASCONCELOS, Flávia Maria dos Santos. *Meninas empoderadas: um estudo sobre resiliência e bullying entre pares na escola*. 2018. 183 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Culturas e Identidades) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2018.

VELOSO, Vandoval Rodrigues et al. Vitimização por bullying e fatores associados em estudantes brasileiros com idade de 13 a 17 anos: estudo populacional. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, São Paulo, v. 23, p. 1-14, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1980-549720200097>>. Acesso em: 9 jun. 2021.

VIEIRA, Kauê. Bullying, abandono e saúde mental: os verdadeiros responsáveis

pela tragédia de Suzano. *Hypeness*, [S.l.], mar. 2019. Disponível em: <<https://www.hypeness.com.br/2019/03/bullying-abandono-e-saude-mental-os-verdadeiros-responsaveis-pela-tragedia-de-suzano/>>. Acesso em: 30 jun. 2020.

WILLIANS, Nelson. Linchamento virtual: a cultura do cancelamento. *Estúdio Folha*, 10 fev. 2021. Disponível em: <<https://estudio.folha.uol.com.br/nelson-wilians/2021/02/linchamento-virtua-a-cultura-do-cancelamento.shtml>>. Acesso em: 29 abr. 2021.

ANEXO – Produto Educacional

O Produto Educacional (PE) é parte imprescindível no trabalho de conclusão de curso do PROFEPT para a obtenção do título de Mestre em Educação Profissional e Tecnológica, além da elaboração de uma dissertação ou artigo científico. O PE tem que ter “aplicabilidade imediata” e levar em consideração a tipologia estabelecida pela área de ensino (IFES, 2020).

O PE é um objeto de aprendizagem que será desenvolvido a partir de um trabalho de pesquisa científica com o objetivo de contribuir para a prática profissional de docentes da educação básica (ROCHA, 2019). Há várias possibilidades de um produto educacional: atividade de extensão, blog, cartilha, desenvolvimento de aplicativos, jogo educativo, livro, manual, minicurso, palestra, programa de rádio ou televisão, roda de conversa, sequência didática, site, videoaula, vídeo educativo, dentre outras.

De acordo com Rocha (2019), na prática, o PE pode agregar valor ao programa de mestrado, facilitando os processos de trabalho de docentes e estudantes, servindo de modelo para ser implementado em diversas instituições de ensino. Este produto deve ser pensado de forma ampla para impactar a educação de um modo prático.

Para esta pesquisa foi escolhido como produto educacional uma cartilha. A cartilha, quando de seu surgimento, era compreendida como um compêndio para aprender a ler. Hoje em dia, pode ser concebida como um instrumento de divulgação científica.

Silva (2003) expõe que a cartilha é um guia instrutivo e uma ferramenta linguística, que faz uma descrição e instrumentalização do idioma e, simultaneamente, é compreendida como um manual de comportamento e conduta, com a finalidade de formar um indivíduo conforme os valores de determinada comunidade.

Collares (2015) revela que nos anos de 1870 a 1980 a cartilha era considerada como uma ferramenta de propagação e influência de pensamentos, concepções ideológicas e políticas. A sociedade capitalista fez uso da cartilha, porque ao mesmo tempo em que formava também inculcia a ideologia dominante. Neste período, a cartilha era um recurso didático destinado para alfabetização do

público infantil, com um conteúdo limitado, pois seu propósito era funcionar como um “pré-livro” indicado para um “pré-leitor”. A cartilha também poderia constituir-se como elemento de modificação ou preservação da realidade. Bem como um instrumento de dominação do Estado.

Para Giordani e Pires (2020) a cartilha é um recurso que apresenta de modo ameno e dinâmico um assunto. É um material informativo e educativo, embasado em conhecimentos científicos. Precisa conter texto, com uma linguagem clara e objetiva, prezando pela veracidade das informações, e imagens ilustrativas coloridas. Levar em consideração seu público-alvo. Ter no máximo 14 laudas. Apresentar um visual atrativo e interessante. Também pode incluir jogos, passatempos, historinhas em quadrinhos etc.

A cartilha é um instrumento educativo que apresenta informações relevantes, de compreensão fácil e com uma linguagem acessível, podendo ter um alcance massivo. Além disso, a forma como é estruturada pode despertar o interesse do público adolescente.

Dessa forma, o presente estudo teve como produto educacional a Cartilha “Chega de *Bullying!* Por uma cultura de paz”, que tem por finalidade servir de material de consulta e apoio para que estudantes compreendam o que é o *bullying*, sua gravidade e como forma de combatê-lo. Além de poder ser utilizado pelas escolas como instrumento de suporte conjuntamente com as ações de enfrentamento e combate ao fenômeno.

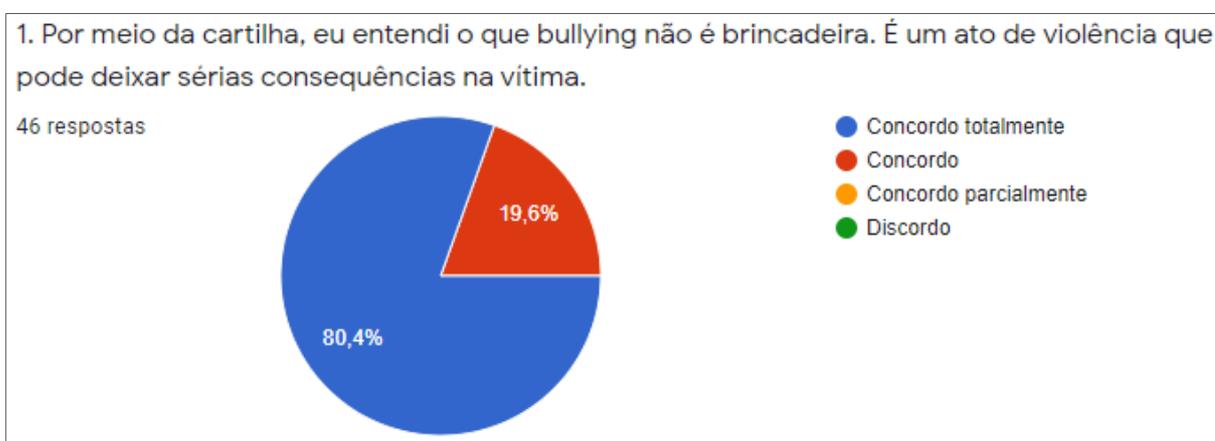
A elaboração da cartilha contou com a colaboração do ilustrador Victor Ernesto Silveira Silva, que com seus desenhos com traços de mangás¹⁹ juntamente com o texto contribuiu para descrever e caracterizar o fenômeno do *bullying*, aproximando-se de maneira significativa do universo adolescente.

A Cartilha está organizada da seguinte forma: Apresentação, com uma breve explicação da finalidade da cartilha, e sete perguntas, visando provocar a reflexão sobre a temática: Afinal, o que é *bullying*? Quem são os envolvidos no *bullying*? Quais são os tipos de *bullying*? O *cyberbullying* e a cultura do cancelamento é a mesma coisa? Quais são as consequências do *bullying*? O que fazer para ajudar uma vítima de *bullying*? O que é a cultura de paz e como promovê-la? E ao final são apresentadas as Referências.

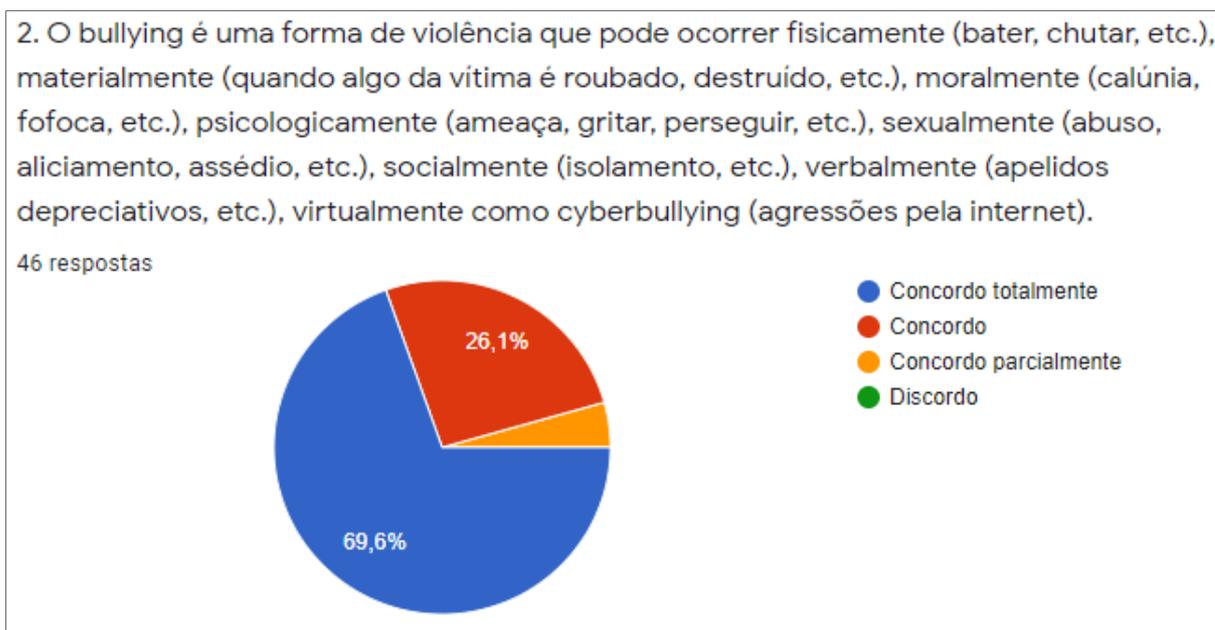
¹⁹ Ilustrações baseadas na cultura japonesa (<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/quando-surgiram-os-primeiros-mangas-e-animes/>).

Com relação à avaliação desta cartilha, foi elaborado um questionário on-line no *Google Forms* com cinco perguntas, o qual foi apreciado por 46 estudantes dos cursos Técnico em Agropecuária, Técnico em Alimentos e Técnico em Química do IF Baiano – Campus Catu.

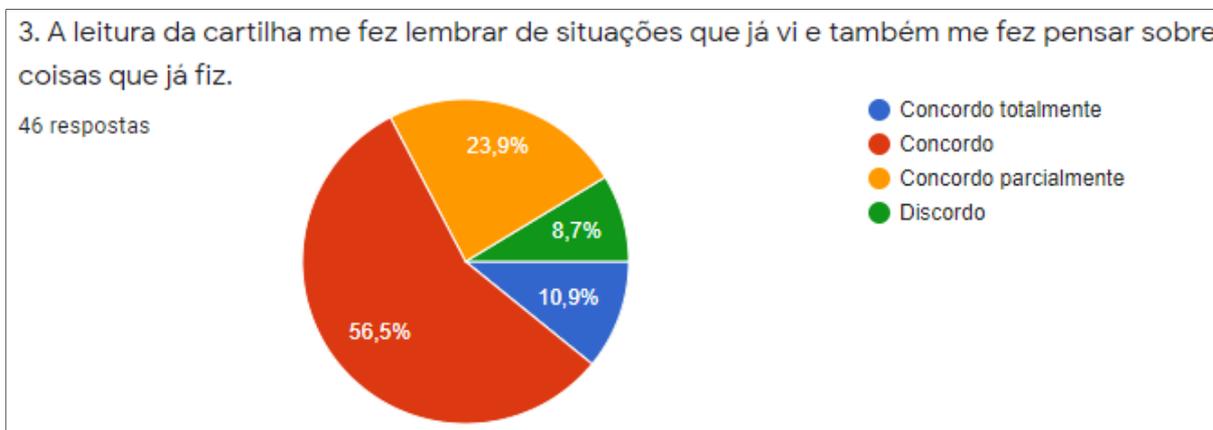
No tocante aos resultados deste questionário, para a 1ª pergunta 80,4% concordam totalmente e 19,6% concordam que por meio desta cartilha foi possível compreender que o *bullying* não é brincadeira, que é um ato de violência que pode deixar sérias consequências na vítima.



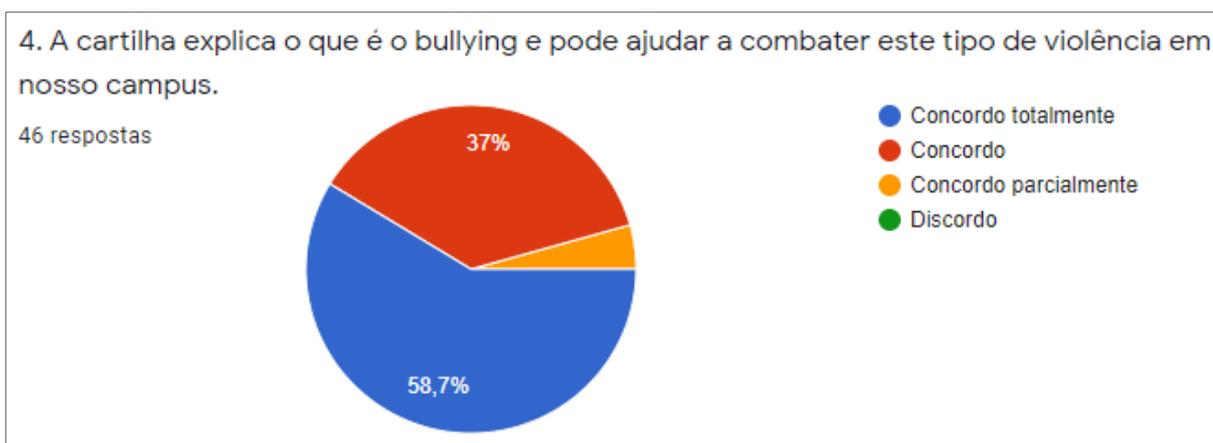
Na 2ª pergunta 69,6% concordam totalmente, 26,1% concordam e 4,3% concordam parcialmente que o *bullying* é uma espécie de violência que pode ocorrer física, material, moral, psicológica, sexual, verbal e virtualmente.



Na 3ª pergunta 56,5% concordam, 23,9% concordam parcialmente e 10,9% concordam totalmente que a leitura desta cartilha os fizeram recordar do fenômeno do *bullying* observado ou praticado. E 8,7% discordam.



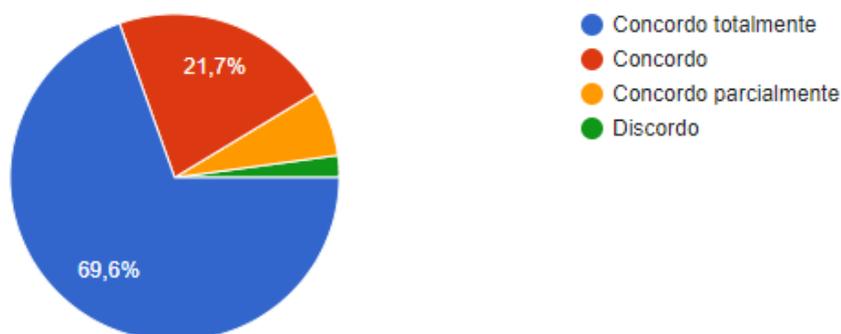
Na 4ª pergunta 58,7% concordam totalmente, 37% concordam e 4,3% concordam parcialmente que a cartilha explica o que é o *bullying* e pode ajudar a combater este tipo de violência no campus.



Na 5ª pergunta 69,6% concordam totalmente, 21,7% concordam e 6,5% concordam parcialmente que recomendaria esta cartilha aos amigos e colegas de outras escolas. Apenas 2,2% discordam.

5. Eu recomendaria esta cartilha sobre Combate ao Bullying aos meus amigos e à colegas que estudam em outras escolas.

46 respostas



Dessa forma, os resultados apresentados mostram que a cartilha foi bem aceita e que é um instrumento relevante que pode contribuir para disseminar informações sobre o bullying e fomentar uma cultura de paz nas escolas.

Referências

COLLARES, Solange Aparecida de Oliveira. A origem da cartilha no Brasil como instrumento privilegiado de controle do estado. In: EDUCERE - XII CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2015, Curitiba. *Anais...* Curitiba: EDUCERE, 2015, p. 25.298-25.312. Disponível em: <https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/17575_7459.pdf>. Acesso em: 26 mai. 2021.

GIORDANI, Anney Tojeiro; PIRES, Priscila Aparecida Borges Ferreira. *Normas editoriais, orientação aos autores: cartilhas*. Cornélio Procópio: Editora UENP, 2020. Disponível em: <<https://uenp.edu.br/editora-docs/livraria/16770-editora-uenp-normas-editoriais-orientacao-aos-autores-cartilhas/file>>. Acesso em: 25 mai. 2021.

INSTITUO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. *Regulamento Geral do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional*. Espírito Santo: IFES, 2020. Disponível em <<https://profept.ifes.edu.br/regulamentoprofept/regu>>. Acesso em: 9 mai. 2021.

PIGOZI, Pamela Lamarca; MACHADO, Ana Lúcia. Bullying na adolescência: visão panorâmica no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva* [online], Rio de Janeiro, v. 20, n. 11, p. 3509-3522, nov.2015. ISSN 1678-4561. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/csc/v20n11/1413-8123-csc-20-11-3509.pdf>>. Acesso em: 29 jul. 2020.

ROCHA, Paulo César. O que é o produto educacional no PROFEPT? Publicado em 15 jun. 2019. Vídeo 5:56 min. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=sKZeJ3YybW4>>. Acesso em: 13 mai. 2021.

SILVA, Mariza Vieira da. Cartilha. In: Enciclopédia Discursiva da Cidade - ENDICI. Laboratório de Estudos Urbano (NUDECRI/UNICAMP). 2003. Disponível em: <<https://www.labeurb.unicamp.br/endici/index.php?r=verbete%2Fview&id=49>>. Acesso em: 25 mai. 2021.

APÊNDICE – Cartilha

CHEGA DE BULLYING!

POR UMA CULTURA DE PAZ

Rosemary Magalhães Lima

Patrícia Oliveira

Ilustrações:
Victor Silveira



PROFEPT
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA



**INSTITUTO
FEDERAL**

Baiano

Campus
Catu

2021

Apresentação

Diariamente a escola é cenário de intolerância, desrespeito, agressão e violência. O *bullying* é uma das violências mais preocupantes.

Estudos mostram as consequências prejudiciais do fenômeno *bullying* para todos os envolvidos (autor, vítima e testemunha).

Conhecer e identificar o *bullying* é um caminho para a prevenção, o combate e a conscientização.

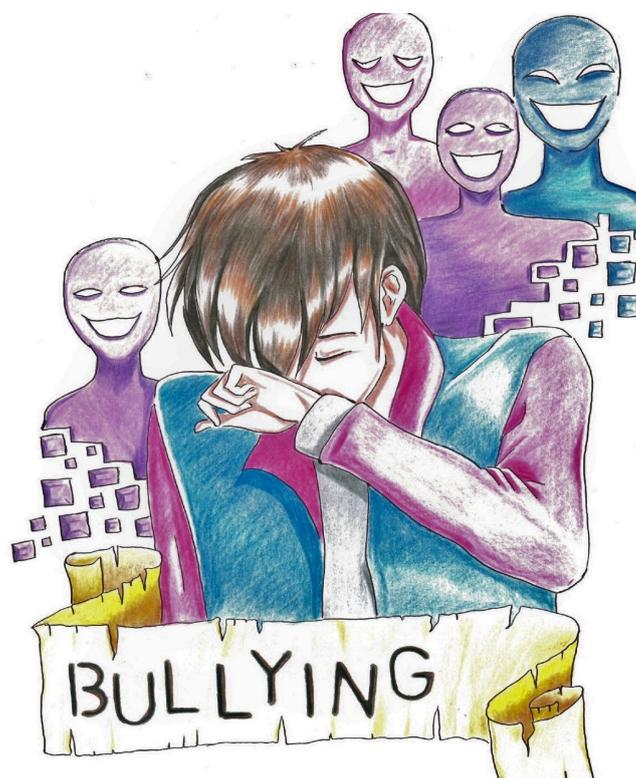
Para tanto foi elaborada a cartilha “Chega de Bullying! Por uma cultura de paz”. Esta cartilha corresponde ao Produto Educacional de uma pesquisa de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica.

Nesta cartilha, as informações sobre o *bullying* são apresentadas com uma linguagem clara e acessível.

Relembrando que uma das formas de combater o *bullying* é a partir do conhecimento.

Leia-a, compartilhe suas informações e dissemine uma cultura de paz.

Bullying, jamais!



SUMÁRIO

Afinal, o que é *bullying*? **04**

Quem são os envolvidos no *bullying*? **05**

Quais são os tipos de *bullying*? **06**

Cyberbullying e a cultura do cancelamento é a mesma coisa? **07**

Quais são as consequências do *bullying*? **08**

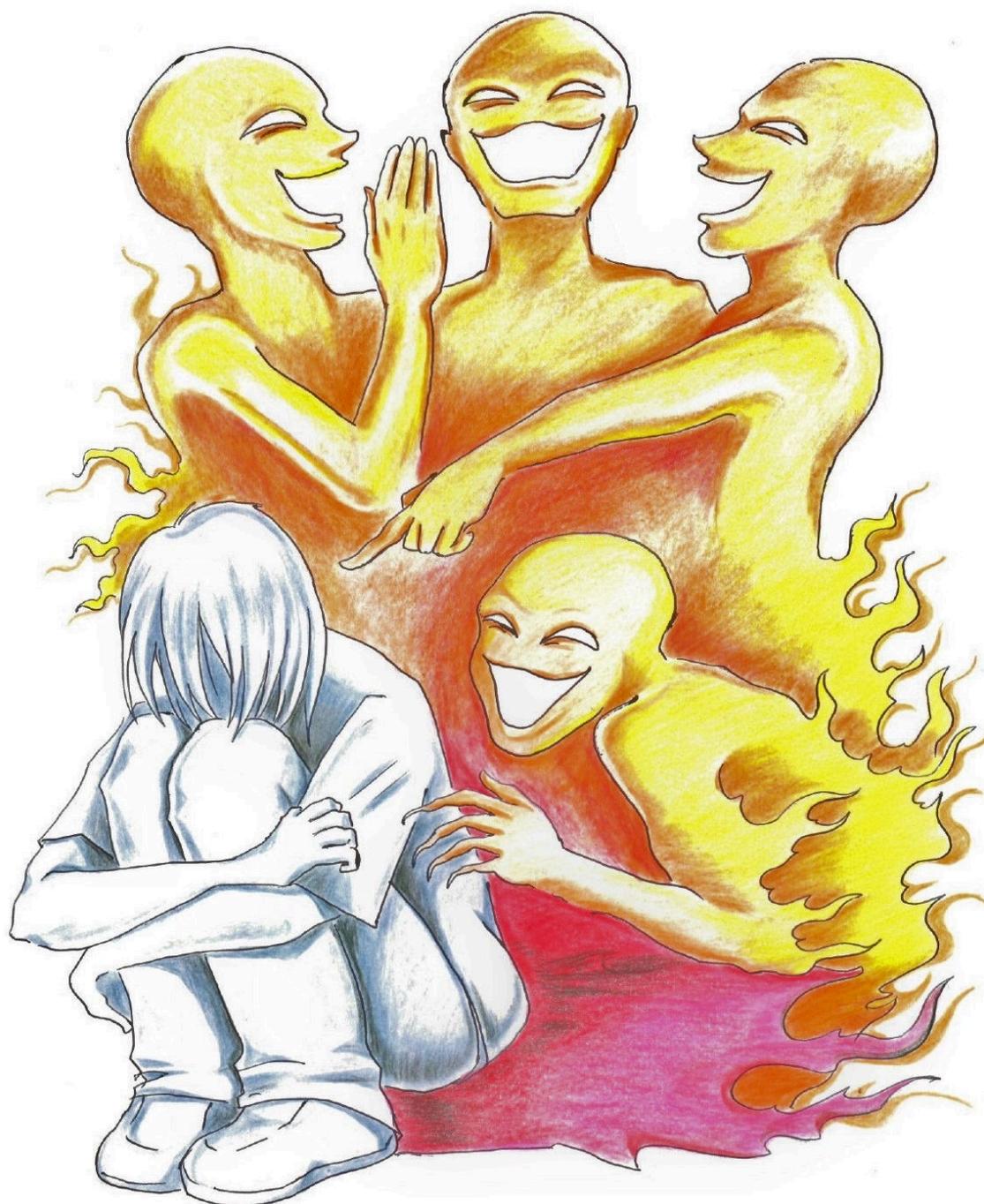
O que fazer para ajudar uma vítima de *bullying*? **09**

O que é a cultura de paz e como promovê-la? **10**

Referências **11**

Afinal, o que é *bullying*?

Bullying é toda atitude violenta, realizada de modo voluntário e repetitivo, que acontece sem motivo aparente, praticada por um estudante ou um grupo contra outro(s) estudante(s), provocando angústia e dor, numa relação de desigualdade de poder.



Quem são os envolvidos no *bullying*?

É possível identificar três envolvidos.

Autor - quem pratica o *bullying*. Em geral, é popular e tem uma postura de líder.

Vítima - quem sofre o *bullying*. Em geral, é tímida(a), frágil e tem alguma característica considerada marcante, como usar óculos, ser baixinho(a) etc.

Testemunha – quem observa o *bullying*.



Quais são os tipos de *bullying*?

Físico: bater, chutar, empurrar, puxar, socar.

Material: danificar, furtar, roubar, destruir pertences da vítima.

Moral: caluniar, difamar, disseminar rumores, fuxicar.

Psicológico: ameaçar, amedrontar, aterrorizar, chantagear, dominar, gritar, infernizar, intimidar, manipular, perseguir, pirraçar.

Sexual: abusar, assediar, induzir.

Social: excluir, ignorar, isolar.

Verbal: apelidar depreciativamente, insultar, xingar.

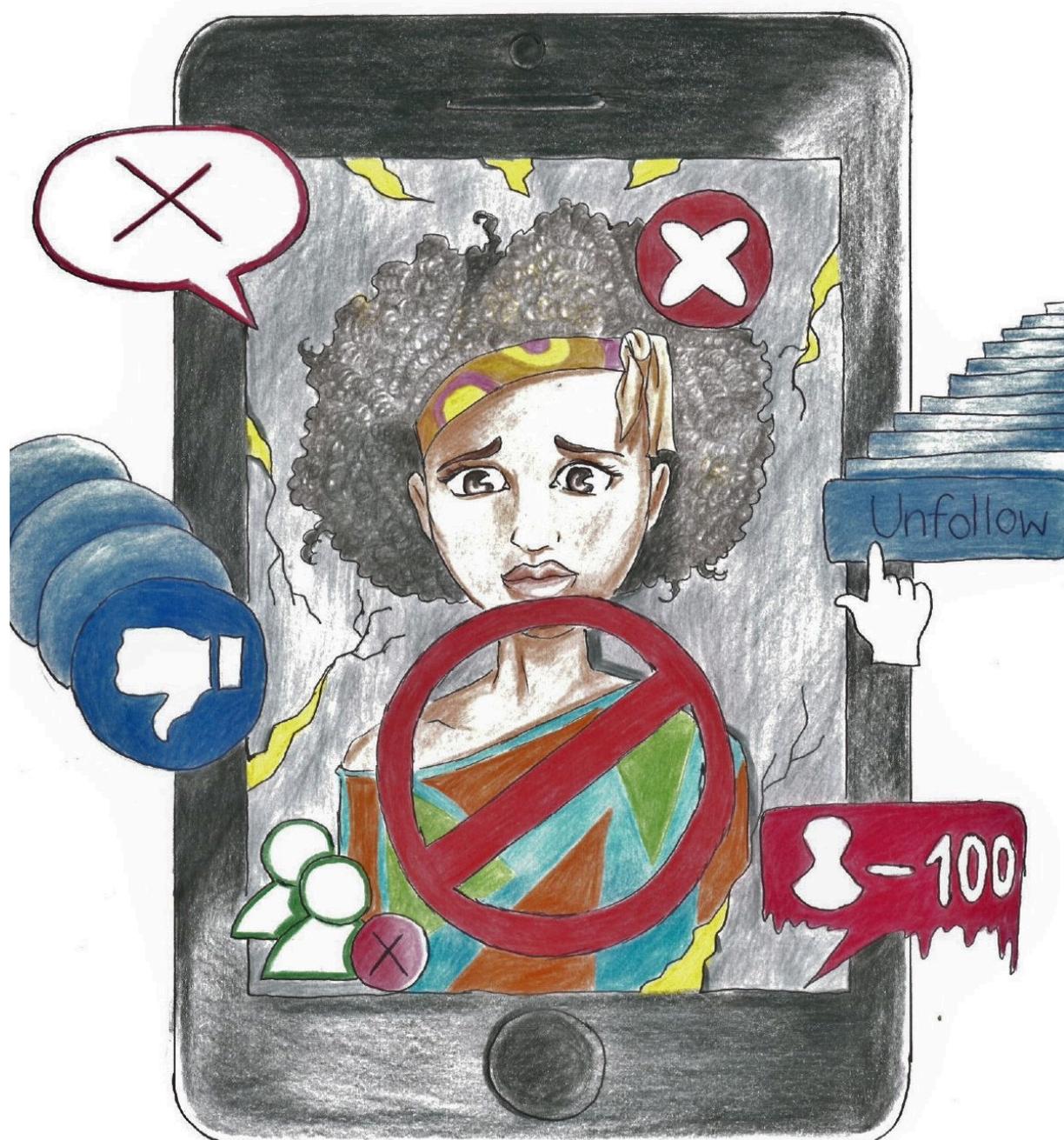
Virtual ou Cyberbullying: usa os recursos da internet para adulterar fotos e dados pessoais, depreciar, incitar à violência.



Cyberbullying e a cultura do cancelamento é a mesma coisa?

O **cyberbullying** utiliza os recursos digitais (mídias sociais, e-mail, blog, site etc.) para agredir suas vítimas, de modo repetitivo, numa relação de desigualdade de poder.

Enquanto que a **cultura do cancelamento** é realizada pelas mídias sociais (Facebook, Instagram, Twitter, Youtube etc.), através de uma única postagem, encaminhada para vários internautas, para incitar a exclusão de pessoas, perda de seguidores etc.



Quais são as consequências do *bullying*?

O *bullying* pode deixar marcas e trazer sérias consequências para a vida de todos os envolvidos (autor, vítima e testemunha), além de seus familiares, sua comunidade escolar e quiçá da sociedade.

As consequências do *bullying* são: anorexia; ansiedade; baixa autoestima; bulimia; depressão; fobia escolar; fobia social; sintomas psicossomáticos (calafrios, cansaço, crise de asma, diarreia, dor de cabeça, náuseas, palpitações, sudorese, tremores etc.); queda no rendimento escolar; transtorno de ansiedade generalizada; transtorno do pânico; transtorno obsessivo-compulsivo (TOC) etc. Em casos menos frequentes: esquizofrenia, homicídio e suicídio.



O que fazer para ajudar uma vítima de *bullying*?

A vítima, por medo, não procura ajuda. Por isso é relevante os pais, os amigos e a comunidade escolar estar atenta para identificar o *bullying*.

Caso seja testemunha de uma situação de *bullying*, comunique ao seu professor ou à direção da escola. Converse com a vítima, fazendo com que se sinta mais tranquila e protegida. Acolher, respeitar e auxiliar podem contribuir para amenizar os efeitos do *bullying*.



O que é a cultura de paz e como promovê-la?

A cultura de paz é um conjunto de ações que tem o diálogo e a mediação como formas de resolução de conflitos, sem o uso da violência e respeitando os direitos, a pluralidade e a maneira de pensar e agir de cada pessoa.

Para promover a cultura de paz em sua escola é preciso: aceitar e respeitar as singularidades de seus colegas; ter atitudes cordiais e gentis; rejeitar e denunciar práticas de *bullying* ou qualquer outro tipo de violência; ajudar sempre que for preciso; evitar o uso de violência para resolução de problemas; valorizar a amizade; semear a paz através de boas atitudes.



Referências

BRASIL. Lei n. 13.185, de 6 de novembro de 2015. Institui o programa de combate à intimidação sistemática (bullying). Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13185.htm>. Acesso em: 23 ago. 2019.

CHIARI, Breno da Silva et al. A cultura do cancelamento, seus efeitos sociais negativos e injustiças. *ETIC - Encontro de Iniciação Científica do Centro Universitário Antonio Eufrásio de Toledo de Presidente Prudente*, v. 16, n. 16, 2020. Disponível em: <<http://intertemas.toledoprudente.edu.br/index.php/ETIC/article/view/8763>>. Acesso em: 4 abr. 2021.

FANTE, Cleo. *Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. 2. ed. Campinas: Verus, 2005.

LOPES NETO, Aramis Antonio. Bullying - comportamento agressivo entre estudantes. In: *Jornal de Pediatria*, v. 81, n. 5 (Supl), Rio de Janeiro, 2005, p.164-172. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0021-75572005000700006>>. Acesso em: 25 ago. 2019.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. Cultura de paz: da reflexão à ação; balanço da década internacional da promoção da cultura de paz e não violência em benefício das crianças do mundo. Brasília: UNESCO; São Paulo: Associação Palas Athena, 2010. 256 p.

RISTUM, Marilena. Bullying escolar. In: ASSIS, Simone Gonçalves de (org.). *Impactos da violência na escola: um diálogo com professores*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2010. p. 95-119.

SANCHES, Mariana. O que é a 'cultura de cancelamento'. *BBC News Brasil*, 25 jul. 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-53537542>>. Acesso em: 4 abr. 2021.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. *Bullying: mentes perigosas nas escolas*. 2. ed. São Paulo: Globo, 2015.

TOGNETTA, Luciene Regina Paulino. Violência na escola: Os sinais de bullying e o olhar necessário aos sentimentos. In: PONTES, Aldo; LIMA, Valéria Scomparim de (org.). *Construindo saberes em educação*. Porto Alegre: Zouk, 2005. 112 p.